



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2021

Yulin Qiao

**A compreensão semântica dos tempos pretéritos do
indicativo por aprendentes chineses de português**



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2021

**Yulin Qiao A compreensão semântica dos tempos pretéritos do
indicativo por aprendentes chineses de português**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira, Investigadora Doutorada do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho àqueles que comigo caminham: marido,
pais, família, professores e amigos...

谨以此文献给那些一路上陪伴我成长的人：我的老公、父母、家
人、老师和朋友们... ..

O júri

Presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais

Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Prof.^a. Doutora Sílvia Isabel do Rosário Ribeiro

Professora Adjunta Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda – Universidade de Aveiro (arguente)

Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira

Investigadora Doutorada do Centro de Línguas, Literatura e Culturas da Universidade de Aveiro (orientadora)

Agradecimentos

A redação desta dissertação de mestrado foi um grande desafio. Gostaria, por isso, de agradecer a todas as pessoas que me apoiaram e ajudaram na conclusão de tão difícil tarefa. Agradeço, em especial, à minha querida orientadora, a Doutora Emília Oliveira, pela paciência e compreensão nos momentos de mais intenso labor, pela orientação cuidadosa e profissional, pela confiança que depositou em mim e nas minhas capacidades, pela sua amizade. Gostaria, também, de agradecer a todos os meus professores do Departamento de Línguas e Culturas, por me terem transmitido importantes conhecimentos sobre a Língua Portuguesa, que influenciarão toda a minha vida. Deixo um agradecimento especial ao meu Professor Carlos Morais, assim como à Dra. Noémia Gomes, cujo apoio se revelou fundamental para que eu conseguisse terminar este mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda. Estou igualmente muito grata ao meu marido e aos meus pais, pela dedicação silenciosa e pelo constante incentivo para que eu concluísse os meus estudos com sucesso. Por fim, gostaria de agradecer a todos os colegas e amigos que participaram no questionário, sem cuja colaboração não conseguiria levar a bom porto este trabalho de investigação. Agradeço, sobretudo, à minha grande amiga portuguesa Mariana Quintanilha, pela sua incansável ajuda, pelo seu companheirismo e amizade, tão importantes para quem, como eu, vive num país estrangeiro. A todas estas pessoas que contribuíram para que eu, muitos anos depois ter concluído a licenciatura, não desistisse de prosseguir estudos e de concretizar os meus sonhos, o meu muito obrigada! É justamente graças ao amor e perseverança que me transmitiram que aqui cheguei, disposta a continuar!

Palavras-chave

Tempos verbais, pretérito perfeito (simples e composto) do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) do indicativo, Português, Língua Estrangeira, Mandarim, alunos chineses

Resumo

Com a presente dissertação pretendemos identificar e estudar as dificuldades que os alunos chineses tendem a sentir no uso dos diferentes tempos do pretérito do indicativo. No primeiro capítulo, com base em bibliografia alusiva ao tema, refletiremos sobre a classe morfológica dos verbos em geral e, em especial, sobre a formação e o emprego dos tempos pretéritos do indicativo. Estabeleceremos, também, algumas comparações entre o Português e o Mandarim no que respeita à maneira de exprimir ações/estados passados (porque no Mandarim não existe a noção de tempo verbal). No segundo capítulo, analisaremos as diferenças semânticas entre os pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo. O terceiro capítulo será dedicado à apresentação e análise dos dados obtidos de um inquérito lançado a aprendentes chineses de Português, com o objetivo de conhecer e avaliar a sua compreensão semântica dos tempos do pretérito do indicativo. No final do nosso trabalho de investigação, sistematizaremos as razões que poderão explicar as dificuldades observadas e apresentaremos estratégias que possam não apenas auxiliar os alunos de Português Língua Estrangeira a ultrapassá-las como também contribuir para que os professores compreendam melhor as dificuldades dos seus alunos e atinjam com mais facilidade o difícil objetivo de combinar a teoria e com a prática educacional.

Keywords

Verbal tenses, past simple, past continuous, past perfect, Portuguese as a foreign language, Mandarin, Chinese students

Abstract

With this dissertation we intend to identify and study the difficulties that Chinese students tend to feel in using the different past tenses of the indicative. In the first chapter, based on bibliography alluding to the theme, we will reflect on the morphological class of verbs in general and on the formation and use of the past tenses of the indicative. We will also establish some comparisons between Portuguese and Mandarin regarding the way of expressing past actions/states (because in Mandarin there is no notion of tense). In the second chapter, we will analyze the semantic differences between the past simple, past continuous and past perfect of the indicative. The third chapter will be dedicated to the presentation and analysis of data obtained from a survey launched to Chinese learners of Portuguese, with the aim of knowing and evaluating their semantic understanding of the past tenses of the indicative. At the end of our research work, we will systematize the reasons that may explain the difficulties observed and we will present strategies that can not only help Portuguese as a Foreign Language students to overcome them, but also help teachers better understand the difficulties of their students and more easily achieve the difficult goal of combining theory and educational practice.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I. Enquadramento Teórico	4
1.1. O verbo em Português – noções preliminares	4
1.1.1. Flexões	4
1.1.2. Classificação	7
1.1.3. Conjugações	8
1.1.4. Estrutura	9
1.2. Pretérito perfeito simples do indicativo	9
1.2.1. Formação	9
1.2.2. Emprego	11
1.3. Pretérito perfeito composto do indicativo	14
1.3.1. Formação	14
1.3.2. Emprego	14
1.4. Pretérito imperfeito do indicativo	17
1.4.1. Formação	17
1.4.2. Emprego	18
1.5. Pretérito imperfeito progressivo do indicativo.....	21
1.5.1. Formação	21
1.5.2. Emprego	22
1.6. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	23
1.6.1. Formação do pretérito mais-que-perfeito simples	23
1.6.2. Formação do pretérito mais-que-perfeito composto	25
1.6.3. Emprego	25
Capítulo II. Tempos do pretérito em Português – análise comparativa	29
2.1. Localização temporal	29
2.2. Distinções semânticas	31
Capítulo III. Análise do inquérito	34
3.1. Apresentação geral do inquérito	34

3.2. Análise da primeira parte do inquérito – caracterização sociolinguística dos inquiridos	36
3.2.1. Faixa etária	36
3.2.2. Sexo	37
3.2.3. Língua materna	38
3.2.4. Duração da aprendizagem de Português	38
3.2.5. Língua mais utilizada em contexto lusófono	39
3.2.6. Grau de ensino	40
3.2.7. Objetivos profissionais.....	40
3.2.8. Nível de proficiência em Língua Portuguesa	41
3.3. Análise da segunda parte do inquérito – exercícios	41
3.3.1. Resultados do exercício I	42
3.3.1.1. Resultados do exercício I.1	42
3.3.1.2. Resultados do exercício I.2	43
3.3.1.3. Resultados do exercício I.3	43
3.3.1.4. Resultados do exercício I.4	44
3.3.2. Resultados do exercício II	45
3.3.2.1. Resultados do exercício II.1	45
3.3.2.2. Resultados do exercício II.2	46
3.3.2.3. Resultados do exercício II.3	47
3.3.2.4. Resultados do exercício II.4	48
3.3.2.5. Resultados do exercício II.5	49
3.3.2.6. Resultados do exercício II.6	50
3.3.2.7. Resultados do exercício II.7	51
3.3.2.8. Resultados do exercício II.8	52
3.3.3. Resultados do exercício III	53
3.3.3.1. Resultados do exercício III.1	53
3.3.3.2. Resultados do exercício III.2	54
3.3.3.3. Resultados do exercício III.3	55
3.3.3.4. Resultados do exercício III.4	56

3.3.3.5. Resultados do exercício III.5	57
3.3.4. Resultados do exercício IV	58
3.3.4.1. Resultados do exercício IV.1	58
3.3.4.2. Resultados do exercício IV.2	58
3.3.4.3. Resultados do exercício IV.3	60
3.3.4.4. Resultados do exercício IV.4	60
3.3.5. Resultados do exercício V	61
3.3.5.1. Resultados do exercício V.1	61
3.3.5.2. Resultados do exercício V.2	62
3.3.5.3. Resultados do exercício V.3	63
3.3.5.4. Resultados do exercício V.4	64
3.3.6. Resultados do exercício VI	65
3.3.6.1. Resultados do exercício VI.1	65
3.3.6.2. Resultados do exercício VI.2	67
3.3.6.3. Resultados do exercício VI.3	68
3.3.6.4. Resultados do exercício VI.4	69
3.4. Análise dos resultados	70
3.4.1. Análise comparativa do desempenho dos grupos A e B	77
3.4.1.1. Exercícios com taxas de acerto mais díspares	80
3.4.1.2. Exercícios com taxas de acerto mais próximas	80
3.5. Influência da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira	81
3.5.1. Fenómenos de interferência do Mandarim	81
3.6. Semelhanças e diferenças entre o Chinês e o Português	86
3.6.1. Semelhanças	86
3.6.2. Diferenças	87
3.7. Estratégias facilitadoras da aprendizagem	87
Conclusão	91

Introdução

As línguas estrangeiras são pontes de comunicação entre países. O Português é uma das poucas línguas amplamente faladas no mundo, sendo a terceira mais usada, depois do inglês e do espanhol. É interessante verificar que o Português é também uma das línguas oficiais de Macau, mantendo, na China, estatuto equivalente ao do Mandarim.

Nos dias que correm, são vários os exemplos de políticas de benefício mútuo desenvolvidas simultaneamente por países de expressão portuguesa e pela China, que assentam no reforço de intercâmbios culturais e económicos entre países e visam a promoção conjunta do seu desenvolvimento. Basta que recordemos a constituição do grupo formado pelos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul), a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” ou mesmo o Fórum Sino-Português. Os campos de cooperação são cada vez mais numerosos, abrangendo, neste momento, áreas tão diversas quanto o comércio, o investimento, as infraestruturas, as finanças, o direito, a imigração e a emigração, os intercâmbios culturais juvenis, etc.

Com o fortalecimento das trocas económicas entre a China e os países lusófonos, aprender a língua portuguesa tornou-se uma escolha de muitos alunos que gostam de aprender línguas estrangeiras. No entanto, há dois fatores fundamentais que afetam a aprendizagem e o desenvolvimento dos aprendentes de Português em muitas universidades chinesas. Em primeiro lugar, o ensino do Português como língua estrangeira encontra-se em fase de desenvolvimento nas universidades chinesas, não tendo ainda, por isso, atingido a maturidade em muitos aspectos. O método de ensino do idioma tem algumas limitações, e os recursos materiais usados no ensino universitário são parcos e dispersos.

O segundo fator, como bem lembra a professora Wang Suoying, é a enorme diferença entre as línguas chinesa e portuguesa: “Qualquer professor nativo de português, quando começa a dar aulas para os estudantes de origem chinesa, nota logo

que, em comparação com os estudantes de países ocidentais, os chineses cometem mais erros gramaticais, por exemplo, confundir a conjugação dos verbos, trocar o género das palavras, e outros mais. Pergunta-se então, porque é que tem acontecido isso? A resposta é muito simples: porque a gramática chinesa e a gramática portuguesa são totalmente diferentes.” *A língua portuguesa na China* (2001, p. 12):

De todas as classes morfológicas, o verbo é seguramente a mais complexa da gramática portuguesa. Variável em número, pessoa, modo, tempo, aspeto e voz, esta classe de palavras levanta numerosos problemas concernentes à sua utilização. Uma das maiores dificuldades que se apresentam a aprendizes de Português enquanto Língua Estrangeira é a compreensão dos diferentes valores semânticos que os tempos do pretérito podem assumir. A inexistência de uma abordagem mais profunda e sistemática deste tópico nas aulas de PLE e a interferência da língua materna dos aprendizes chineses contribuem para que grande parte dos alunos não compreenda cabalmente os valores semânticos expressos pelos verbos quando conjugados nos pretéritos imperfeito, perfeito (simples e composto) e mais-que-perfeito (simples e composto) do indicativo.

Pretende-se, assim, que esta dissertação seja uma reflexão sobre as dificuldades que os alunos chineses tendem a sentir no uso dos diferentes tempos do pretérito do indicativo. No primeiro capítulo, com base na bibliografia colhida e lida sobre o tema, refletiremos sobre a classe morfológica dos verbos em geral e, em especial, sobre a formação e o emprego dos tempos pretéritos do indicativo. Estabeleceremos também algumas comparações entre o Português e o Mandarim no que respeita à maneira de exprimir ações/estados passados (porque no Mandarim não existe a noção de tempo verbal). No segundo capítulo, analisaremos as diferenças semânticas entre os pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo. O terceiro capítulo será dedicado à apresentação e análise dos dados obtidos de um inquérito lançado a aprendentes chineses de Português, que visa conhecer e avaliar a sua compreensão semântica dos tempos do pretérito do indicativo. No final do nosso trabalho de investigação, sistematizaremos as razões que poderão explicar as dificuldades

observadas e apresentaremos estratégias que possam não apenas auxiliar os alunos de Português Língua Estrangeira a ultrapassá-las como também contribuir para que os professores compreendam melhor as dificuldades dos seus alunos e atinjam com mais facilidade o difícil objetivo de combinar a teoria e com a prática educacional.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

1.1. O verbo em Português – noções preliminares

Para compreendermos claramente o emprego do pretérito do indicativo em Português, devemos, em primeiro lugar, refletir sobre a categoria morfológica dos verbos.

Na gramática, o predicado é um dos termos essenciais da oração, juntamente com o sujeito. Define-se o predicado como tudo aquilo que se diz ou o que se declara sobre o sujeito, ou tudo aquilo que se informa sobre o sujeito, que é o termo com o qual o verbo concorda. Ora, uma frase deve expressar uma ideia completa por meio de uma forma verbal.

Há verbos que expressam ação, os verbos significativos, e há verbos que expressam estado, os verbos de ligação, assim chamados porque a sua função é ligar o predicativo do sujeito ao sujeito.

1.1.1. Flexões

Os **verbos** variam em **número, pessoa, modo, tempo e aspeto e voz**. Obviamente, os verbos, como palavras que expressam ações, situações, estados ou mudanças de estado, têm um papel muito importante na estrutura da frase. Como afirmam Cunha & Cintra (2016, p. 377), “VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo (...) O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.”

O **modo** refere-se à maneira como a pessoa que fala perspetiva o que enuncia, isto é, reflete as várias atitudes que o falante pode assumir em relação ao facto enunciado (certeza, dúvida, suposição, ordem, etc.). Há cinco modos em Português, a

saber: indicativo, conjuntivo, imperativo, condicional e infinitivo.

Cunha & Cintra (2016, p. 447) definem assim o modo do indicativo: “Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal”.

O **tempo** verbal refere-se ao momento em que ocorre a ação indicada pelo verbo. Os verbos portugueses têm três tempos básicos, a saber, o presente, o pretérito e o futuro. Porém, O pretérito do indicativo inclui o pretérito perfeito simples do indicativo, o pretérito perfeito composto do indicativo, o pretérito imperfeito de indicativo, o pretérito mais-que-perfeito do simples do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo. O estudo da compreensão semântica destes tempos é precisamente o principal objetivo deste nosso trabalho de investigação.

O quadro que abaixo apresentamos sintetiza os modos e os tempos verbais em Português:

MODOS	TEMPOS
Indicativo	<p>Presente: <i>trabalho</i></p> <p>Pretérito { imperfeito: <i>trabalhava</i> perfeito { simples: <i>trabalhei</i> composto: <i>tenho trabalhado</i> mais-que-perfeito { simples: <i>trabalhara</i> composto: <i>tinha trabalhado</i></p> <p>Futuro { simples: <i>trabalharei</i> composto: <i>terei trabalhado</i></p>
Conjuntivo	<p>Presente: <i>trabalhe</i></p> <p>Pretérito { imperfeito: <i>trabalhasse</i> perfeito: <i>tenha trabalhado</i> mais-que-perfeito: <i>tivesse trabalhado</i></p> <p>Futuro { simples: <i>trabalhar (se eu trabalhar)</i> composto: <i>tiver trabalhado (se eu tiver trabalhado)</i></p>
Imperativo	<i>trabalha</i> (tu); <i>trabalhai</i> (vós)
Condicional	simples: <i>trabalharia</i> composto: <i>teria trabalhado</i>
Infinitivo	simples: <i>trabalhar</i> composto: <i>ter trabalhado</i>

Quadro geral dos modos e tempos (voz ativa)

Fonte: Borregana, 2004, p. 176

Sobre o **aspeto** verbal, referem Cunha & Cintra (2016, p. 380): “Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, a ASPECTO designa «uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo». Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.” A definição do aspeto verbal assenta na “clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, do outro.

Resumidamente, podemos considerar o aspeto perfetivo, o aspeto imperfetivo, o aspeto momentâneo, o aspeto durativo, o aspeto incoativo, o aspeto frequentativo e o aspeto cessativo.

Quanto à flexão em **voz**, conforme referem Cunha & Cintra (2016, pp. 382-383), existem três formas: voz ativa, quando a ação é *praticada* pelo sujeito; voz passiva, quando a ação é *sofrida* pelo sujeito; voz reflexiva, quando a ação é *praticada e sofrida* pelo sujeito.

O verbo varia também em **número e pessoa**. Há três pessoas: 1.^a pessoa, 2.^a pessoa e 3.^a pessoa, para os dois números, singular e plural.

De acordo com Cunha & Cintra (2016, p. 378), “o verbo possui três PESSOAS relacionadas directamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.”

pessoa	singular	plural
1. ^a pessoa	<i>eu</i>	<i>nós</i>
2. ^a pessoa	<i>tu</i>	<i>vós</i>
	<i>você</i>	<i>vocês</i>
3. ^a pessoa	<i>ele, ela</i>	<i>eles, elas</i>

Quadro: Pessoas do verbo (pronomes pessoais retos).

Fonte: Ye, 2009, p. 7

1.1.2. Classificação

Os **verbos** dividem-se entre **regulares e irregulares**; os primeiros não alteram o radical verbal em toda a conjugação; os segundos alteram o radical verbal em algumas das suas formas. (Borregana, 2004, p.182). Os regulares seguem certas regras de conjugação, mas mudam na desinência. Os padrões de conjugação dos três tipos de verbos são diferentes. Vejam-se os exemplos abaixo apresentados (pretérito do indicativo):

Verbos regulares:

trabalhar: *trabalhei, trabalhava, trabalhara*. — radical **trabalh-**

aprender: *aprendi, aprendia, aprendera* — radical **aprend-**

partir: *parti, partia, partiu, partira* — radical **part-**

Verbos irregulares:

ser: *fui, era, fora*

trazer: *trouxe, trazia, trouxera*

vir: *vim, vinha, viera*

1.1.3. Conjugações

Segundo Cunha & Cintra (2016, p. 385), “CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.”

Existem **três conjugações** em Português:

A 1.^a conjugação compreende os verbos que têm como vogal temática¹ *-a-*:

estud-a-r fic-a-r rem-a-r

A 2.^a conjugação abarca os verbos que têm como vogal temática *-e-*:

respond-e-r. aprend-e-r faz-e-r

A 3.^a conjugação compreende os verbos que têm como vogal temática *-i-*:

dorm-i-r sub-i-r abr-i-r

De acordo com Wang (1999, p. 277), o verbo *pôr* pertence à **4.^a conjugação**, pelo facto de a sua terminação ser diferente das demais, *-ar*, *-er*, *-ir*. Levando em

¹ Vogal que se acrescenta a alguns radicais, antes das desinências.

consideração essa diferença, os gramáticos incluíram o verbo e seus derivados (*propor, supor, repor, etc.*) numa 4.^a conjugação.

1.1.4. Estrutura

O verbo é composto de radical e terminação. Os todos verbos portugueses terminam em *-ar, -er, -ir* ou *-or*. Removida a terminação (= vogal temática + sufixo de infinitivo), a parte restante é o radical (Wang, 1999, p. 249). Por exemplo, os infinitivos dos verbos *tratar, beber, sentir* são formados por:

Tratar = *trat-* (radical) + *-ar* (vogal temática + sufixo de infinitivo)

Beber = *beb-* (radical) + *-er* (vogal temática + sufixo de infinitivo)

Sentir = *sent-* (radical) + *-ir* (vogal temática + sufixo de infinitivo)

1.2. Pretérito perfeito simples do indicativo

1.2.1. Formação

O **tempo** reflete o momento em que uma ação ocorre. Cada tempo obedece a padrões de conjugação diferentes. No pretérito perfeito simples do indicativo removemos as terminações *-ar, -er, -ir* e *-or* e adicionamos as terminações próprias desse tempo verbal ao radical. O quadro abaixo mostra os modelos de conjugação dos verbos regulares e do verbo irregular *pôr*:

verbo pessoa	1. ^a conjugação (<i>estud-ar</i>)	2. ^a conjugação (<i>beb-er</i>)	3. ^a conjugação (<i>abr-ir</i>)	4. ^a conjugação (<i>p-ôr</i>)
<i>eu</i>	<i>estud-ei</i>	<i>beb-i</i>	<i>abr-i</i>	<i>p-us</i>
<i>tu</i>	<i>estud-aste</i>	<i>beb-este</i>	<i>abr-iste</i>	<i>p-useste</i>
<i>ele, ela, você</i>	<i>estud-ou</i>	<i>beb-eu</i>	<i>abr-iu</i>	<i>p-ôs</i>
<i>nós</i>	<i>estud-ámos</i>	<i>beb-emos</i>	<i>abr-imos</i>	<i>p-usemos</i>
<i>vós</i>	<i>estud-astes</i>	<i>beb-estes</i>	<i>abr-istes</i>	<i>p-usestes</i>
<i>eles, elas, vocês</i>	<i>estud-aram</i>	<i>beb-eram</i>	<i>abr-iram</i>	<i>p-useram</i>

Quadro: Conjugação dos verbos regulares no pretérito perfeito simples do indicativo

Fonte: Ye, 2008, p. 114

Eis a conjugação do **pretérito perfeito simples do indicativo** de alguns **verbos irregulares**:

<i>dar</i>	<i>dei, deste, deu, dêmos, deram</i>
<i>obter</i>	<i>obtive, obtiveste, obtive, obtivemos, obtiveram</i>
<i>ler</i>	<i>li, leste, leu, lemos, leram</i>
<i>estar</i>	<i>estive, estiveste, estive, estivemos, estiveram</i>
<i>fazer</i>	<i>fiz, fizeste, fez, fizemos, fizeram</i>
<i>haver</i>	<i>houve</i>
<i>ir/ser</i>	<i>fui, foste, foi, fomos, foram</i>
<i>poder</i>	<i>pude, pudeste, pôde, pudemos, puderam</i>
<i>querer</i>	<i>quis, quiseste, quis, quisemos, quiseram</i>
<i>saber</i>	<i>soube, soubeste, soube, soubemos, souberam</i>
<i>sair</i>	<i>saí, saíste, saiu, saímos, saíram</i>
<i>ter</i>	<i>tive, tiveste, teve, tivemos, tiveram</i>
<i>trazer</i>	<i>trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxeram</i>
<i>ver</i>	<i>vi, viste, viu, vimos, viram</i>
<i>vir</i>	<i>vim, vieste, veio, viemos, vieram</i>
<i>dizer</i>	<i>disse, disseste, disse, dissemos, disseram</i>

Quadro: Conjugação de verbos irregulares no pretérito perfeito simples do indicativo

Fonte: Ye, 2008, pp. 114 -115

No pretérito perfeito simples do indicativo, existe uma particularidade: alguns verbos são irregulares apenas na conjugação da 1.ª pessoa do singular.

Os verbos terminados em *-gar*, *-car* e *-çar*, para se manter inalterada a pronúncia do verbo original (g,c,ç), conjugam-se da seguinte forma na primeira pessoa do singular:

i) Verbos terminados em **-gar**:

Entregar: *entreguei, entregaste, entregou, entregamos, entregaram*

ii) Verbos terminados em **-car**:

Ficar: *fiquei, ficaste, ficou, ficámos, ficaram*

iii) Verbos terminados em **-çar**:

Começar: *comecei, começaste, começou, começámos, começaram*

1.2.2. Emprego

O significado literal do pretérito perfeito simples não é difícil de entender; exprime um acontecimento/estado passado e completo.

Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (2013, p. 517) afirmam que “o pretérito perfeito é usado para localizar temporalmente uma situação como anterior ao momento da enunciação (ou seja, é um tempo do passado).”

Cunha & Cintra (1990, p. 453.) referem que “a FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para «descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente»”.

Já Ye (2008, p. 11) refere que “indica uma ação ou comportamento que foi concluído antes de falar.”

Assim, usamos o pretérito perfeito para indicar uma ação que foi concluída no momento da fala e aconteceu no passado, independentemente de ter acontecido ou não (Wang, 1999, p. 286; Li, 2010, pp. 377-378).

1. Portanto, numa frase cujo verbo esteja no pretérito perfeito simples do indicativo, aparecem frequentemente advérbios temporais ou locuções, do tipo: *ontem, anteontem, na semana passada, no mês passado, no ano passado, etc.*

a. *Eu **fiz** anos ontem.*

b. *Ela **participou** numa palestra na semana passada.*

c. *Nós **combinámos** ir juntos à biblioteca anteontem.*

2. Quando nos referimos a um certo número de vezes, usamos o pretérito perfeito.

a. ***Vi** a série de televisão biográfica sobre Ruy de Carvalho quatro vezes.*

b. ***Comi** nesta pastelaria apenas uma vez.*

3. Quando esta estrutura “há + período de tempo” está a ser usada no pretérito perfeito simples do indicativo (significando “há quanto tempo atrás”), não podemos colocá-la no início da frase:

- a. *Eu **vim** a Aveiro há mais de um ano.*
- b. *O João **estudou** Mandarin há três anos.*

Observações:

De acordo com Ye (2008, p. 155), ambos os exemplos expressam “o número de vezes”, mas o significado é completamente diferente:

- a. ***Estou** em Aveiro há mais de um ano.*
- b. *O João **estudou** Mandarin há três anos.*

4. O pretérito perfeito simples também é usado em perguntas e respostas sobre algo que foi feito/concluído:

- a. *Carlos **veio a pé**? — Não, ele **ficou** na escola. (Li, 2010, p. 377)*
- b. *Você **viu** onde eu pus a caneta? — Eu **vi** a caneta em cima da mesa. (Li, 2010, p. 377)*

5. Ao referirmo-nos a algum feito ou acontecimento dentro de um determinado período de tempo, devemos usar o pretérito perfeito:

- a. *O meu irmão **participou** no exército dez anos.*
- b. *Durante três meses, ele **esteve** ocupado.*

6. Usamos o advérbio *já* antes do verbo para exprimir que algum acontecimento ou estado foi concluído num tempo incerto no passado.

- a. *Ele já **foi** camionista.*
- b. *Já **viu** o filme chinês Olá, Mãe?*

Notas:

i. O advérbio *já* pode ter outro significado, nomeadamente, *agora mesmo*,

imediatamente. Nesse caso, usamos o presente do indicativo.

Vou já! Já vou! (Wang, 1999, p. 353)

ii. Na linguagem falada diariamente, quando a oração subordinada está no futuro do conjuntivo, o verbo da oração subordinante (principal) pode ser usado no pretérito perfeito para substituir o futuro composto, ou para indicar uma ação concluída no futuro. Porém, deve ser usado com o advérbio *já*:

- a. *Quando acabares o curso eu **já acabei** o doutoramento. (terei acabado)* (Li, 2010, p. 378)
- b. *Quando ele for para a África, tu **já compraste** a tua casa. (terás comprado)*

7. Usamos os advérbios *ainda não*, *nunca*, *jamais* antes de um verbo no pretérito perfeito para indicar um comportamento ou ação que ainda não se realizou até ao momento em que se fala. Por exemplo:

- a. *A minha filha nunca **gostou** de ver chimpanzé.*
- b. *Ainda não **fui** à Coreia do Sul.*
- c. *Jamais **provei** este tipo de comida.*

Nota: na verdade, os advérbios *nunca* e *jamais* também podem ter um significado futuro; podemos usá-los com o futuro do presente simples do indicativo:

- a. *Nunca **esquecerá** (= *Jamais*) *aquele dia*.*
- b. *Jamais (= *Nunca*) **dirá** esse segredo a ninguém.*

8. Além disso, na linguagem falada diariamente, quando a oração subordinada está no futuro do conjuntivo, o verbo da oração subordinante (principal) no pretérito perfeito pode substituir o futuro composto, para indicar uma ação concluída no futuro. Contudo, deve ser usado com o advérbio *já*:

- a. *Quando acabares o curso eu **já acabei** o doutoramento. (terei acabado)*
- b. *Quando o pedro for para a África, tu **já compraste** a tua casa. (terás comprado)*

9. De acordo a Wang (1999, pp. 417-419), algumas conjunções/locuções temporais (*quando, ao passo que, apenas, mal, assim que..., logo que, antes que, etc.*) acompanhadas do pretérito perfeito expressam um facto passado:

a. *Quando eu frequentei na escola secundária, meu irmão frequentou a escola primária.*

b. *Apenas cheguei à casa, a filha correu em minha direção e me abraçou. (= Logo que)*

c. *Não a vi desde que eu terminei o curso na universidade.*

1.3. Pretérito perfeito composto do indicativo

1.3.1. Formação

De acordo com Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (2013, p. 528), “o pretérito perfeito composto é formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no presente do indicativo e pelo participípio do verbo pleno da perífrase verbal”.

<i>tenho</i>	ou	<i>hei</i>	<i>estudado (escrito, partido, posto)</i>
<i>tens</i>		<i>hás</i>	
<i>tem</i>		<i>há</i>	
<i>temos</i>		<i>havemos</i>	
<i>têm</i>		<i>hãõ</i>	

Quadro: Formação no pretérito perfeito composto do indicativo

Fonte: Wang & Lu, 1999, p. 284

1.3.2. Emprego

Segundo os mesmos autores (loc. cit.), “do ponto de vista temporal, este tempo expressa a duração de uma situação iniciada no passado, que abrange o momento da enunciação e que pode continuar para além do tempo da enunciação. Trata-se de um tempo sem limite final definido, isto é, imperfectivo, ao contrário do que o seu nome indica.”

Assim:

2. Denota uma ação que ocorreu no passado e continua até ao presente, sendo frequentemente usado com palavras ou frases como *a partir de*, *desde*, *ultimamente*, etc. (Wang, 1999, p. 284)
 - a. *Eu **tenho treinado** no parque público a partir do mês passado.*
 - b. *Nestes meses, desde a sua participação, o nosso grupo **tem melhorado** em todos os aspetos.*

Acrescenta Li (2010, p. 379) que o pretérito perfeito composto geralmente tem esse significado; se traduzido para o Chinês, é equivalente a “recentemente sempre”. A uma frase de pretérito perfeito composto sem adverbial temporal podemos, pois, adicionar o advérbio *ultimamente*, sem que isso altere o seu significado. Além disso, este tempo pode ser usado com alguns advérbios/locuções de tempo, *nos últimos dias /meses/ anos, nas últimas horas /semanas, nestes últimos dias, até agora, até ao presente*. Por exemplo:

- a. *O João **tem estudado** nos últimos dias.*
- b. *Ultimamente, eu **tenho escrito** a minha tese.*
- c. *Ela **tem trabalhado** com esforço até agora.*

Observação: No entanto, os adjuntos adverbiais temporais cujo significado seja oposto à ideia de continuidade até ao presente não podem ser usados numa frase com um pretérito perfeito composto (por exemplo: *ontem, anteontem, há pouco, há semanas, há anos, há algum tempo, há muito tempo, no domingo passado, na quarta-feira, na semana passada, no mês passado, o ano passado, há dois anos ou datas passadas*):

- a. **Em 1999 **tenho feito** muitas compras. (Li, 2010, p. 379)*
- b. ****Tenho lido** o Camões o ano passado. (Li, 2010, p. 379)*
- c. ****Ele tem colecionado** selos há dez anos. (Li, 2010, p. 379)*

2. A forma composta exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua

continuidade até ao presente em que falamos. Exemplos:

- a. **Tenho lutado** contra a adversidade e tenho compreendido os homens. (Cochat Osório, *CV*, 134.)
- b. **Tenho escrito** bastantes poemas. (Fernando Pessoa, *OP*, 175.)
- c. **Temos sofrido** muitas consequências da pandemia de Covid-19. (nestes dois anos)
- d. A produção de tratores **tem aumentado** (nos últimos anos).
- e. O Manuel **tem feito** os exercícios de matemática. (regularmente) (Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes, 2013, p. 529)

Observação: Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (2013, p. 529), propõem uma comparação interessante com o pretérito perfeito simples. Referem que tanto a repetição das situações como o período de tempo alargado que é necessário para permitir essa repetição podem ser explicitamente mencionados por adjuntos adverbiais adequados. Esses adjuntos reforçam o valor aspetual inerente a este tempo composto, dando informação adicional sobre o tempo alargado ou sobre a iteração. Os valores de continuidade temporal e de iteração do pretérito perfeito composto tornam-se particularmente claros quando este tempo é comparado com o pretérito perfeito simples, que não tem esses valores: *O Rui esteve doente e o Manuel fez os exercícios*. O pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto são duas formas de expressão do pretérito perfeito, e o seu uso e significado também são, obviamente, diferentes.

Se compararmos o presente com o pretérito perfeito composto, percebemos, pelos exemplos que abaixo apresentamos, que também aí se constata uma diferença de sentido significativo:

- a. *O Luís faz os exercícios de inglês regularmente*. (presente do indicativo)
- b. *O Filipe marca golos em todos os jogos*. (presente do indicativo)
- c. *O Luís tem feito os exercícios de inglês regularmente*. (pretérito perfeito composto)
- d. *O Filipe tem marcado golos em todos os jogos*. (pretérito perfeito composto)

As frases *c* e *d* são de pretérito perfeito composto, expressando a iteração de determinado evento, não se aceitando tipicamente a leitura de habitualidade. As frases *a* e *b* oferecem-nos uma leitura estativa e habitual dos acontecimentos, que pode ser realçada mediante a coocorrência do adjunto adverbial *habitualmente*.

1.4. Pretérito imperfeito do indicativo

1.4.1. Formação

Tal como o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito também é composto de radical e desinência. São regulares os verbos que se flexionam de acordo com o paradigma da sua conjugação. Assim, tomando os verbos *falar*, *viver*, *sentir* e *pôr* como paradigmas, respetivamente, das 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.^a conjugação se conjugam como o verbo modelo *falar*; os da 2.^a, como *viver*; os da 3.^a, como *sentir*; os da 4.^a, como *pôr*.

verbo pessoa	1. ^a conjugação (<i>fal-ar</i>)	2. ^a conjugação (<i>viv-er</i>)	3. ^a conjugação (<i>sent-ir</i>)	4. ^a conjugação (<i>p-ôr</i>)
<i>eu</i>	<i>fal-ava</i>	<i>viv-ia</i>	<i>sent-ia</i>	<i>p-unha</i>
<i>tu</i>	<i>fal-avas</i>	<i>viv-ias</i>	<i>sent-ias</i>	<i>p-unhas</i>
<i>ele, ela, você</i>	<i>fal-ava</i>	<i>viv-ia</i>	<i>sent-ia</i>	<i>p-unha</i>
<i>nós</i>	<i>fal-ávamos</i>	<i>viv-íamos</i>	<i>sent-íamos</i>	<i>p-únhamos</i>
<i>vós</i>	<i>fal-áveis</i>	<i>viv-íeis</i>	<i>sent-íeis</i>	<i>p-únheis</i>
<i>eles, elas, vocês</i>	<i>fal-avam</i>	<i>viv-iam</i>	<i>sent-iam</i>	<i>p-unham</i>

Quadro: Conjugação dos verbos regulares no pretérito imperfeito do indicativo

Fontes: Ye, 2008, p. 226; Wang & Lu, 1999, p. 287

As conjugações dos três verbos apresentados a seguir são irregulares no pretérito imperfeito do indicativo (Ye, 2008, p. 227):

ser: *era, eras, era, éramos, éreis, eram*

ter: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham*

vir: *vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham*

Os verbos derivados de *ter* seguem a sua conjugação:

obter: *obtinha, obtinhas, obtinha, obtínhamos, obtínheis, obtinham*

deter: *detinha, detinhas, detinha, detínhamos, detínheis, detinham*

conter: *continha, continhas, continha, contínhamos, contínheis, continham*

Os verbos que terminam em *-air*, *-uir* e *-oer* recebem acento agudo (´) na vogal *i* no pretérito imperfeito do indicativo em todas as pessoas devido à separação de vogais.

sair: *saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam*

distribuir: *distribuía, distribuías, distribuía, distribuíamos, distribuíeis, distribuíam*

doer: *doía, doíam*

1.4.2. Emprego

Afirmam Cunha & Cintra (2016, p. 450), a respeito deste pretérito: “A própria denominação deste tempo – PRETÉRITO IMPERFEITO – ensina-nos o seu valor fundamental; o de designar um facto passado, mas não inclui (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados.”

1. Indica uma ação ou comportamento que estava em andamento no passado, ou que outra ação estava em andamento, quando uma ação no passado ocorreu.
 - a. *Quando ele entrou, eu estava a ver televisão.* (Ye, 2008, p. 227)
 - b. *O meu irmão arrumava o seu quarto.*
2. Usa-se para designar factos passados concebidos como contínuos ou permanentes.

- a. *Sentou-se no muro que **dava** para o rio, com o jornal nas mãos.* (Augusto Abeleira, *CF*. 173.)
- b. *As índias **adaptavam-se** mais facilmente à civilização, pois se consideravam elevadas pela união com os brancos, que não as desdenhavam.* (Afrânio Peixoto, *NHLB*. 38.)

Comparemos agora o significado das seguintes frases:

- a. *Hilbert **era** matemático.*
- b. *O João **era** pasteleiro.*
- c. *O pai da Ana **era** natural de Málaga.* (Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes, 2013, p. 518)

Observação: As duas profissões (a e b) *matemático* e *pasteleiro*, denotam estados que, embora perspetivados como tendo uma duração longa, podem, mesmo assim, ter um fim, não acompanhando necessariamente ao longo de toda a vida. Em (c.), *natural de Málaga* é permanentes (um indivíduo não muda o lugar onde nasceu). Quando dizemos que o João era pasteleiro, estamos também a veicular a ideia de que já não o é no momento da enunciação, ou porque morreu, ou porque mudou de profissão. Portanto, podemos concluir que, às vezes, o imperfeito usa-se para exprimir coisas que se costumavam fazer ou que se faziam frequentemente no passado, mas que, entretanto, deixaram de ser feitas. Dependendo da situação, podemos falar de *estado transitório* ou *facto permanente*.

- 3. É usado para expressar a hora e a idade passadas.

Eram onze horas quando ele chegou. (Ye, 2008, p. 227)

Eu tinha oito anos quando vim para Pequim com os meus pais. (Ye, 2008, p. 227)

- 4. É usado, como o futuro do pretérito, para denotar um facto que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

- a. *Se eu não fosse mulher, **ia** também !* (Miguel Torga, *V.* 307)
- b. *O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.* (Monteiro Lobato, *U.* 236.)
5. Pode usar-se em vez do presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (imperfeito de cortesia):
- a. *Diz-lhe: — Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.* (Ciro dos Anjos, *M.*192.)
- b. ***Podia-me** fazer um favor ?* (Li, 2010, p. 375)
6. Usamo-lo para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial)
- a. ***Era** uma vez um rei que não **tinha** filhos.* (Li, 2010, p. 375)
- b. ***Havia** um rico que **tinha** uma filha crescida.* (Li, 2010, p. 375)
7. Pode substituir o futuro do pretérito, para indicar resultados que não ocorreram ou não poderiam ocorrer.
- a. *Se eu soubesse, não **dizia**.* (= *diria*) (Wang, 1999, p. 288)
8. Quando usado com os advérbios/locuções temporais *antigamente*, *dantes*, *em tempos*, *todos os dias*, *todas as semanas*, representa ações ou comportamentos frequentes e repetitivos no passado.
- a. *Antigamente nós **íamos** muitas vezes ao cinema.*
- b. *Eu **nadava** nu neste rio todos os dias durante o Verão.* (Li, 2010, p. 376)
9. É usado para descrever eventos passados.
- a. *Quando eu **era** pequeno, **vivia** numa aldeia.*
10. Serve para expressar desejos eufemisticamente, fazer pedidos, etc.
- a. *Nós **queríamos** fazer-lhe uma entrevista.*

11. Valores afetivos: por expressar um facto inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é, como dissemos, o tempo que melhor se presta à descrição e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os factos do que para explicá-los com minúcia. «O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado.» (C.-M. Robert).

*Era uma vez um príncipe que **queria** casar com uma princesa, mas **tinha** de ser uma princesa a sério. Por isso, correu mundo à procura de uma, mas **havia** sempre qualquer coisa que não **estava** bem. Princesas, viu muitas, mas agora se **eram** verdadeiras... **Tinham** sempre qualquer coisa que **parecia** não ser como **devia**. Então voltou para casa muito triste, porque **queria** mesmo casar com uma princesa verdadeira. (Hans Christian Andersen, *A Princesa e a Ervilha*.)*

1.5. Pretérito imperfeito progressivo do indicativo

1.5.1. Formação

É composto pela conjugação do pretérito imperfeito do indicativo do verbo auxiliar *estar* mais a preposição *a* e o infinitivo do verbo principal.

<i>estava</i>	<i>a</i>	<i>estudar (escrever, partir, pôr)</i>
<i>estavas</i>		
<i>estava</i>		
<i>estávamos</i>		
<i>estáveis</i>		
<i>estavam</i>		

Quadro: Formação do pretérito imperfeito progressivo do indicativo

Fonte: Wang & Lu, 1999, p. 292

- a. *Nesta época, no ano passado, nós **estávamos a viajar**.*
- b. ***Estávamos a fazer** bolos com minha mãe na véspera do ano passado.*

No Brasil, no sul de Portugal e em alguns países africanos de Língua Portuguesa, consiste na conjugação do pretérito imperfeito do indicativo do verbo auxiliar *estar* mais o gerúndio do verbo principal:

<i>estava</i>	<i>estudando (escrevendo, partindo, pondo)</i>
<i>estavas</i>	
<i>estava</i>	
<i>estávamos</i>	
<i>estáveis</i>	
<i>estavam</i>	

Quadro: Formação do pretérito imperfeito progressivo do indicativo

Fonte: Wang & Lu, 1999, p. 292

- a. *Nós **estávamos frequentando** as aulas da universidade em fevereiro do ano passado.*
- b. *Ela **estava viajando** para o Porto quando nós chegámos a Aveiro.*

1.5.2. Emprego

O pretérito imperfeito progressivo indica ações que estavam em andamento no passado, frequentemente substituindo o pretérito imperfeito do indicativo para sublinhar essa progressividade:

- a. *Quando o Luís voltou eu **estava a jantar**. (pretérito imperfeito progressivo)*
 = *Quando o Luís voltou eu **jantava**. (pretérito imperfeito)*
- b. *A filha **estava a estudar** a nova lição ontem às nove horas. (pretérito imperfeito progressivo)*
 = *A filha **estudava** a nova lição ontem às nove horas. (pretérito imperfeito)*

Observação: Ambos (ou seja, o pretérito imperfeito progressivo e o pretérito imperfeito) sevem para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra, mas o pretérito imperfeito progressivo enfatiza a ideia de progressividade da ação.

1.6. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

1.6.1. Formação do pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito do indicativo pode ser simples ou composto.

O pretérito mais-que-perfeito simples forma-se removendo as terminações *-aram*, *-eram* e *-iram* da 3.^a pessoa do plural de pretérito perfeito simples e adicionando ao radical as terminações próprias do mais-que-perfeito, como, por exemplo, *-ara*, *-aras*, *-ara*, *-áramos*, *-áreis*, *-aram*.

De acordo com Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (2013, p. 525), atualmente, o pretérito mais-que-perfeito simples é muito menos utilizado do que em fases anteriores da língua.

Por sua vez, Wang & Lu (1999, p. 295) lembram que os falantes estão mais acostumados a usar a forma composta na oralidade.

Li defende a mesma opinião (2010, p. 384), dizendo que o pretérito mais-que-perfeito pode ser simples ou composto e que as funções são as mesmas. De um modo geral, o pretérito mais-que-perfeito composto é mais usado no quotidiano, mas o pretérito mais-que-perfeito simples, mais elegante e literário, é frequentemente usado na literatura, em jornais, revistas e outros registos escritos, especialmente quando há vários verbos.

pessoa	1. ^a conjugação	2. ^a conjugação			3. ^a conjugação	4. ^a conjugação
		regular	irregular			
	<i>cantar</i>	<i>vender</i>	<i>fazer</i>	<i>ser</i>	<i>partir</i>	<i>pôr</i>
	<i>cantaram*</i>	<i>venderam*</i>	<i>fizeram*</i>	<i>foram*</i>	<i>partiram*</i>	<i>puseram*</i>
<i>eu</i>	<i>-ara</i> <i>cantara</i>	<i>-era</i> <i>vendera</i>	<i>-era</i> <i>fizera</i>	<i>-ora</i> <i>fora</i>	<i>-ira</i> <i>partira</i>	<i>-usera</i> <i>pusera</i>
<i>tu</i>	<i>-aras</i> <i>cantaras</i>	<i>-eras</i> <i>venderas</i>	<i>-eras</i> <i>fizeras</i>	<i>-oras</i> <i>foras</i>	<i>-iras</i> <i>partiras</i>	<i>-useras</i> <i>puseras</i>

<i>você ele ela</i>	-ara <i>cantara</i>	-era <i>vendera</i>	-era <i>fizera</i>	-ora <i>fora</i>	-ira <i>partira</i>	-usera <i>pusera</i>
<i>nós</i>	-áramos <i>cantáramos</i>	-êramos <i>vendêramos</i>	-éramos <i>fizéramos</i>	-ôramos <i>fôramos</i>	-íramos <i>partíramos</i>	-uséramos <i>puséramos</i>
<i>vós</i>	-áreis <i>cantáreis</i>	-êreis <i>vendêreis</i>	-éreis <i>fizéreis</i>	-ôreis <i>fôreis</i>	-íreis <i>partíreis</i>	-uséreis <i>puséreis</i>
<i>vocês eles elas</i>	-aram <i>cantaram</i>	-eram <i>venderam</i>	-eram <i>fizeram</i>	-oram <i>foram</i>	-iram <i>partiram</i>	-useram <i>puseram</i>

Quadro: Conjugação dos verbos regulares no pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo

Wang & Lu, 1999, p. 293

Eis algumas conjugações verbais irregulares commumente usadas:

<i>caber</i>	<i>couberam</i>	<i>coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam</i>
<i>dar</i>	<i>deram</i>	<i>dera, deras, dera, déramos, déreis, deram</i>
<i>dizer</i>	<i>disseram</i>	<i>dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram</i>
<i>estar</i>	<i>estiveram</i>	<i>estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram</i>
<i>haver</i>	<i>houveram</i>	<i>houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram</i>
<i>ir</i>	<i>foram</i>	<i>fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram</i>
<i>poder</i>	<i>puderam</i>	<i>pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam</i>
<i>querer</i>	<i>quiseram</i>	<i>quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram</i>
<i>saber</i>	<i>souberam</i>	<i>soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam</i>
<i>ter</i>	<i>tiveram</i>	<i>tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram</i>
<i>trazer</i>	<i>trouxeram</i>	<i>trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram</i>
<i>ver</i>	<i>viram</i>	<i>vira, viras, vira, víramos, víreis, viram</i>
<i>vir</i>	<i>vieram</i>	<i>viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram</i>

Quadro: Conjugação de verbos irregulares no pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo

Fonte: Wang & Lu, 1999, p. 293

1.6.2. Formação do pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito composto forma-se com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver* e o particípio de verbo principal (Cunha & Cintra, 2016, p. 393).

<i>tinha</i>	ou	<i>havia</i>	<i>estudado (escrito, partido, posto)</i>
<i>tinhas</i>		<i>havia</i>	
<i>tinha</i>		<i>havia</i>	
<i>tínhamos</i>		<i>háviamos</i>	
<i>tínheis</i>		<i>havíais</i>	
<i>tinham</i>		<i>havam</i>	

Quadro: Formação do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Fonte: Wang & Lu, 1999, p. 294)

1.6.3. Emprego

1. A função do mais-que-perfeito é exprimir uma ação ou facto que ocorreu no passado antes de outra ação ou facto que também ocorreu no passado. Portanto, ações ou factos que ocorreram posteriormente são geralmente representados pelo pretérito perfeito simples.

Exemplos:

- a. *Quando voltámos a casa, já o sol se **pusera**.*
 - b. *A conversa **tornara-se** tão monótona que eu me desinteressei.*
 - c. *O meu amigo aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**.*
 - d. *O João apresentou-me a rapariga que **tinha conhecido** na festa. (Li, 2010, p. 385)*
 - e. *Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**. (Carlos Drummond de Andrade, CA, 130.)*
2. Além deste significado principal, nas seguintes situações, ele pode substituir o pretérito perfeito simples do indicativo:

- a. Quando expressa de modo geral um facto do passado;

Casara, tivera filhos, mas nada disso o tocara por dentro. (Miguel Torga, *NCM*, 55.)

- b. Para atenuar o tom de um pedido ou afirmação;

Eu tinha vindo para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse.

3. Na terceira pessoa no plural, é habitual usar-se o pretérito mais-que-perfeito composto, porque o mais-que-perfeito simples e o pretérito perfeito simples do indicativo têm a mesma forma nesta pessoa, sendo fácil confundi-los.

Exemplo:

- a. *Quando eu fui à livraria, os empregados de balcão tinham fechado a porta.*

- b. *Quando eu fui à livraria, os empregados de balcão fecharam a porta.*

4. Na linguagem literária emprega-se, uma vez por outra, o mais-que-perfeito simples em lugar:

- a) do futuro do pretérito (simples ou composto):

*Um pouco mais de sol — e fora [= teria sido] brasa,
um pouco mais de azul — e fora [= teria sido] além,
para atingir, faltou-me um golpe de asa...*

(Mário de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

Oh! se lutei!... mas devera [= deveria]

Expor-se em pública praça,

Como um alvo à populaça,

Um alvo aos dictérios seus!

(Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

- b) do pretérito imperfeito do conjuntivo.

Sê propícia para mim, socorre

Quem te adorara, se adorar pudera [= pudesse]!

4. Muitas das características ou funções do mais-que-perfeito e pretérito (perfeito e imperfeito) são equivalentes. Por exemplo, o mais-que-perfeito pode ser usado para indicar um estado causado por uma determinada ação ou comportamento no passado:

Exemplos:

a. *As fotografias **tinham caído** para baixo da estante.* (Li, 2010, p. 386)

= [*As fotografias estavam (caídas) debaixo da estante.*]

b. *O cano **tinha descido** com a pressão.* (Li, 2010, p. 386)

= [*O cano estava mais abaixo com a pressão.*]

5. Tal como com o pretérito perfeito, o advérbio *já* + mais-que-perfeito significa apenas algo que aconteceu no passado. Não importa quando aconteceu. A ação expressa pelo mais-que-perfeito é sempre anterior à expressa pelo pretérito perfeito:

a. *Ele **já tinha comprado** o bilhete quando ela lhe sugeriu irem ao teatro.* (Li, 2010, p. 386)

b. *Quando o João finalmente entrou na casa, **já todos tinham chegado**.* (Li, 2010, p. 386)

Nota: O advérbio *já* também tem outra função, ou seja, quando existem duas formas verbais (simples e composta) de mais-que-perfeito no período composto, o advérbio *já* pode ser utilizado para indicar que uma delas precede a outra:

Exemplo:

*Quando **fora** para a tropa, ele **já tinha tido** vários desgostos.*

6. Se a forma verbal do discurso direto for um pretérito perfeito, quando aquele se transformar em discurso indireto, devemos usar o pretérito mais-que-perfeito.

Exemplo:

a. *No passado dia 18 aluguei um veículo utilitário na vossa agência para*

fazer uma viagem de negócios até Tavira.

- b. *Ele disse que no passado dia 18 **tinha alugado** um veículo utilitário na vossa agência para fazer uma viagem de negócios até Tavira. (Malcata, 2014, p. 126)*

8. O pretérito mais-que-perfeito simples em frases exclamativas expressa desejo.

Exemplo:

*-**Tomara** que corra tudo bem!*

Terminada esta abordagem teórica concernente à formação e o emprego dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito, refletiremos, no capítulo seguinte, sobre a localização temporal da situação descrita pelas formas verbais desses pretéritos, para, depois, estabelecermos a distinção semântica entre eles.

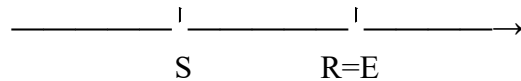
Capítulo II. Tempos do pretérito em Português – análise comparativa

2.1. Localização temporal

Afirmam Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (2013, p. 510) que “nas línguas naturais, o tempo é concebido como um eixo linearmente ordenado, orientado do passado em direção ao futuro. O **tempo de uma frase**, ou **tempo gramatical**, consiste, pois, na **localização temporal** da situação descrita na frase num determinado ponto ou intervalo desse eixo. Nas línguas humanas, o eixo temporal articula-se em três domínios, **passado, presente, futuro.**” De acordo com os mesmos (loc. cit.), “a localização temporal é sempre feita em relação a um outro tempo, chamado **tempo de referência**”, sendo que “este pode ser o momento ou intervalo temporal em que o falante produz o enunciado, chamado **tempo da enunciação**”. A localização temporal da situação descrita pela frase passa a corresponder ao **tempo da situação**. Portanto, a estrutura temporal de uma frase simples assenta num eixo temporal, ordenado da esquerda para a direita, ou seja, representando espacialmente a ordenação temporal do passado para o futuro. Vejam-se as seguintes frases e a sua relação posicional no eixo temporal:

- f. *A Rita **viveu** em Nova Iorque.* (pretérito perfeito)
- g. *O Rui **saiu** de casa antes de a Ana ter chegado.* (pretérito perfeito)
- h. *Quando ele entrou, eu **estava a ver** televisão.* (pretérito imperfeito)
- i. *A Ana ficou aborrecida. **Tinha-se esquecido** de telefonar ao Rui.* (pretérito mais-que-perfeito)

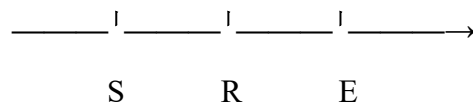
- 1) Em (a), o pretérito perfeito do indicativo indica que o estado de *a Rita viver em Nova Iorque* ocorre num tempo passado relativamente ao momento da enunciação, que não inclui esse momento e que não se prolonga para além dele. Estas relações temporais podem representar-se sob a forma de esquemas. O tempo de enunciação é representado pela letra E, o tempo de referência pela letra R e o tempo de situação pela letra S.



(figura 1- Estrutura temporal da frase a.)

A notação R=E indica que o tempo de referência é tomado como sendo o tempo da enunciação. Mas o tempo de situação precede o tempo de referência.

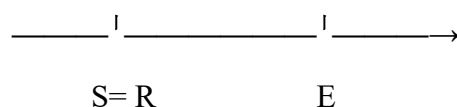
- 2) Em (b), o pretérito perfeito do indicativo indica que o tempo da situação expressa na oração principal, ou seja, *o Rui sair de casa*, tem de ser calculado não só em relação ao tempo da enunciação, mas também em relação ao tempo da situação descrita na oração subordinada, *a chegada da Ana*. Esse tempo é tomado como um tempo de referência adicional.



(figura 2- Estrutura temporal da frase b.)

O tempo de situação (S) é o momento da saída do Rui. O tempo de referência (R) é o momento da chegada da Ana, (E) representa o tempo de enunciação na frase. S e R precedem E. O que diferencia a estrutura temporal do exemplo de *b* relativamente ao de *a* é a existência de um outro tempo de referência, R, introduzido pela oração subordinada adverbial.

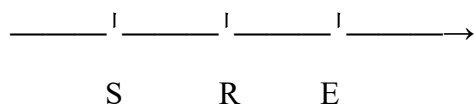
- 3) Em (c), o pretérito imperfeito indica que o tempo da situação expressa na oração principal, *eu estava a ver televisão*, tem de ser calculado não só em relação ao tempo da enunciação, mas também em relação ao tempo da situação descrita na oração subordinada, *ele entrou*. Esse tempo é tomado como um tempo de referência adicional.



(figura 3- Estrutura temporal da frase c.)

O tempo de situação (S) é o momento de ver televisão. O tempo de referência (R) é o momento da entrada dele, (E) representa o tempo de enunciação na frase. S e R precedem E, mas S e R são situações simultâneas, nenhuma se localiza antes ou depois da outra.

- 4) O tempo de referência adicional pode ser marcado não só por orações subordinadas adverbiais de valor temporal, mas também por expressões adverbiais temporais de natureza não oracional ou por frases independentes numa sequência textual.



(figura 4- Estrutura temporal da frase d.)

Assim, quando à frase *d*, pode descrever-se a estrutura temporal tomando o tempo da primeira frase (*Ana ficou aborrecida*) como referência para segunda (*Tinha-se esquecido de telefonar ao Rui*). Por isso, a primeira frase introduz o tempo de referência R. A segunda frase representa uma situação concluída que precede temporalmente a primeira, o que é assinalado pelo pretérito mais-que-perfeito composto *tinha-se esquecido*. O tempo de enunciação é posterior relativamente ao tempo das duas frases, que estão ambas localizadas no passado.

2.2. Distinções semânticas

Atendendo a que o valor semântico do pretérito mais-que-perfeito é relativamente fácil de distinguir do do pretérito perfeito, centrar-nos-emos aqui na comparação entre o pretérito perfeito simples e o imperfeito. De acordo com Ye (2008, p. 228) e Li (2010, p. 380; 383), as principais diferenças semânticas são as seguintes:

- 1) O pretérito perfeito simples exprime um facto passado, não habitual; o pretérito imperfeito exprime um facto passado habitual.

- a. *Ontem **fui** jantar fora.*
- b. *Eu **ia** jantar fora todas as semanas.*

Em (a), este comportamento só ocorreu uma vez (*ontem*). Em (b), a situação é um comportamento regular, habitual e repetido (*todas as semanas*).

2) O pretérito perfeito simples enfatiza a conclusão da ação, e o pretérito imperfeito enfatiza o processo de uma ação ou comportamento no passado (uma ação inacabada).

- a. *Já **estive** no São Paulo.*
- b. *Eu **estava** no São Paulo.*

3) O tempo do verbo usado – pretérito perfeito simples ou pretérito imperfeito – reflete a atitude do falante. Por vezes, quer explicar brevemente que tal coisa aconteceu, outras, quer enfatizar o processo quando a ação aconteceu.

- a. *Ele **foi** nosso motorista.*
- b. *Ele **era** nosso motorista.*

4) O pretérito perfeito simples indica uma ação que ocorre dentro de um tempo limitado. A ação indicada pelo pretérito imperfeito não tem limite de tempo. Por exemplo:

- a. *Na semana passada **fomos** à biblioteca todos os dias. (há limite de tempo – na semana passada)*
- b. *Antigamente **íamos** à biblioteca todos os dias. (sem limite de tempo)*

Observação: quando o tempo em que a ação ocorreu é esclarecido, por exemplo, *ontem, esta manhã, domingo passado, na semana passada, no dia 12 de janeiro, etc.*, usa-se, geralmente, o pretérito perfeito simples. Com *antes* ou *antigamente* usa-se o pretérito imperfeito.

5) O pretérito perfeito simples representa uma ação que ocorreu dentro de um determinado período de tempo no passado. O pretérito imperfeito representa outra ação em andamento quando aquela ação ocorre.

a. **Cheguei** à China quando tinha seis anos.

b. Quando a campainha tocou, a Maria **estava a ler** um romance. (Li, 2010, p. 382)

6) Na narração, o pretérito perfeito simples significa ação; o pretérito imperfeito é usado para descrever (a cena, o estado, o comportamento no momento):

*Era um dia lindo e **fazia** muito sol. A praia **estava** cheia de gente. Tudo **estava** calmo quando **se ouviu**, de repente, um grito estridente...*

7) Alguns verbos têm significados diferentes no pretérito perfeito simples e no pretérito imperfeito, como os verbos *saber*, *perceber*, *conhecer*, *lembrar*, *calar*, etc. Quando se usa o pretérito imperfeito, este indica estado; quando se usa o pretérito perfeito simples, este exprime ação. Por exemplo:

a. Ele **conhecia** o João.

*Eu **lembrava-me** dele.*

b. Ele **conheceu** o João.

*Eu **lembrei-me** dele.*

8) Para expressar uma característica, uma paixão ou o estado de uma pessoa ou coisa, é natural usar o pretérito imperfeito.

a. O João **gostava** de vinho. (Li, 2010, p. 381)

b. Os dinossauros **eram** répteis. (Li, 2010, loc. cit.)

c. Luís de Camões **era** português. (Li, 2010, loc. cit.)

Após estas considerações sobre o valor semânticos dos tempos pretéritos, no capítulo seguinte, procederemos a uma breve descrição do inquérito que serviu de base a este estudo para, depois, apresentarmos e analisarmos os resultados obtidos.

Capítulo III. Análise do inquérito

3.1 Apresentação geral do inquérito

Para conhecer mais especificamente o estado da aprendizagem do Português pelos alunos chineses, foi necessário recolhermos os seus dados pessoais e informação relativa às suas experiências. O questionário é um método muito comum nas investigações científicas. Através de um conjunto de perguntas específicas e detalhadas, que constituem o questionário, pode-se obter respostas dos inquiridos e, depois, identificar tendências e problemas mediante a análise das respostas. Este método provém de domínios como a Psicologia e Sociologia, mas também é amplamente usado nas investigações do âmbito da Linguística Aplicada. Nestes casos, o questionário pode corresponder a vários tipos de recolha de dados, havendo, por exemplo, o questionário de jornal, o questionário postal, o questionário de entrevista, o questionário por telefone, etc. De acordo com diferentes contextos sociais e técnicos, adotam-se questionários diferentes, e cada tipo tem vantagens e desvantagens respetivas.

Com base em Carrancho (2005), podemos dizer que a qualidade da metodologia usada desempenha um papel fundamental na pesquisa. Como afirmou o autor, “para ter sucesso em uma pesquisa, o pesquisador depende, em grande medida, da qualidade do equipamento que utiliza para coletar os dados da pesquisa, ou seja, de como coletar as informações utilizadas na pesquisa e do tipo de equipamento mais utilizado.” (p. 88)

Atendendo à situação pandémica que vivemos, a fim de atingir o maior número de respondentes possível e de obter respostas mais oportunas, optámos por lançar um questionário via internet, que disponibilizámos na plataforma Wenjuanxing (<https://www.wjx.cn/>), uma página profissional que existe para este efeito.

Com o intuito de compreendermos o domínio e a aplicação do pretérito do indicativo na Língua Portuguesa pelos alunos chineses, dividimos em dois grupos

os inquiridos. O primeiro grupo, o Grupo A, é composto por os alunos de intercâmbio e alunos do primeiro ano de mestrado da Universidade de Aveiro, que correspondem a alunos dos segundo e terceiro anos na escola de licenciatura da China. O segundo grupo de inquiridos, Grupo B, é composto por alunos da Universidade de Línguas Estrangeiras de Hebei. Este grupo de alunos nunca estudou Português noutro país que não a China.

O inquérito é composto por duas partes: A e B. A Parte A destina-se, principalmente, à caracterização sociolinguística dos inquiridos, recolhendo dados como a idade, a língua materna, o tempo de aprendizagem do Português, a frequência de uso de línguas estrangeiras no quotidiano, o curso de licenciatura ou de mestrado, os objetivos a nível profissional, o nível de proficiência na Língua Portuguesa, entre outros.

A Parte B contém 6 exercícios que se dividem em quatro categorias. O primeiro exercício (I) corresponde a uma questão de escolha múltipla de natureza teórica; o segundo exercício (II) consiste numa questão de escolha múltipla (selecionar a forma verbal correta entre as duas apresentadas); os terceiro, quarto e quinto exercícios (III, IV e V) são questões de preenchimento de lacunas com a forma correta dos verbos apresentados; o sexto exercício (VI) consiste numa questão de tradução de Chinês para Português.

O primeiro exercício (I) visa compreender o conhecimento teórico dos inquiridos do conceito de pretérito do indicativo. O segundo exercício (II) contém 8 questões práticas. Cada questão prática apresenta duas opções. O inquirido teria de escolher o tempo verbal do pretérito do indicativo mais adequado. Os exercícios III, IV e V exigiam o preenchimento de lacunas com as formas verbais corretas. Os inquiridos teriam de usar o pretérito perfeito simples e composto, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito, para completarem as frases. Para a realização destes três exercícios (III, IV e V), os inquiridos deveriam compreender e ter assimilado corretamente a diferença entre as quatro formas de pretérito, e ser capazes de conjugar corretamente o verbo. No sexto exercício (VI), os respondentes deveriam usar os tempos verbais para completar a conversão de

Chinês para Português, de acordo com as instruções entre parênteses. O objetivo era testar o domínio dos respondentes sobre o pretérito no contexto.

Os resultados desta pesquisa por questionário serão apresentados em forma de gráficos, que combinaremos com a nossa análise. Tentamos explicar e apresentar propostas de resolução dos problemas encontrados.

Para nós, o processo de análise do questionário que serve de base a este estudo também é um processo de reaprendizagem. Em primeiro lugar, escrever esta dissertação implica combinar tópicos de pesquisa, aprofundar, consolidar e aplicar conhecimentos teóricos, combinando-os com a prática, e transformar esses conhecimentos em capacidade de análise e reflexão. Em segundo lugar, no processo de recolha de materiais, de investigação e pesquisa e de contacto com a realidade, pudemos não apenas recuperar o conhecimento previamente adquirido sobre o assunto, mas também aprender coisas novas, quer através da leitura de bibliografia específica quer através do contacto direto com a realidade.

Gostaríamos que os resultados obtidos nesta pesquisa contribuíssem para uma reflexão, entre professores e alunos, sobre o ensino/aprendizagem do tema gramatical em estudo. Gostaríamos, ainda, que os professores identificassem os principais problemas dos seus alunos no uso dos tempos pretéritos do indicativo, para poderem ajustar os seus métodos de ensino e, desse modo, ajudar e corrigir os alunos chineses em tempo útil. Ao mesmo tempo, ficaríamos satisfeitos se conseguíssemos promover junto dos alunos chineses de Português enquanto Língua Estrangeira uma reflexão sobre os seus métodos de estudo.

3.2 Análise da primeira parte do inquérito – caracterização sociolinguística dos inquiridos

3.2.1. Faixa etária

A primeira parte envolve principalmente as informações sociolinguísticas dos inquiridos, como a idade, o sexo, a língua materna, o tempo de estudo do Português, a situação do uso diário da língua, as habilitações literárias, os projetos

a nível profissional e avaliação do nível de proficiência linguística.

No gráfico 1, podemos ver que: os alunos chineses entre os 20 e os 22 anos representam 36% do total; 31% dos alunos chineses têm entre 23 e 25 anos; os alunos com mais de 25 anos atingem 29%, percentagem em que se incluem vários inquiridos com mais de 30 anos; apenas 4% dos alunos não respondem a esta pergunta.



Gráfico 1: Distribuição de idade

3.2.2. Sexo

O sexo feminino está muito mais representado do que o sexo masculino. Esta situação é compreensível na China. No campo das ciências humanas e sociais, as mulheres representam uma percentagem particularmente grande, sobretudo, nas universidades que oferecem formação na área da docência e das línguas estrangeiras. Boa memória e paciência, qualidades indispensáveis para aprendizagem e ensino de línguas, são características frequentemente associadas ao sexo feminino.

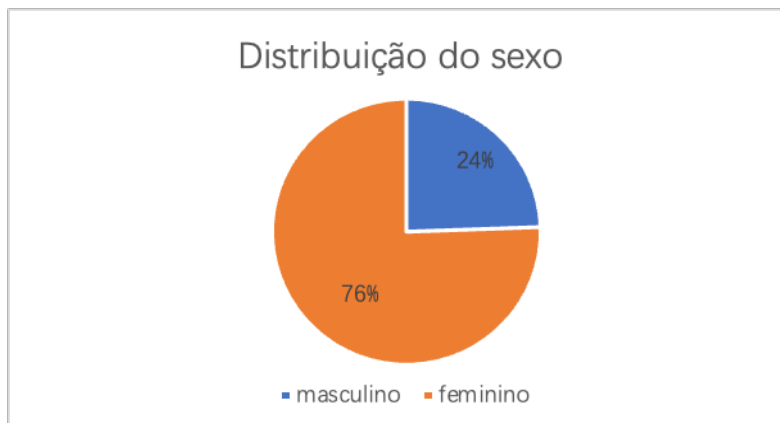


Gráfico 2: Distribuição do sexo

3.2.3. Língua materna

Todos os inquiridos são estudantes chineses. Por isso, a língua materna de todos eles é o Mandarim.

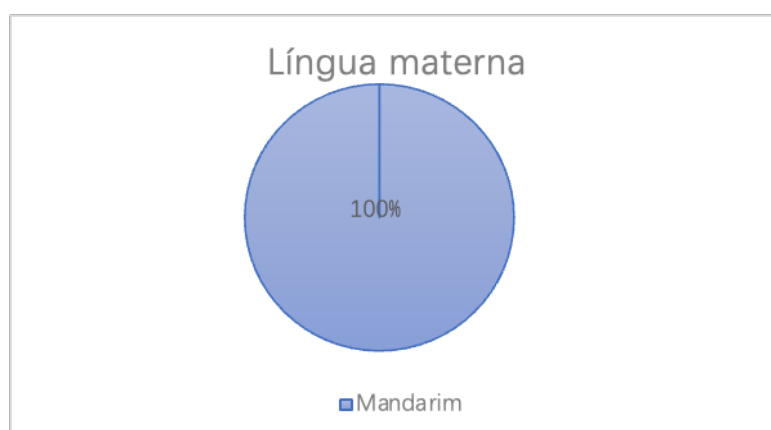


Gráfico 3: Língua materna

3.2.4. Duração da aprendizagem de Português

O tempo de estudo de Português situa-se maioritariamente entre os 3 e os 5 anos, situação em que se encontram 67% dos inquiridos. Este grupo inclui alunos de mestrado e trabalhadores. Os inquiridos com menos de 3 anos de estudo, que representam 11%, são sobretudo alunos de primeiro e segundo anos de licenciatura. Alguns dos inquiridos ultrapassam os 5 anos de estudo, e 7% não responderam à pergunta.

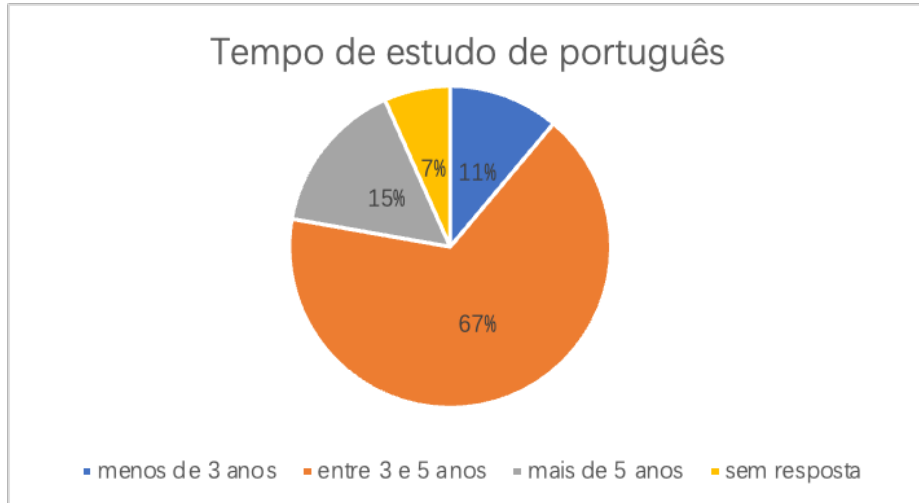


Gráfico 4: Tempo de estudo de Português

3.2.5. Língua mais utilizada em contexto lusófono

No gráfico 5, verifica-se a influência do contexto (dormitórios, local de estudo e trabalho). A maioria dos inquiridos ainda fala Mandarim no dia a dia. O Português é apenas usado em contexto académico e laboral. Assim, 73% dos inquiridos usam o Mandarim como língua de comunicação quotidiana; só 16% falam Português no seu dia-a-dia; 5% dos alunos falam duas línguas, ou seja, Inglês e Mandarim; existe ainda um caso especial, um dos alunos fala Espanhol e Mandarim; os alunos que não responderam atingem 4%. Podemos, pois, concluir que quase todos falam duas línguas, no mínimo.

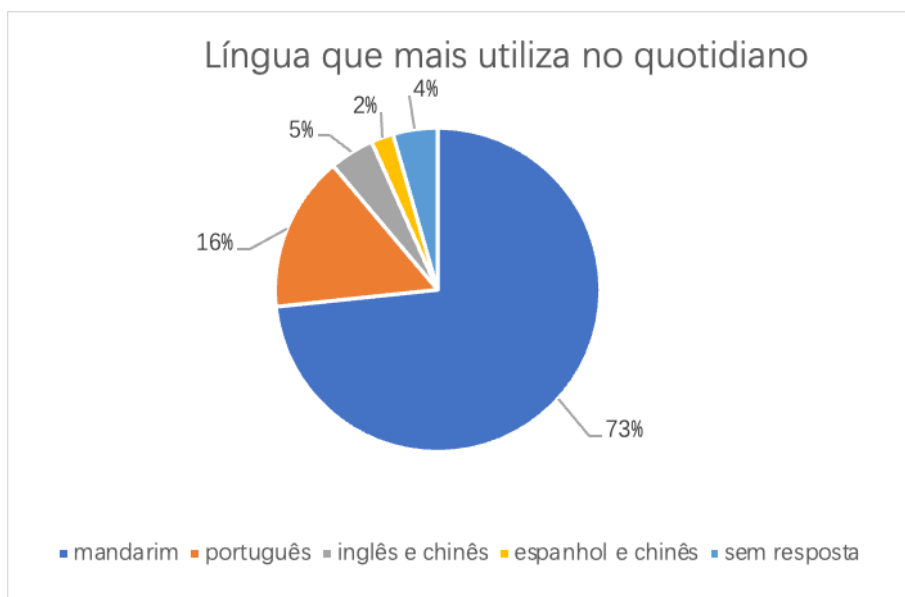


Gráfico 5: Língua que mais utiliza no quotidiano

3.2.6. Grau de ensino

De acordo com o gráfico 6, 49% dos inquiridos frequentavam a licenciatura, enquanto 31% frequentavam o mestrado; 20% dos inquiridos já concluíram o curso universitário, mas desconhecemos as suas habilitações literárias. Comparando os dados, verifica-se que a percentagem de alunos de licenciatura é bastante superior às outras duas.

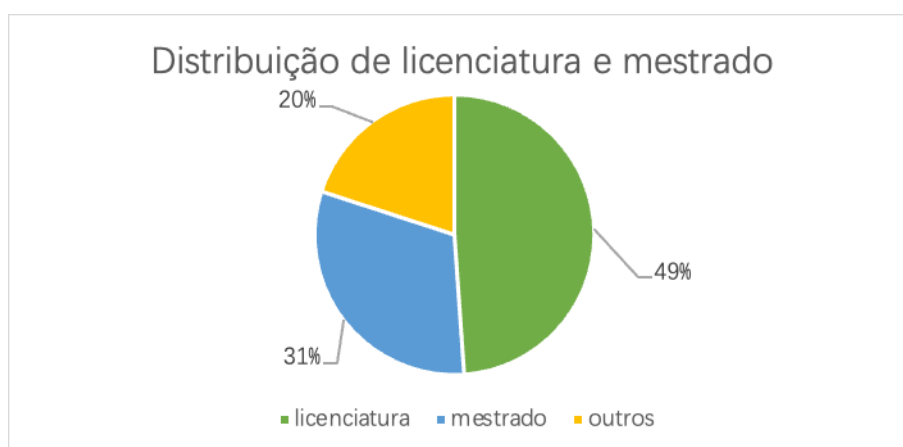


Gráfico 6: Distribuição de licenciatura e mestrado

3.2.7. Objetivos profissionais

Observando o gráfico 7, conseguimos perceber os objetivos a nível profissional dos inquiridos. 35% quererão ser os professores; 10% planeiam integrar uma grande empresa privada; 14% pretendem vir a trabalhar numa empresa de importação e exportação; apenas 10% dos inquiridos pretendem ser funcionários públicos, depois de fazerem um exame; 10% deles querem trabalhar numa empresa de construção, em África ou na América do Sul.; a percentagem menor, 6%, tenciona vir a trabalhar numa empresa estatal. Obviamente, os respondentes que pretendem seguir a profissão de professor são muitos. A razão para esses resultados deve-se à pandemia provocada pela Covid-19 e ao facto de os países de língua portuguesa oferecerem cada vez menos oportunidades.

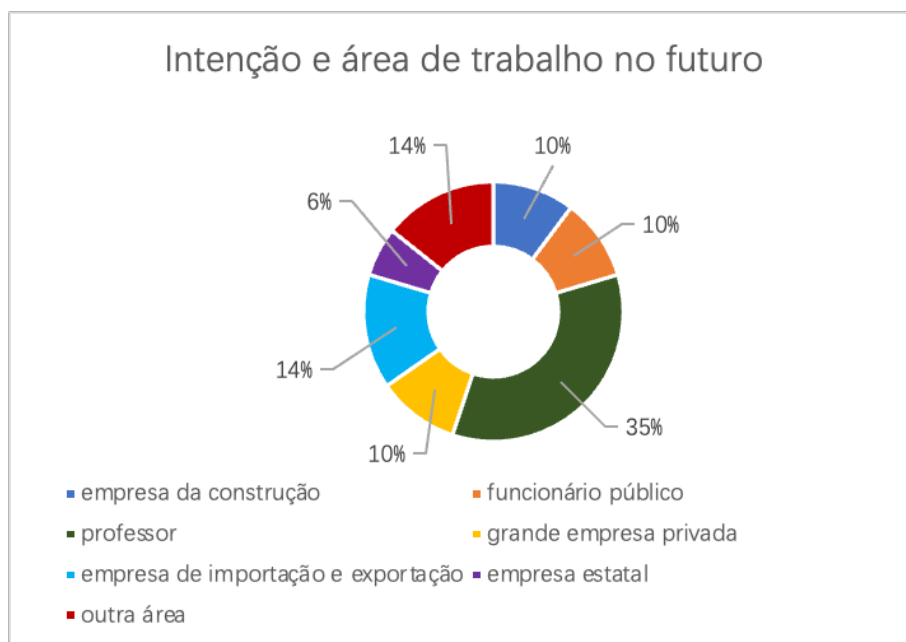


Gráfico 7: Intenção e área de trabalho no futuro

3.2.8. Nível de proficiência em Língua Portuguesa

De acordo com o gráfico 8, a maioria dos inquiridos (64%) considera ter um nível de proficiência entre B1 e B2; 18% situam-se nos os níveis mais avançados, C1 e C2; 9% dos alunos ficam nos níveis iniciais, A1 e A2. Falta, por conseguinte, à maioria um bom domínio da Língua Portuguesa. Além disso, 9% dos alunos não responderam à pergunta.

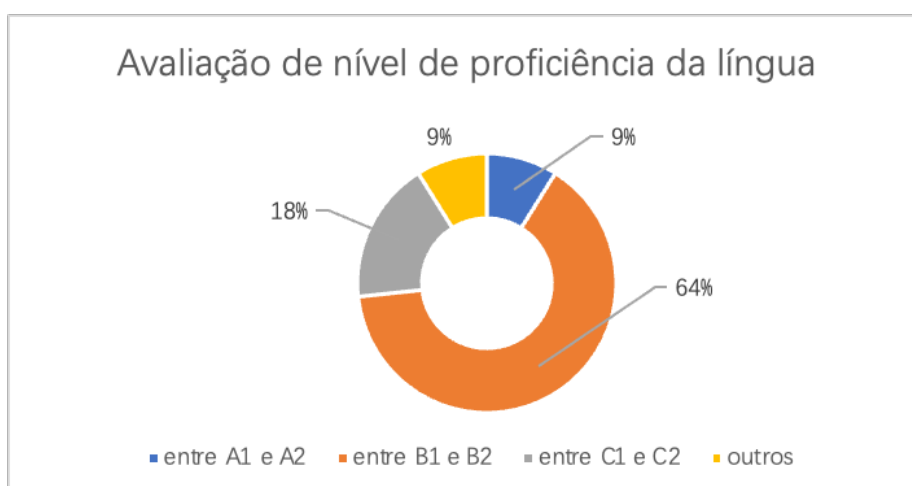


Gráfico 8: Avaliação de nível de proficiência da língua

3.3 Análise da segunda parte do inquérito - exercícios

Esta parte inclui os exercícios concebidos para avaliar o conhecimento e a utilização dos tempos do pretérito do indicativo em Português. São 6, ao todo, os exercícios da Parte B (I,II,III,IV,V e VI).

O exercício I implica conhecimentos teóricos sobre o emprego dos tempos pretéritos do indicativo. É composto por 4 perguntas; o exercício II é de múltipla escolha e inclui 8 perguntas; o exercício III requer o conhecimento das formas verbais mais adequadas (no pretérito perfeito simples ou no pretérito imperfeito do indicativo) para o completamento das lacunas; os exercícios III, IV e V são do mesmo tipo; o exercício VI inclui 4 frases em Chinês a verter para Português, tendo em conta o tempo sugerido entre parênteses.

3.3.1. Resultados do exercício I

3.3.1.1. Resultados do exercício I.1

O pretérito perfeito simples do indicativo usa-se para _____

- expressir uma ação anterior a outra que também é passada.
- descrever ou retratar eventos passados e terminados.

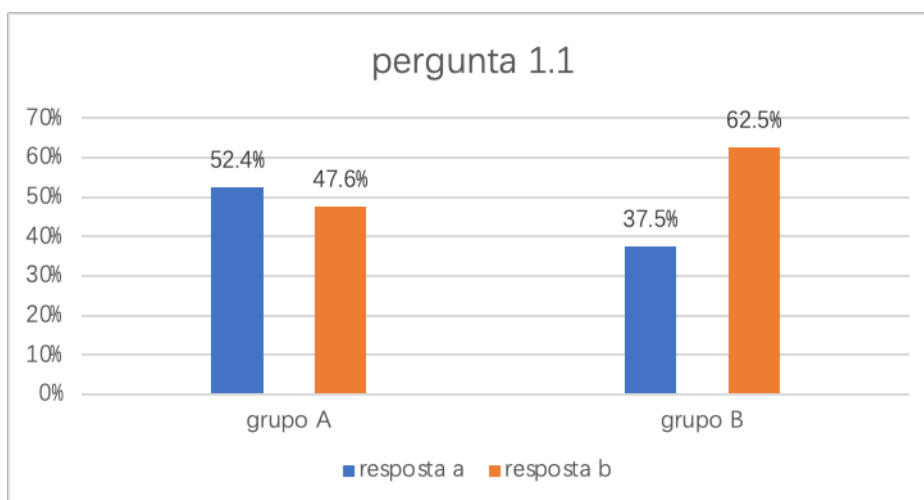


Gráfico 9: Resultados do exercício 1.1

A resposta correta é a *b*. Esta é uma pergunta sobre o valor semântico mais comum do pretérito perfeito simples. Para nossa surpresa, no Grupo A, foram mais os alunos que escolheram a resposta *a* do que aqueles que escolheram resposta *b*. Os

alunos do Grupo B que escolheram a resposta *b* são mais numerosos do que os que escolheram a resposta *a*. O grupo B, nesta pergunta, tem uma taxa de acerto mais alta do que o grupo A.

3.3.1.2. Resultados do exercício I.2

O pretérito imperfeito do indicativo indica _____

- o que vai acontecer.
- uma ação contínua no passado ou que estava a ocorrer quando outra ação passada ocorreu, outra ação em andamento.

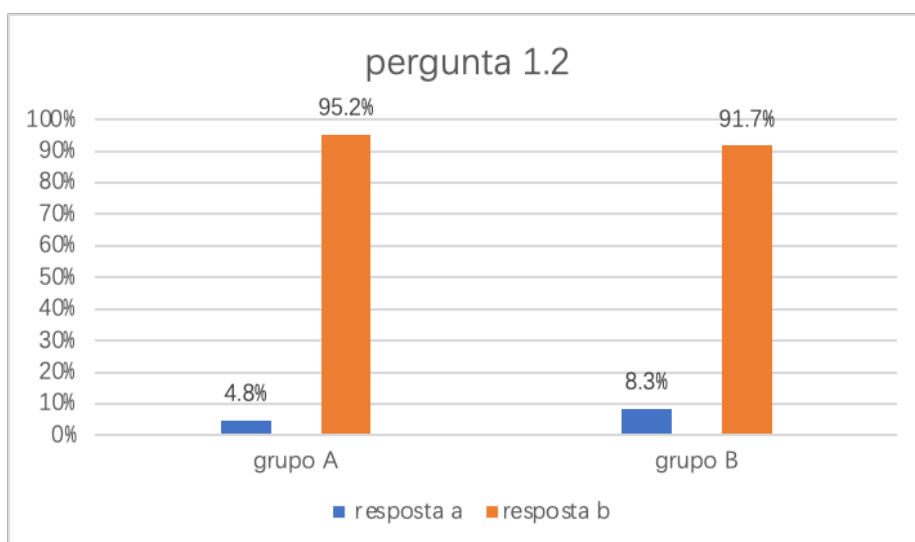


Gráfico 10: Resultados do exercício 1.2

Neste exercício, a solução é a *b*. A taxa acerto do grupo A atingiu 95.2%; a taxa precisão do grupo B atingiu 91.7%. Portanto, 4.8% dos alunos do grupo A cometeram erro; 8.3% dos alunos do grupo B cometeram erro. Alguns inquiridos não prestaram muita atenção ao valor semântico do tempo verbal no estudo diário da Língua Portuguesa. A diferença entre os dois grupos (A e B) não é grande. A compreensão do emprego dos tempos verbais, neste caso específico, do imperfeito, continua, pois, a ser uma das maiores dificuldades dos alunos.

3.3.1.3. Resultados do exercício I.3

O pretérito mais-que-perfeito do indicativo usa-se para _____

- a. denotar uma ação ou comportamento frequente e repetitivo no passado.
- b. indicar uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada.

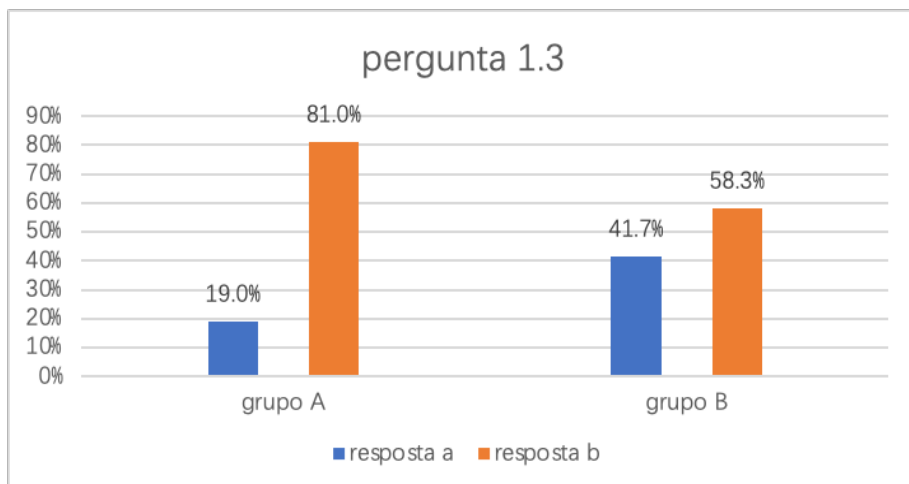


Gráfico 11: Resultados do exercício 1.3

A solução deste exercício está na resposta *b*. De acordo com o gráfico 11, o Grupo A tem uma melhor compreensão do conceito de pretérito mais-que-perfeito. A taxa de acerto atinge 81%; ainda assim, 19% dos alunos do grupo A cometeram erro. Em comparação com o grupo A, a taxa de acerto no grupo B não é muito alta, e a taxa de erro é de 41.7%. Apenas 58.3% dos inquiridos do grupo B são exatos na resposta. Por isso, é fácil perceber que os alunos de licenciatura revelam mais dificuldades na compreensão do valor semântico do tempo verbal.

3.3.1.4. Resultados do exercício I.4

O pretérito perfeito composto do indicativo forma-se _____

- a. conjugando o presente do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver* + participípio passado do verbo principal.
- b. conjugando o pretérito do perfeito do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver* + participípio do verbo principal.

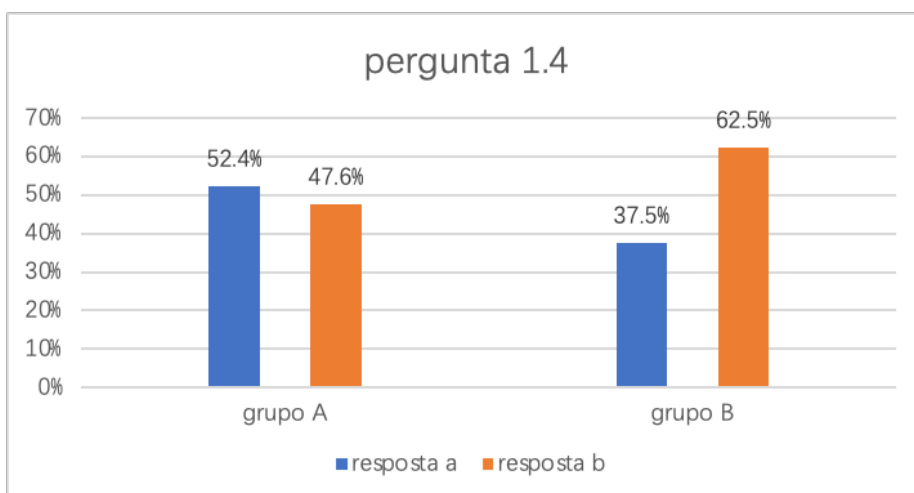


Gráfico 12: Resultados do exercício 1.4

A solução deste exercício é *a*. De acordo com os dados colhidos, esta é uma questão de difícil compreensão. Nos grupos A e B existem muitos alunos que ainda não conseguem dominar o emprego do pretérito perfeito composto. Verifica-se também que 47.6% do grupo A têm dificuldades em compreender a formação do pretérito perfeito composto. A taxa de erro atinge 62.5% no grupo B. Posto isto, conclui-se que estes alunos desconhecem a regra que determina a formação do pretérito perfeito composto.

3.3.2. Resultados do exercício II

3.3.2.1. resultados do exercício II.1

Eu ___ em missão anteontem.

a. saí

b. saía

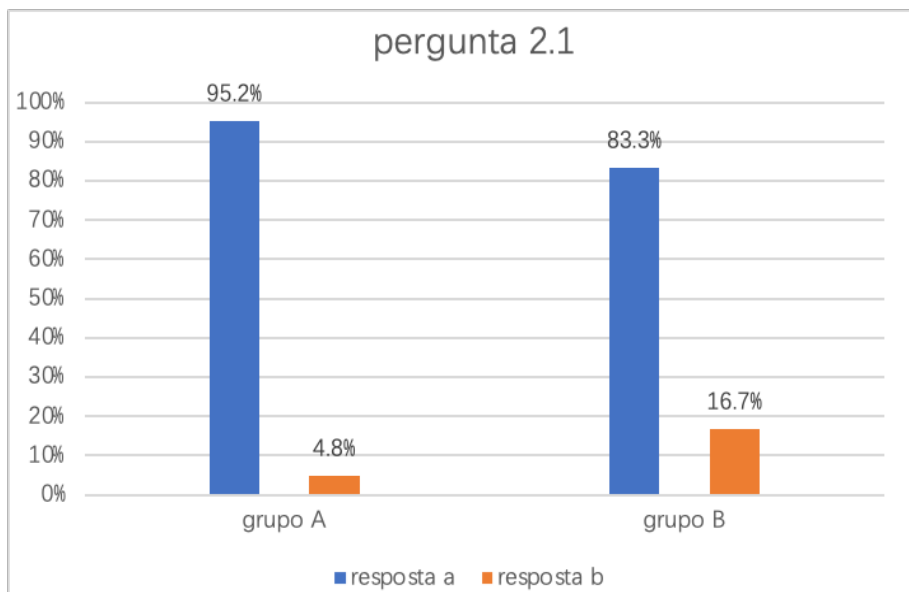


Gráfico 13: Resultados do exercício 2.1

Este exercício examina, principalmente, o uso do pretérito perfeito simples e do pretérito imperfeito, ou seja, a conjugação dos verbos em cada tempo. A conjugação do verbo *sair* é irregular nos pretéritos perfeito e imperfeito.

Recorde-se que, em frases do pretérito perfeito simples do indicativo, aparecem frequentemente advérbios temporais ou locuções como, por exemplo: *ontem*, *anteontem*, *na semana passada*, *no mês passado*, *no ano passado*, etc. A maioria dos inquiridos terá tido em conta este aspeto na resolução do exercício. Com efeito, ao observarmos o gráfico 13, verificamos que 95.2% dos alunos do grupo A acertaram, apenas 4.8% erraram. Por outro lado, 83.3% dos inquiridos no grupo B acertaram, mas 16.7% cometeram erro. É provável que não se tenham lembrado da conjugação do verbo *sair*.

3.3.2.2. resultados do exercício II.2

Antigamente eles _____ muitas vezes ao cinema.

- a. foram b. iam

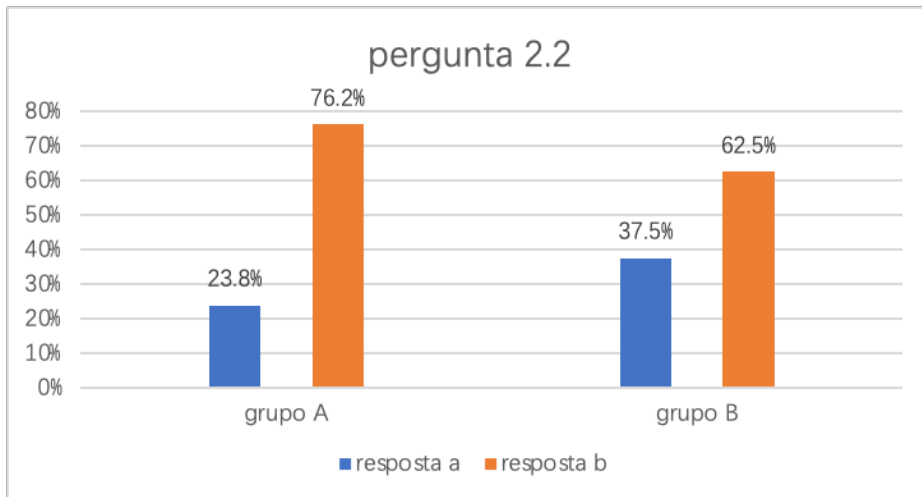


Gráfico 14: Resultados do exercício 2.2

De acordo com a regra, o pretérito imperfeito, “quando usado com os advérbios/locuções temporais *antigamente, dantes, em tempos, todos os dias, todas as semanas*, representa ações ou comportamentos frequentes e repetitivos no passado.”. Na frase proposta, estão presentes a locução *muitas vezes* e o advérbio *antigamente*, usados para exprimir comportamentos frequentes e repetitivos. Por isso, a resposta correta é *b (iam)*.

A maioria dos alunos acertou. No grupo A, 23.8% cometeram erro, 76.2% acertaram. Ao mesmo tempo, no grupo B, a taxa de erro é mais elevada do que no grupo A, atingindo 37.5%. A taxa de precisão atinge 62.5% neste exercício; muitos alunos pensam imediatamente em usar o pretérito perfeito simples quando veem o advérbio temporal *antigamente*, confundindo-o com o pretérito imperfeito.

3.3.2.3. resultados do exercício II.3

Quando ela _____, eu _____ jantar.

- a. entrou, estive a b. entrou, estava a

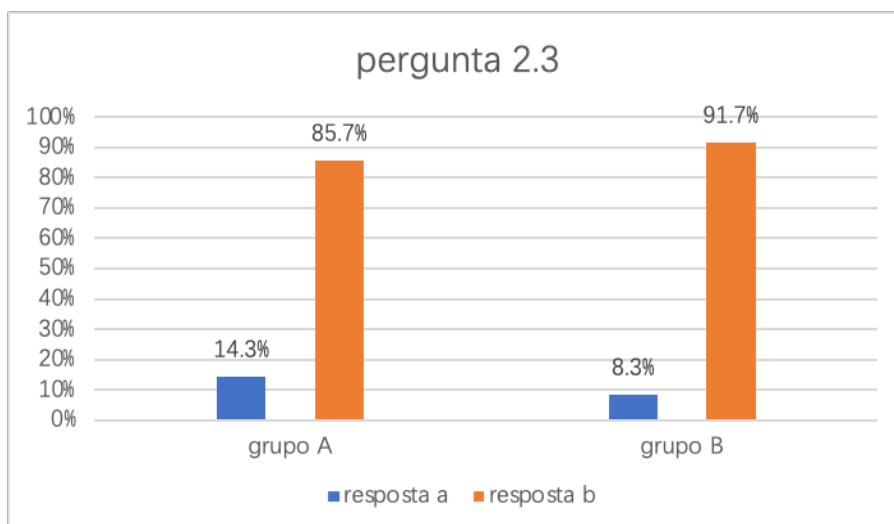


Gráfico 15: Resultados do exercício 2.3

Esta questão examina o uso do pretérito imperfeito. Este tempo “indica uma ação ou comportamento que estava em andamento no passado, ou quando uma ação no passado ocorreu, outra ação que estava em andamento”. De acordo com gráfico 15, a situação no grupo B é melhor do que no grupo A. O gráfico acima ilustra que 85.7% dos alunos do grupo A acertaram; no grupo B, 91.7%, ou seja, neste exercício, os alunos que não estudaram em Portugal têm melhor desempenho.

3.3.2.4. resultados do exercício II.4

A Paula disse-me que _____ minha prenda de Natal.

- a. tinha recebido b. recebeu

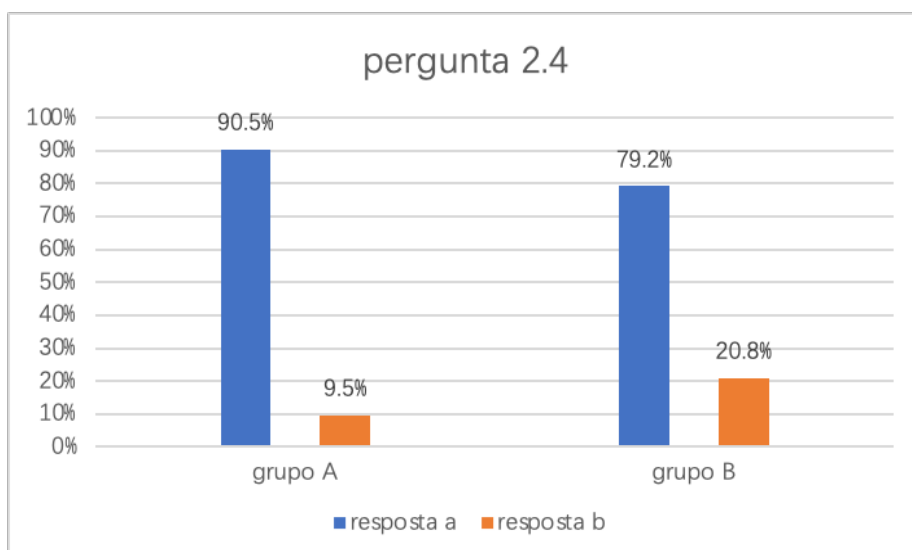


Gráfico 16: Resultados do exercício 2.4

Partindo do princípio de que a Paula havia recebido uma prenda de Natal antes de falar com alguém e, ao mesmo tempo, da noção de que a função do pretérito mais-que-perfeito é exprimir uma ação ou facto que ocorreu no passado antes de outra ação ou facto que também ocorreu no passado, a solução esperada era a *a (tinha recebido)*. Aliás, se presumirmos que, no discurso direto, a frase seria *Trouxe a tua prenda de Natal!* (com a forma verbal no pretérito perfeito), na passagem para discurso indireto (*A Paula disse-me que tinha trazido a minha prenda de Natal.*), deveríamos usar o pretérito mais-que-perfeito. Posto isto, de acordo com os dados do gráfico 16, o grupo A é melhor do que o grupo B; 90.5% dos alunos acertaram, e 9.5% erraram. Em relação aos alunos do grupo B, nota-se que 79.2% acertaram, mas 20.8% preencheram com *recebeu*.

3.3.2.5. resultados do exercício II.5

Ele antigamente _____ em Pequim.

a. vivia

b. viveu

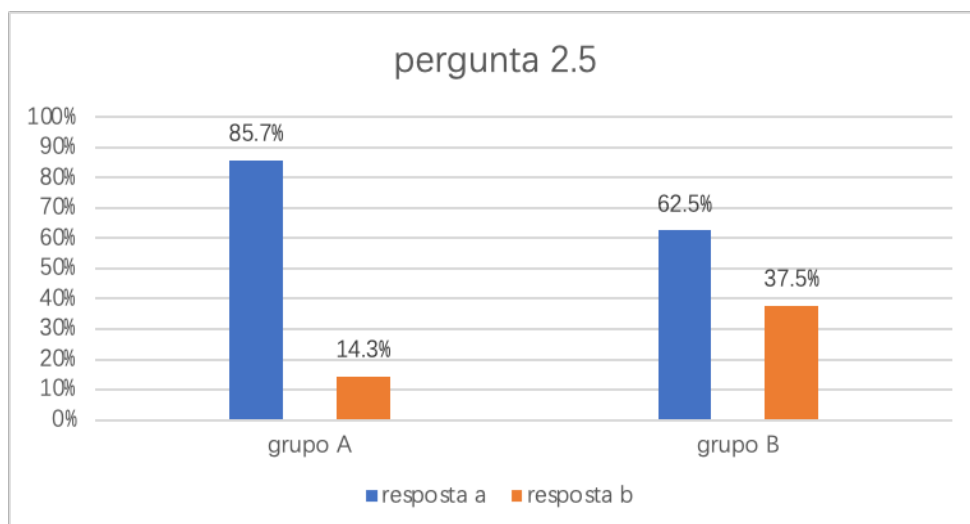


Gráfico 17: Resultados do exercício 2.5

Quando usado com os advérbios/locuções temporais como *antigamente*, *dantes*, *em tempos*, *todos os dias*, *todas as semanas*, o pretérito imperfeito representa ações ou comportamentos frequentes e repetitivos no passado, encerrando uma ideia de continuidade. A solução é, por conseguinte, *a (vivia)*.

No que diz respeito aos alunos do grupo A, 85.7% deram a resposta certa, e 14.3% responderam “viveu”. No que tange aos alunos do grupo B, 62.5% deram a resposta certa, menos do que os alunos do grupo A, em que 37.5% escolheram a resposta *b (viveu)*.

3.3.2.6. resultados do exercício II.6

Ele já _____ a porta quando eu cheguei.

- a. tinha fechado b. fechou

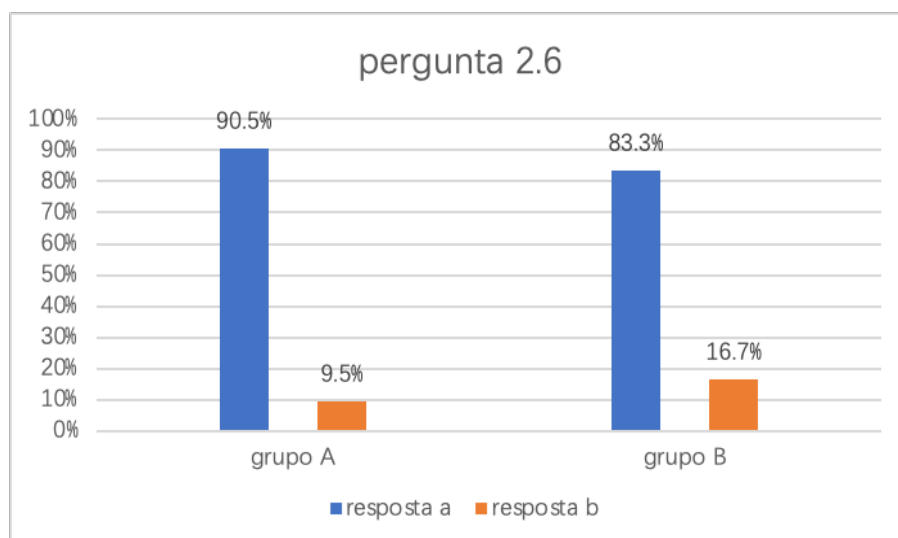


Gráfico 18: Resultados do exercício 2.6

Quando usamos o pretérito mais-que-perfeito, o advérbio *já* tem uma função específica, ou seja, perante a existência de duas formas verbais de pretérito num período composto, o advérbio *já* indica que uma das ações expressas precede a outra. A ação de *fechar a porta* já aconteceu antes de *eu chegar*. Por isso, a solução é *tinha fechado*.

Ao observar o gráfico 18, verificamos que 90.5% dos alunos do grupo A já dominam esse aspeto; apenas 9.5% cometeram erro.

Por outro lado, 83.3% dos alunos do grupo B acertaram, e 16.7% escolheram o pretérito perfeito simples.

3.3.2.7. resultados do exercício II.7

No ano passado, eu _____ Mandarim todos os sábados.

a. estudava

b. tenho estudado

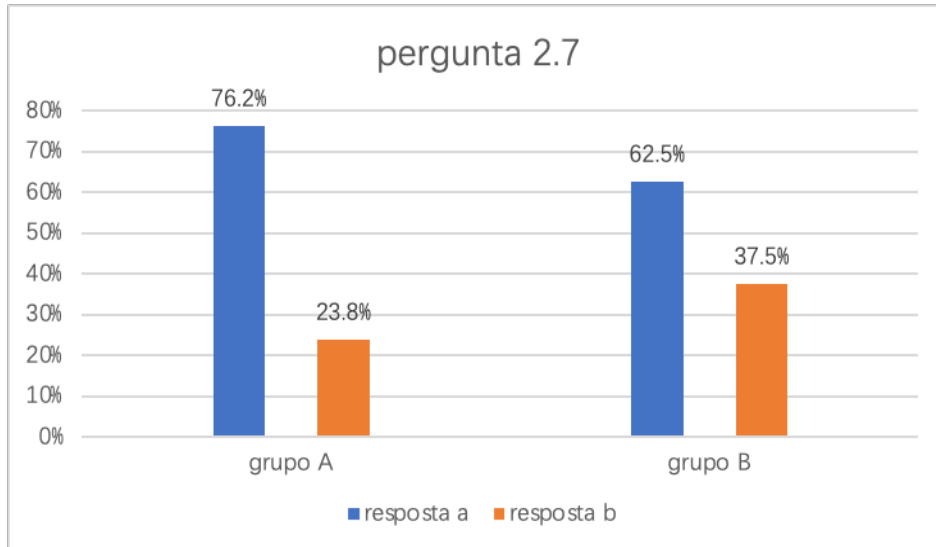


Gráfico 19: Resultados do exercício 2.7

Com a pergunta 2.5 pretendíamos investigar o conhecimento do emprego do pretérito imperfeito. Neste exercício, incluímos a locução temporal *todos os sábados*, para representar uma ação frequente e repetitiva no passado.

O gráfico 19 mostra que 76.2% dos alunos do grupo A deram a resposta certa, e 23.8% escreveram “tenho estudado”, usando o pretérito perfeito composto.

No que respeita aos alunos do grupo B, 62.5% responderam corretamente, e 37.5% cometeram erro. O problema é que estes não distinguem o uso do pretérito perfeito composto (que exprime uma ação que se vem repetindo desde o passado até ao momento presente) do pretérito imperfeito (exprimindo uma ação habitual situada no passado).

3.3.2.8. resultados do exercício II.8

Ultimamente, o João _____ a partir das 10 horas da manhã.

- a. estudou b. tem estudado

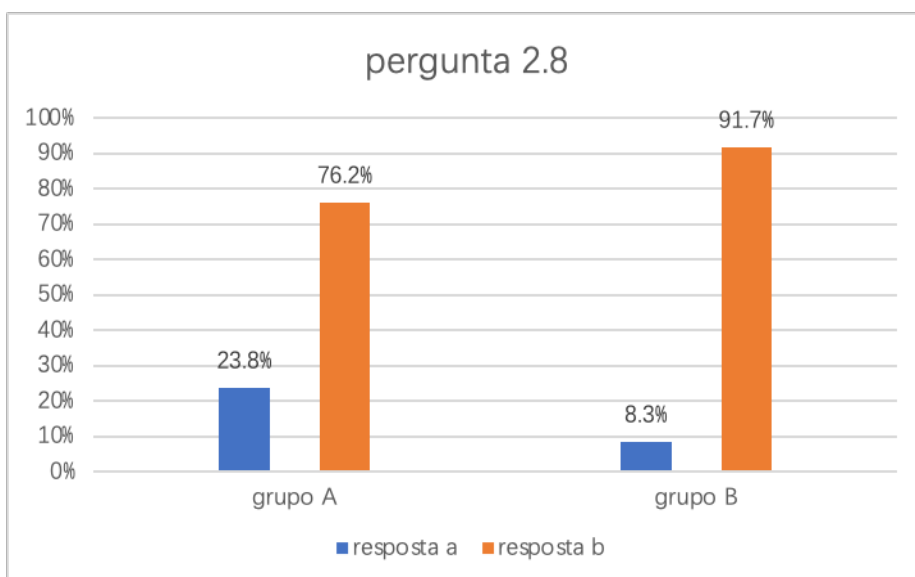


Gráfico 20: Resultados do exercício 2.8

Esta questão examina a capacidade dos alunos de distinguirem entre o pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto. No exercício, incluímos o advérbio *ultimamente* e a locução *a partir de*. Ambos denotam uma ação que teve início no passado e continua até o presente, pelo que os inquiridos teriam de utilizar o pretérito perfeito composto.

Segundo o gráfico 20, 23.8% dos alunos do grupo A cometeram erro, usando o pretérito perfeito simples. Esta taxa de erro é superior à dos alunos do grupo B. Ao mesmo tempo, no grupo A, 76.2% acertaram, embora menos do que no grupo B, 91.7%.

3.3.3. Resultados do exercício III

3.3.3.1. Resultados do exercício III.1

A menina e o pai _____ (sentar-se) no sofá anteontem.

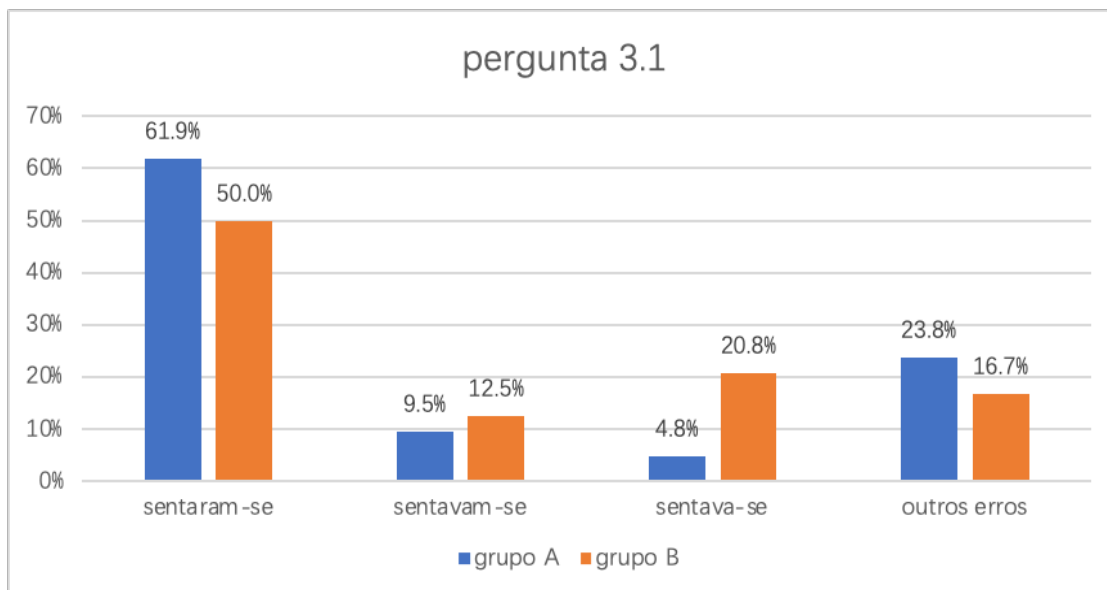


Gráfico 21: Resultados do exercício 3.1

Quando vemos o advérbio *anteontem*, a resposta óbvia é “sentaram-se”. Os dados revelam que os dois grupos apresentam bons resultados no preenchimento deste espaço. Porém, observa-se também que outros alunos têm dificuldades diferentes nesta frase; muitos usaram o tempo incorreto – o pretérito imperfeito –, outros conjugaram incorretamente o verbo² (no grupo A, 23.8%). Posto isto, conclui-se que a maioria dos alunos conhece bem a regra que dita o emprego do pretérito perfeito simples com a indicação *anteontem*, designando uma ação ou comportamento que foi concluído antes da enunciação.

3.3.3.2. Resultados do exercício III.2

Eu _____ (ter) 10 anos quando vim para Portugal com os meus pais.

² Alguns alunos responderam “sentou-se”, ou seja, não respeitaram a regra de concordância em número entre o sujeito (composto) e o verbo, que vai para o plural se vier depois do sujeito.

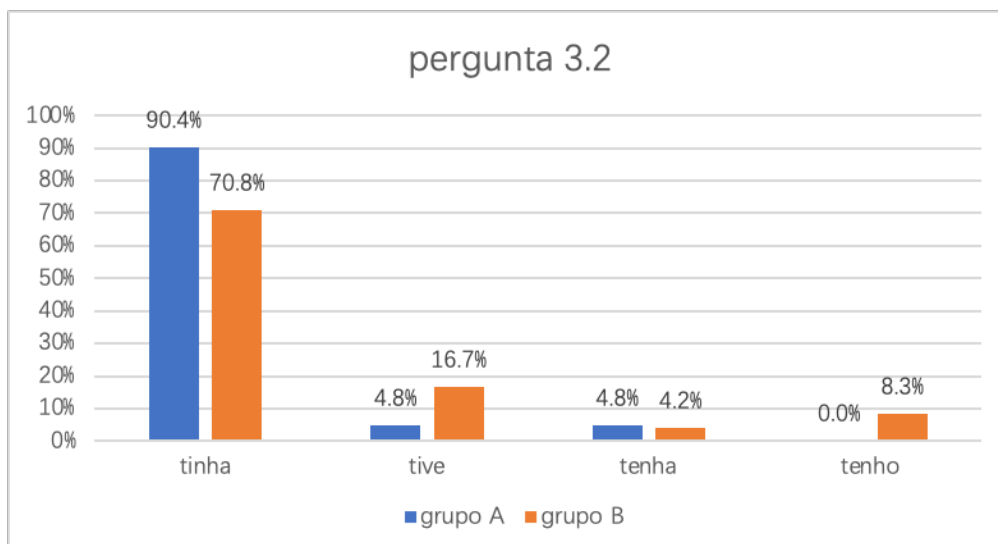


Gráfico 22: Resultados do exercício 3.2

A resposta correta é “tinha”, usando-se o pretérito imperfeito para expressar a hora e idade passadas.

Observando o gráfico 22, os grupos A e B mostram muito bons resultados no preenchimento deste espaço, sobretudo o grupo A, em que a taxa de acerto atinge 90.4%; o grupo B atinge 70.8%. Apenas uma pequena parte dos inquiridos selecionou outro tempo, “tive”, usando o pretérito perfeito simples (4.8% e 16.7%, respetivamente). Outros alunos preencheram “tenha”, presente de conjuntivo (4.8% e 4.2%, respetivamente). No grupo A, ninguém usou o presente do indicativo, mas no grupo B 8.3% dos alunos usaram-no.

3.3.3.3. Resultados do exercício III.3

A filha da Maria _____ (nascer) de madrugada.

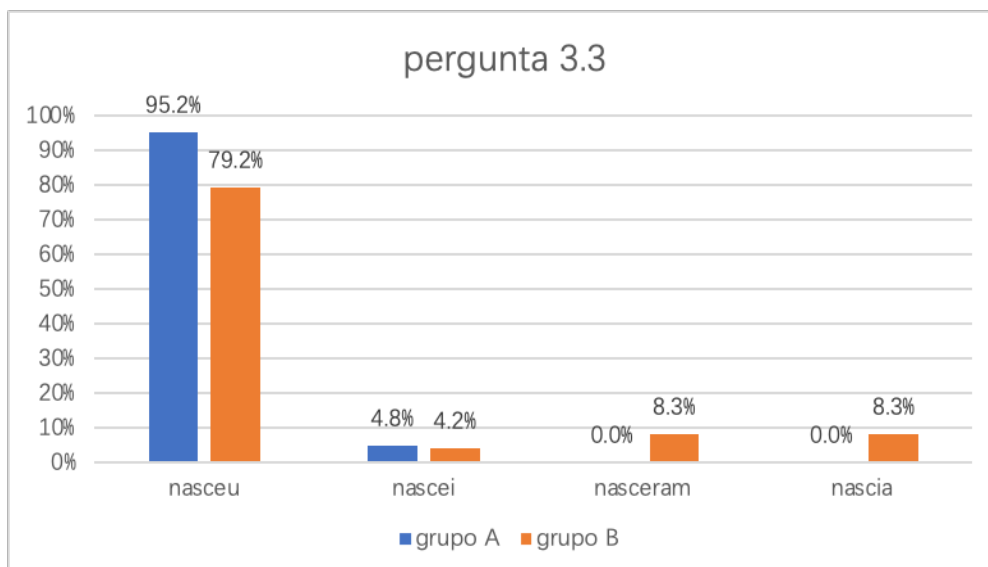


Gráfico 23: Resultados do exercício 3.3

Este exercício consiste em completar uma frase normal no pretérito perfeito simples. A solução é “nasceu”. Os dados mostram que os dois grupos fizeram um bom trabalho (95.2% e 79.2%, respetivamente). Alguns preencheram “nascei” e “nasceram”, ambos são erros de conjugação. Apenas 8.3% dos alunos do grupo B usaram o pretérito imperfeito “nascia”. No Grupo A ninguém cometeu este tipo de erros. Posto isto, na aprendizagem diária, devemos concentrar-nos em memorizar as conjugações verbais.

3.3.3.4. Resultados do exercício III.4

Ele perguntou-me se eu sabia quando é que eles _____ (chegar) a Portugal.

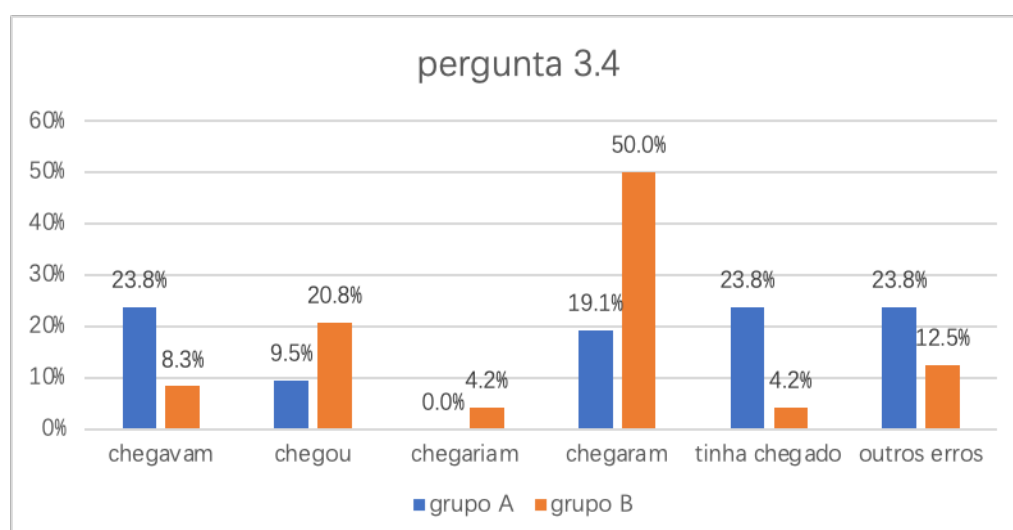


Gráfico 24: Resultados do exercício 3.4

A solução é “chegavam”. Pode-se ver pela taxa de acerto que este é um exercício extremamente difícil. Existiram respostas várias entre os dois grupos. A taxa de precisão nos grupos A e B é de apenas 23.8% e 8.3%, respectivamente. Quando no discurso direto se usa o presente do indicativo, na transposição para o discurso indireto, teremos de usar o pretérito imperfeito. Leiam-se as frases:

Ele perguntou: – Sabes quando é que eles chegam a Portugal? As duas formas verbais estão no presente. No discurso indireto, irão para o pretérito imperfeito.

* Ele perguntou-me se eu sabia quando é que eles chegavam a Portugal.

Se os alunos tivessem recorrido aos seus conhecimentos sobre a conversão do discurso direto em indireto e vice-versa, teriam acertado na resposta a este exercício.

3.3.3.5. Resultados do exercício III.5

O avô _____ (dar) um livro à filha no dia de anos.

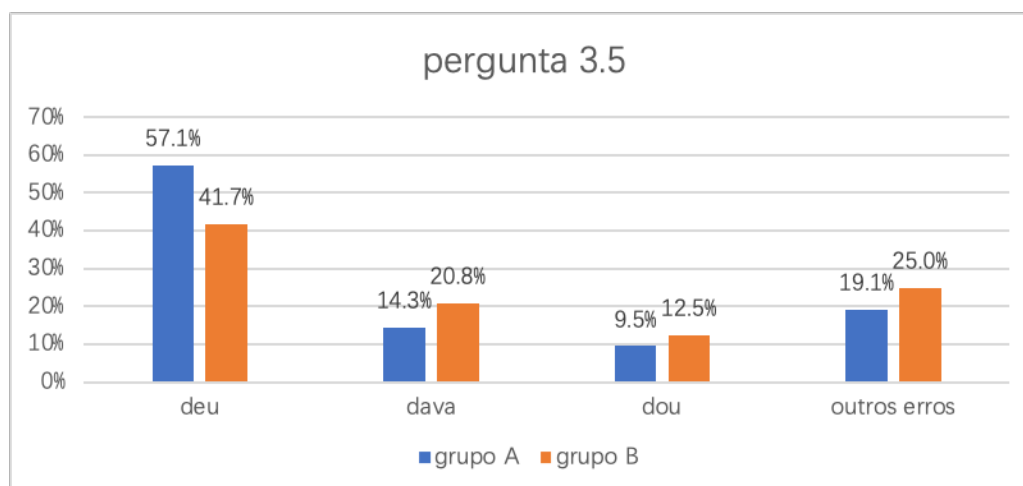


Gráfico 25: Resultados do exercício 3.5

Em comparação com outras respostas incorretas, a maioria dos alunos preencheu a lacuna com “deu” (57.1% e 41.7%, respectivamente) para expressar um comportamento que já aconteceu no passado. Esta solução é correta. Há, porém, alunos que usaram o tempo incorreto “dava”, o pretérito imperfeito (14.3% e 20.8%, respectivamente), e “dou”, o presente do indicativo (9.5% e 12.5% respectivamente),

provavelmente, para expressar a realização num futuro próximo da ação expressa pelo verbo.

3.3.4. Resultados do exercício IV

3.3.4.1. Resultados do exercício IV.1

Ontem nós _____ (receber) uma carta cheia de erros ortográficos.

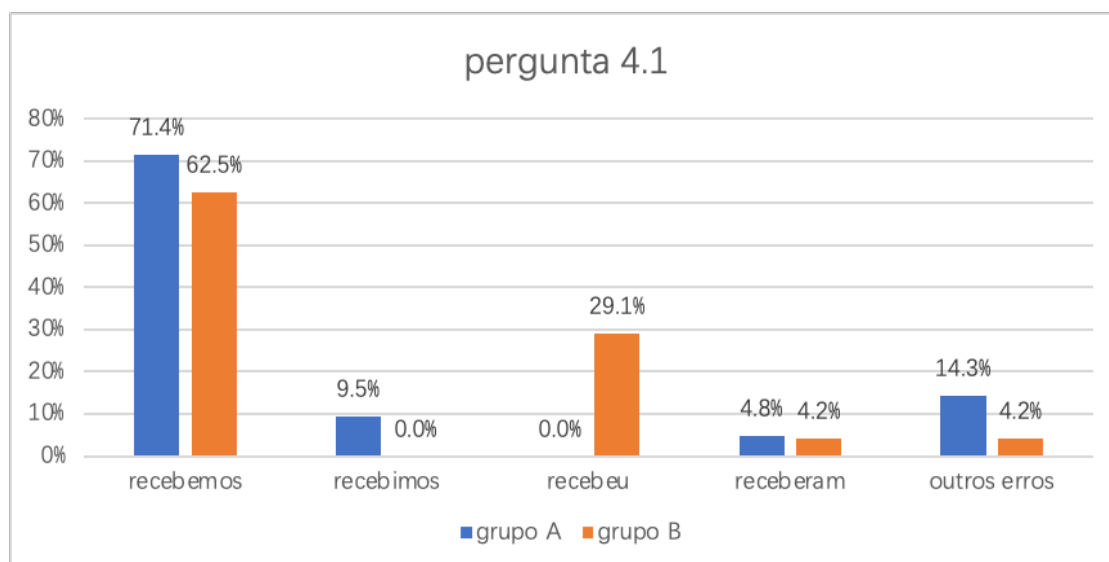


Gráfico 26: Resultados do exercício 4.1

Quando vemos o advérbio temporal *ontem*, torna-se óbvio para nós usar o pretérito perfeito simples.

O gráfico 26 mostra que o grupo A respondeu melhor do que grupo B; 71.4% dos alunos do grupo A acertaram, 9.5% escreveram “recebimos” e 4.8% colocaram “receberam”, ambos são erros de conjugação. Neste grupo, alguns alunos cometeram erros como “recebêramos”, “tínhamos recebido”, “recebe”, etc. A taxa de erro atinge 14.3%.

No que respeita aos alunos do grupo B, 62.5% responderam acertadamente, e 29.1% colocaram “recebeu”, enquanto 4.2% preencheram “receberam”, conjugando incorretamente o verbo. Neste exercício, ninguém usou o pretérito mais-que-perfeito. Neste grupo, alguns alunos cometeram erros, como “recebíramos”. A taxa de erro atinge 4.2%.

3.3.4.2. Resultados do exercício IV.2

A Ana já _____ (preparar) o jantar, quando a irmã chegou a casa.

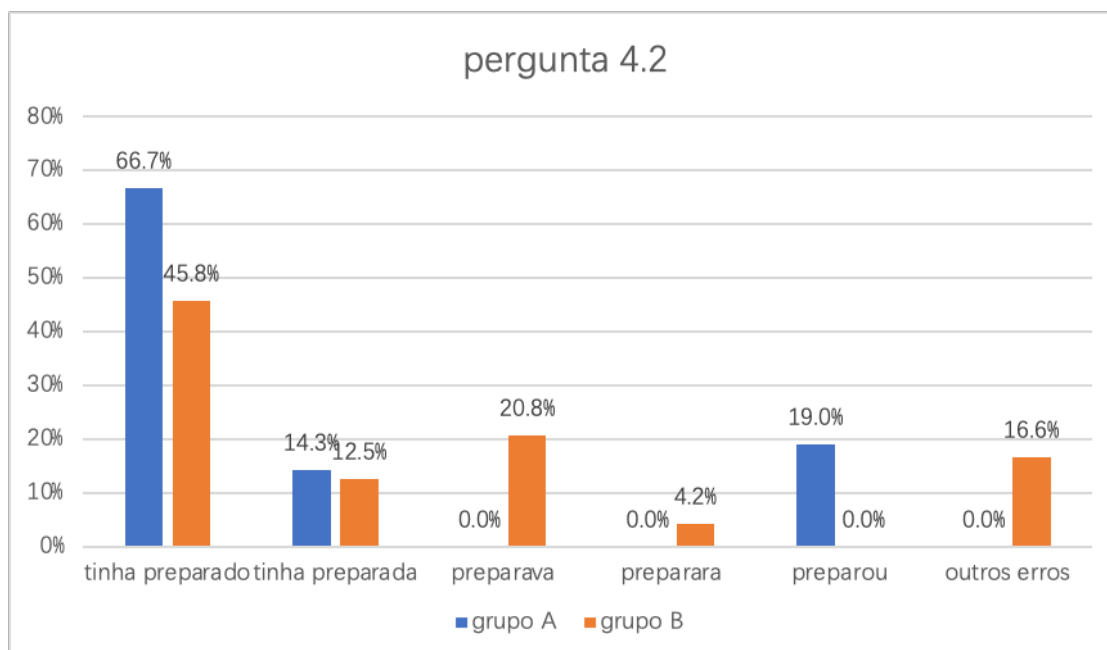


Gráfico 27: Resultados do exercício 4.2

Conforme foi referido no capítulo dedicado ao enquadramento teórico do tópico gramatical em estudo, a função do mais-que-perfeito é exprimir uma ação ou facto que ocorreu no passado, precedendo outra ação ou facto que também ocorreu no passado. Portanto, ações ou factos que ocorreram posteriormente são geralmente representadas pelo pretérito perfeito simples. Por isso, a resposta é “tinha preparado” ou “preparara”.

Segundo o gráfico 27, a taxa de acerto no grupo A atinge 66.7%. Ninguém respondeu “preparava”. Quanto aos restantes, 14.3% dos alunos preencheram “tinha preparada”; 19% escreveram “preparou”, usando um tempo incorreto.

Do lado dos alunos do grupo B, 45.8% e 4.2% acertaram, usando o mais-que-perfeito composto ou simples, respetivamente; 20.8% dos alunos preencheram “preparava”, que também se poderia considerar correto; 12.5% deles colocaram “tinha preparada”, conjugando incorretamente o verbo. Aliás, verificaram-se outros erros em alunos do grupo B, como “tem preparado”, “preparara”, “tinha preparava”. Estes erros correspondem a 16.6%.

3.3.4.3. Resultados do exercício IV.3

A minha prima _____ (arranjar) um trabalho numa empresa de importação e exportação.

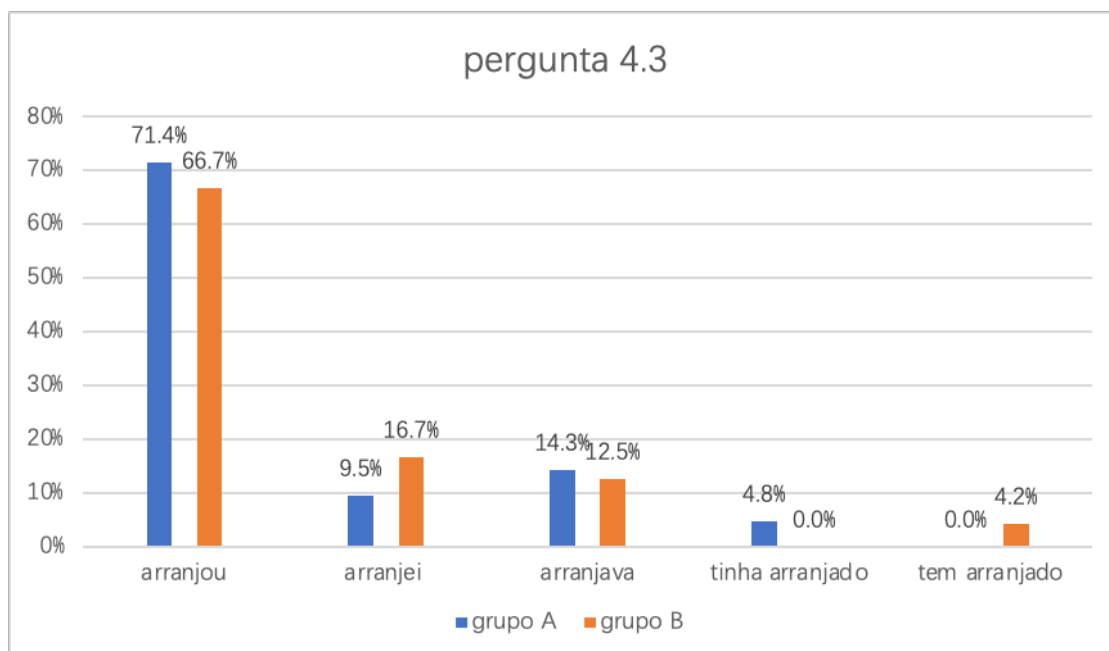


Gráfico 28: Resultados do exercício 4.3

Este é um exercício fácil. Testava o uso do pretérito perfeito simples. A resposta correta é “arranjou”.

Conforme mostra o gráfico 28, 71.4% dos alunos deram a resposta certa; 9.5% responderam “arranjei”; 14.3% responderam “arranjava”, e 4.8% “tinha arranjado”. O primeiro é um exemplo de conjugação errada e os dois últimos correspondem à utilização de um tempo verbal errado.

No entanto, os alunos do grupo B acertam menos neste exercício do que os do grupo A. Contra os 66.7% que acertaram, 16.7% preencheram “arranjei” e 12.5% “arranjava”. Alguns erros só se verificaram no grupo B, por exemplo, “tem arranjado” (4.2%).

3.3.4.4. Resultados do exercício IV.4

Quando cheguei para fazer compras, o supermercado _____ (fechar).

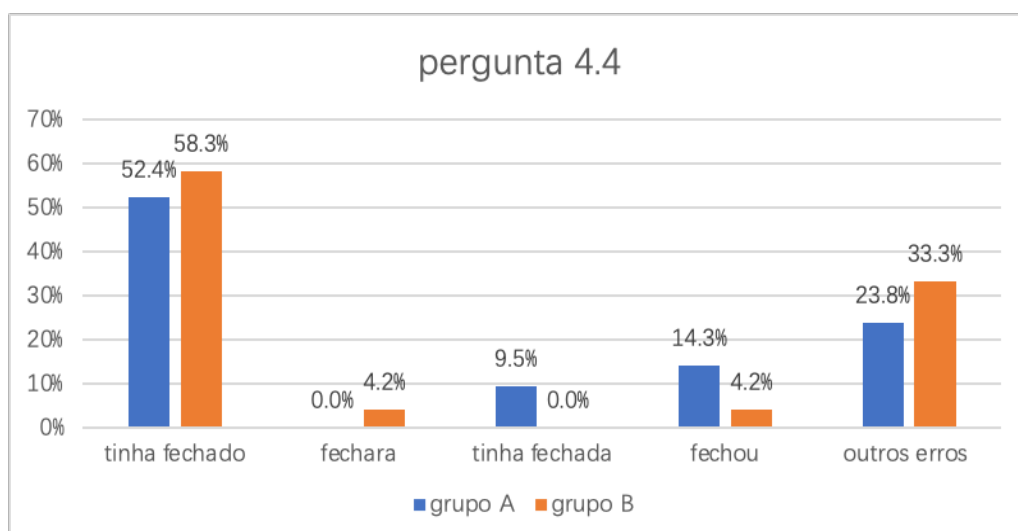


Gráfico 29: Resultados do exercício 4.4

Tal como o exercício 4.2, esta é uma questão sobre o pretérito mais-que-perfeito. Por isso, a solução exata deste exercício é “tinha fechado” ou “fechara”.

Conforme revela o gráfico 29, 52.4% dos alunos do grupo A preencheram “tinha fechado”; ninguém respondeu “fechara”; 9.5% colocaram “tinha fechada”; 14.3% responderam “fechou”, usando o tempo incorreto, mas também há 23.8% que cometeram outros erros, por exemplo, “tive fechado”, “estava fechado”, “fechei” e “teve fechado”.

No entanto, os alunos do grupo B acertaram mais do que alunos do grupo A. Contra os 58.3% dos que acertaram, 4.2% preencheram “fechara”. Ninguém respondeu “tinha fechada”; apenas 4.2% usaram o pretérito perfeito simples e preencheram “fechou”. Como no grupo A, 33.3% cometeram outros erros, por exemplo, “tenha fechado”, “havia fechado”, “tinha fechava”, “fechava”, etc.

3.3.5. Resultados do exercício V

3.3.5.1. Resultados do exercício V.1

Quando o gato _____ (miar), ela estava a ver televisão.

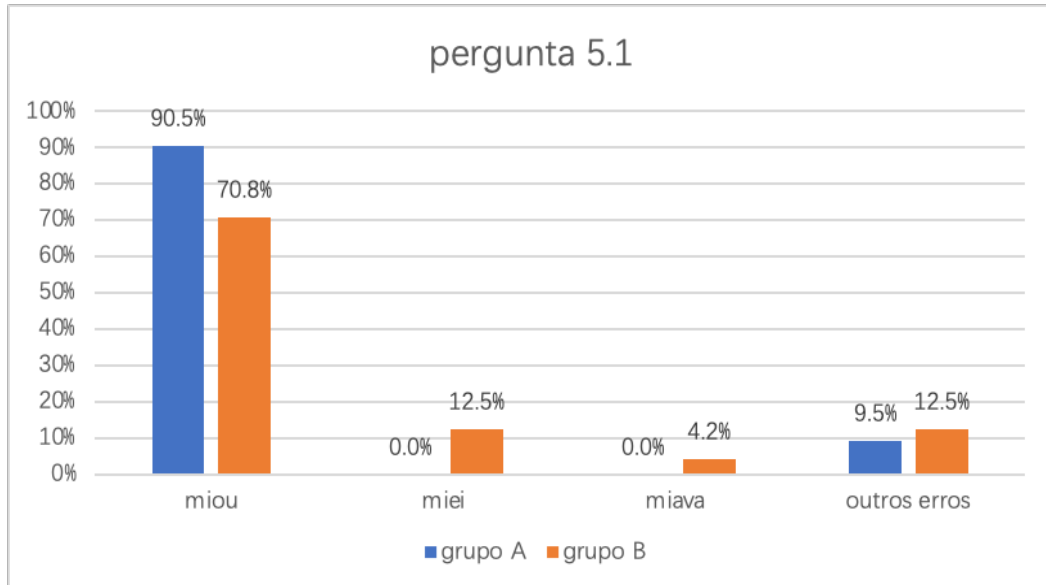


Gráfico 30: Resultados do exercício 5.1

A solução é “miou”. Quando na oração subordinante se usa o pretérito imperfeito para indicar uma ação ou comportamento que estava em andamento no passado, na oração subordinada, devemos usar o pretérito perfeito simples.

O gráfico indica que o grupo A tem uma taxa de acerto superior à do grupo B, ou seja, 90.5%. Ninguém preencheu “miei” ou “miava”. Não houve erros, e apenas duas pessoas não responderam (9.5%).

No que tange aos alunos do grupo B, 70.8% acertaram. 12.5% e 4.2% preencheram “miei” e “miava”, respectivamente. O primeiro é um erro de conjugação, e o último é um erro temporal. 12.5% correspondem a outros erros, como “tenho miado” e “miava”.

3.3.5.2. Resultados do exercício V.2

Ele _____ (descansar) bastante nos últimos dias.

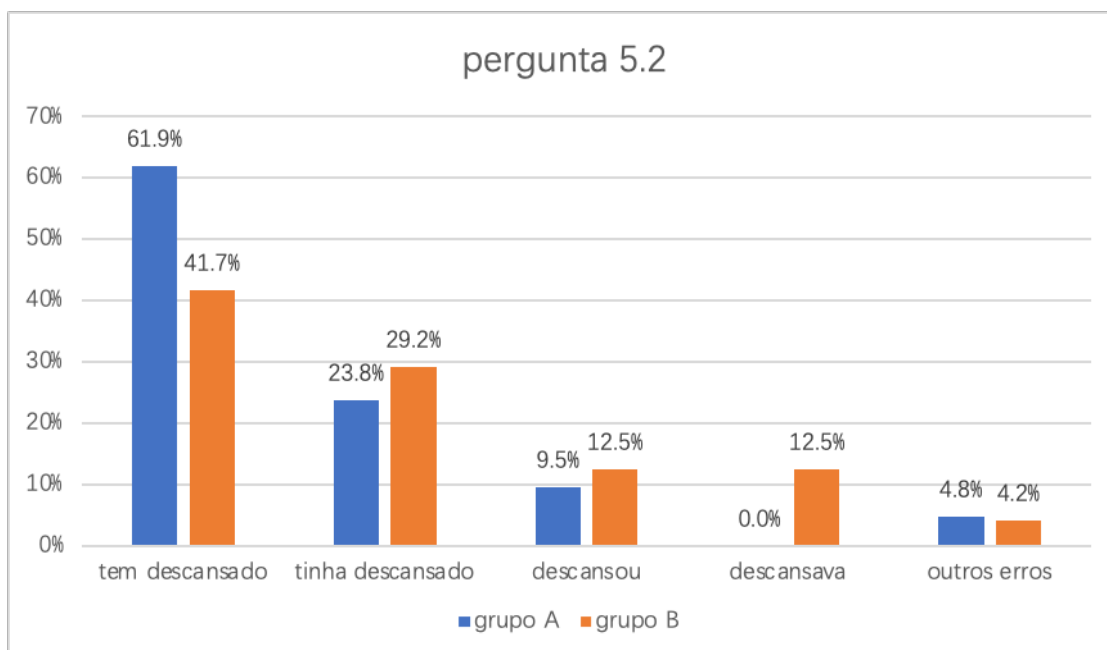


Gráfico 31: Resultados do exercício 5.2

Na frase deste exercício encontramos a locução temporal *nos últimos dias*, por isso, devemos usar o pretérito perfeito composto, para expressar a ideia de *recentemente, sempre*. A resposta é “tem descansado”.

De acordo com o gráfico 31, 61.9% dos alunos do grupo A acertaram; 23.8% preencheram “tinha descansado”, 9.5% responderam “descansou” e ninguém escreveu “descansava”; 4.8% cometeram outros erros, por exemplo, “estava descansado”.

Apenas 41.7% dos alunos do grupo B acertaram; 29.2% responderam “tinha descansado”; 12.5% preencheram “descansou”; 12.5% responderam “descansava”. Todos são erros temporais. Verificaram-se ainda 4.2% de outros erros, como “tenha descansado”.

3.3.5.3. Resultados do exercício V.3

Nos últimos anos, a produção de tratores _____ (aumentar).

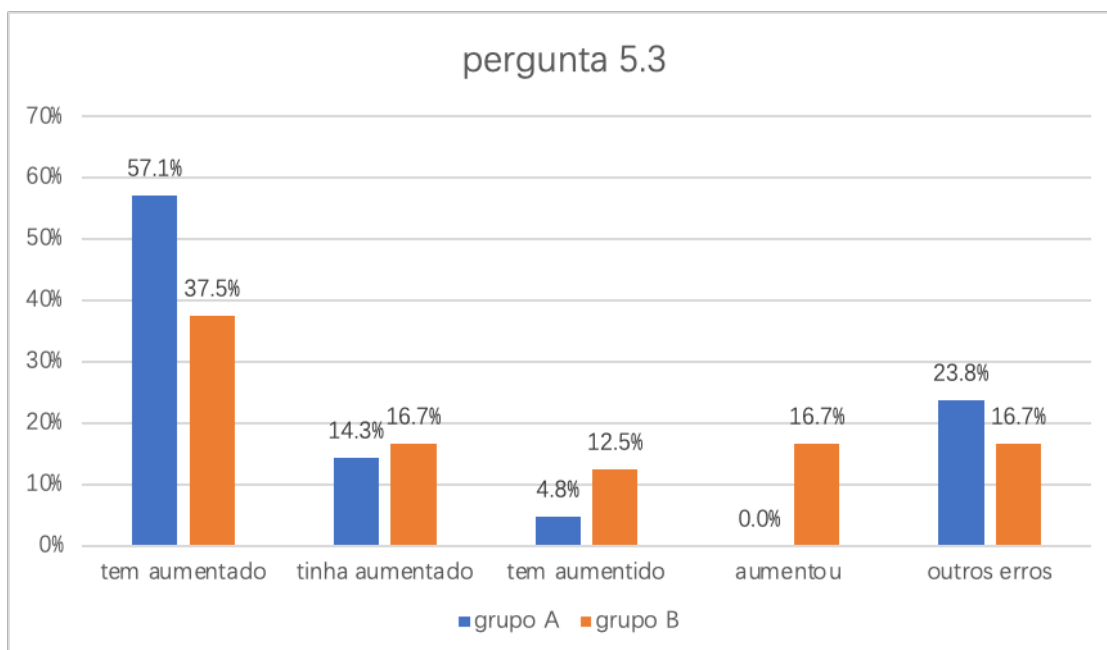


Gráfico 32: Resultados do exercício 5.3

Tal como no exercício 5.2, devemos utilizar o pretérito perfeito composto; a solução é “tem aumentado”.

De acordo com o gráfico 32, 57.1% dos alunos do grupo A deram a resposta certa; 14.3% responderam “tinha aumentado” (erro temporal); 4.8% responderam “tem aumentido”. Verificaram-se outros erros: “estava aumentado”, “aumenteu”, “aumentemos” (no total, 23.8%).

No entanto, no grupo B, 37.5% dos alunos acertaram na resposta; 16.7% e 12.5% responderam, respetivamente, “tinha aumentado” e “tem aumentido” (erro no participio do verbo principal); 16.7% responderam “aumentou”; 16.7% deu outros erros: “aumentem”, “aumentia”, “tenha aumentado”, “aumentava”, etc.

3.3.5.4. Resultados do exercício V.4

Anteontem _____ (ser) o dia do meu aniversário.

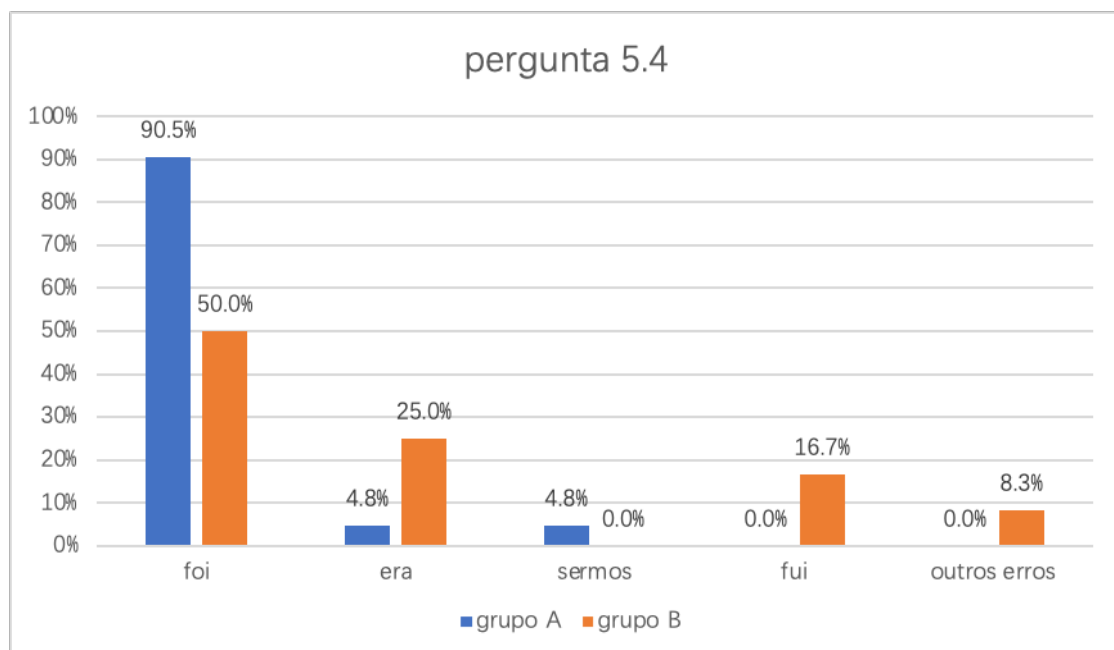


Gráfico 33: Resultados do exercício 5.4

A resposta certa é “Anteontem foi o dia do meu aniversário”.

No gráfico 33, podemos observar que 90.5% dos alunos do grupo A deram a resposta exata; 4.8% preencheram “era”; 4.8% escreveram “sermos” (infinito pessoal).

Por outro lado, apenas 50% dos alunos do grupo B acertaram; 25% usaram um tempo incorreto e preencheram “era”; 16.7% conjugaram incorretamente e escreveram “fui”; verificaram-se ainda outros erros, por exemplo, “tinha será”.

3.3.6. Resultados do exercício VI

3.3.6.1. Resultados do exercício VI.1

上周我去图书馆了。（陈述式过去完成时）

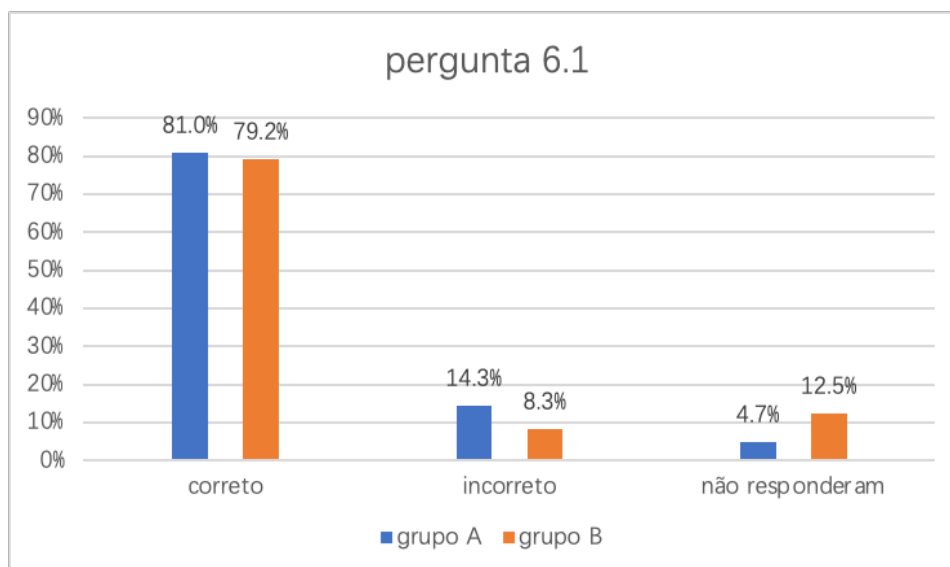


Gráfico 34: Resultados do exercício 6.1

A solução é: *Eu fui à biblioteca na semana passada.*

Esta é uma frase traduzida do Mandarim para o Português. O uso do pretérito perfeito é lembrado entre parênteses. Para percebermos melhor o problema, posteriormente, listaremos algumas respostas dos inquiridos.

Os dados revelam que 81% dos alunos do grupo A acertaram. Também 79.2% dos alunos do grupo B deram a resposta certa. Por isso, podemos ver que a maioria dos alunos domina o uso do pretérito perfeito simples. Contudo, ainda se verificaram alguns erros entre os dois grupos, por exemplo:

- 1) **Foi à biblioteca na semana passada.* (Grupo A)
- 2) **No semana passada, foi à biblioteca.* (Grupo B)

Nas duas respostas, os alunos cometeram o mesmo erro com verbo *ir*, que deve estar no pretérito perfeito simples por se referir a algo feito ou acontecido dentro de um determinado período de tempo. Em ambos os grupos, conjugaram o verbo na pessoa errada; o sujeito é a primeira pessoa do singular, “eu”, não a terceira pessoa, “ele ou ela”. Além disso, no exemplo do Grupo B, não foi estabelecida a concordância entre o género do determinante artigo definido contraído com a preposição (*Em + o = No*) e o nome determinado, *semana* (cf. Ye,

2008, pp.19; 35).

3.3.6.2. Resultados do exercício VI.2

当我到达电影院的时候，安娜已经到了。（陈述式先过时）

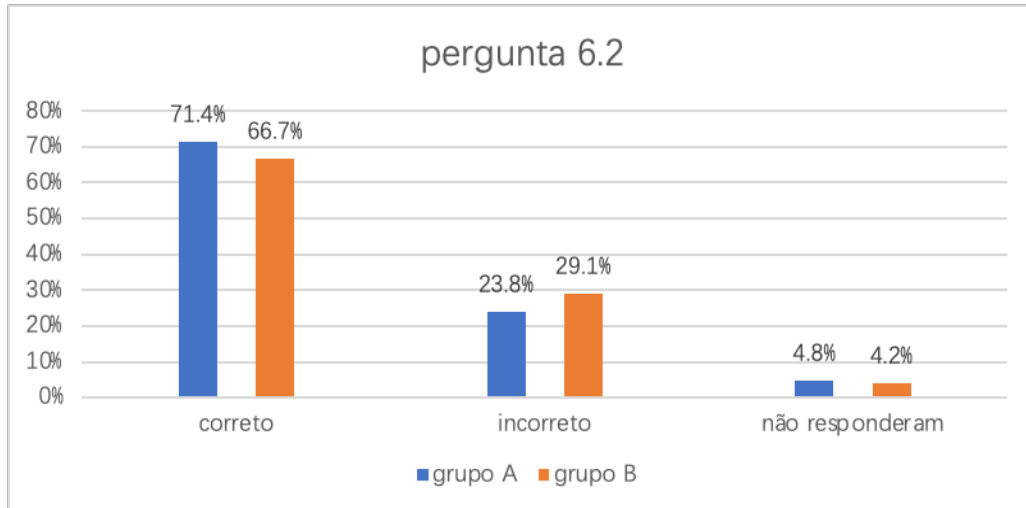


Gráfico 35: Resultados do exercício 6.2

A solução é: *A Ana já tinha chegado quando cheguei ao cinema.*

De acordo com o gráfico 35, os alunos do grupo A responderam melhor do que os do grupo B; a taxa de acerto é, respetivamente, 71.4% e 66.7%. Verificaram-se ainda algumas respostas incorretas neste exercício. Por exemplo:

- 1) **Quando chegei cinema, Ana já chegou.* (Grupo A)
- 2) **A Ana já tinha chegada quando eu cheguei à cinema.* (Grupo A)
- 3) **Quando eu tinha chegar ao cinema, A Ana já chegou.* (Grupo B)
- 4) **Quando eu chegava ao teatro, Ana já tinha chegada.* (Grupo B)
- 5) **Quando cheguei ao cinema, a Ana já tem chegado.* (Grupo B)

Não só se verificaram erros relativos à pessoa verbal, mas também ao tempo. No grupo A, na frase 1), usaram o pretérito perfeito simples na oração subordinante e oração subordinada. Além disso, o verbo “chegar” foi incorretamente conjugado. Na frase 2), na a oração subordinante usaram “tinha chegada”, e na oração subordinada usaram o determinante artigo definido incorreto com o nome *cinema* (masculino).

Além dos mesmos erros que surgiram no grupo A, apareceram os outros no

grupo B. Na frase 3), por exemplo, na oração subordinada usaram o pretérito mais-que-perfeito, mas na oração subordinante utilizaram o pretérito perfeito simples. Os alunos que cometeram este tipo de erro não têm uma compreensão absoluta do emprego do pretérito mais-que-perfeito. Na frase 4), os alunos usaram o pretérito imperfeito na oração subordinada. Na oração subordinante, cometeram o mesmo erro verificado na frase 2) do grupo A. Na frase 5), usaram o pretérito perfeito composto na oração subordinante.

Para resolvermos corretamente este exercício, teríamos de saber que a função do mais-que-perfeito é exprimir uma ação ou facto que ocorreu no passado, precedendo outra ação ou facto que também ocorreu no passado, e que as ações ou factos que ocorreram posteriormente são geralmente representados pelo pretérito perfeito simples.

3.3.6.3. Resultados do exercício VI.3

去年，他每个周末都去听演讲。（陈述式过去未完成时）

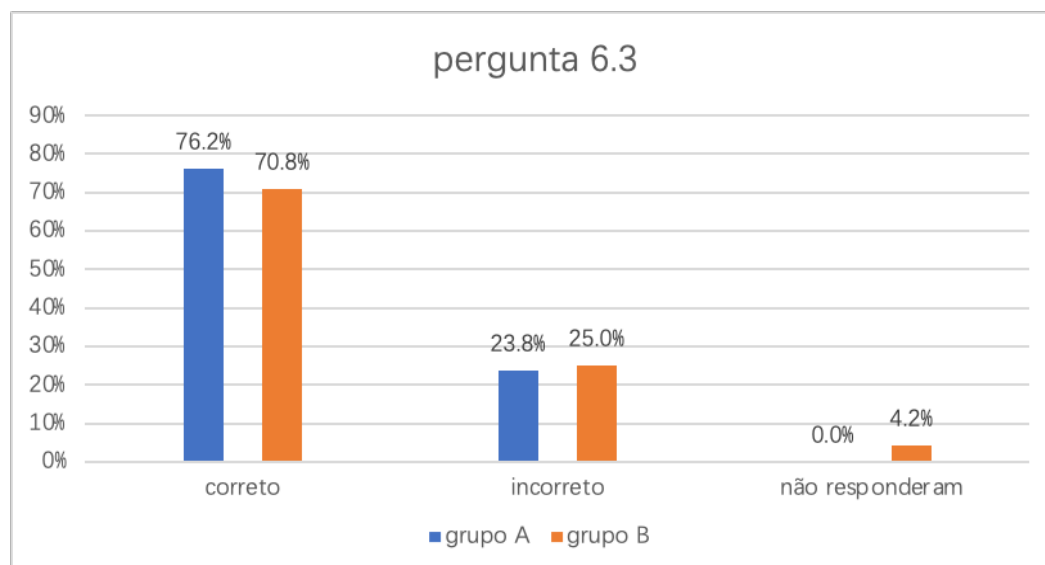


Gráfico 36: Resultados do exercício 6.3

A solução é: *No ano passado, ele ia ouvir (ou ouvia) as palestras todas as semanas.*

As taxas de acerto dos dois grupos de alunos são 76.2% e 70.8%. Isso mostra que a maioria dos alunos domina muito bem o uso do pretérito imperfeito.

Vejam algumas frases erradas entre os dois grupos:

- 1) **Último ano, ele foi ouvir discurso todas fins de semanas.* (Grupo A)
- 2) **No ano passado, ele ia ouça a palestra todas as semanas.* (Grupo A)
- 3) **No ano passado, ele foi ouvir palestras todo final de semana.* (Grupo B)
- 4) **Fui às aulas dele todos os fins-de-semana do ano passado.* (Grupo B)

No conjunto das 4 frases, os dois grupos cometeram o mesmo erro (tempo incorreto), ou seja, usaram o pretérito perfeito simples. Na frase 4), alguém conjugou na pessoa incorreta o verbo *ir*.

3.3.6.4. Resultados do exercício VI.4

自从昨天开始，猫咪一直在家睡觉。（复合过去完成时）

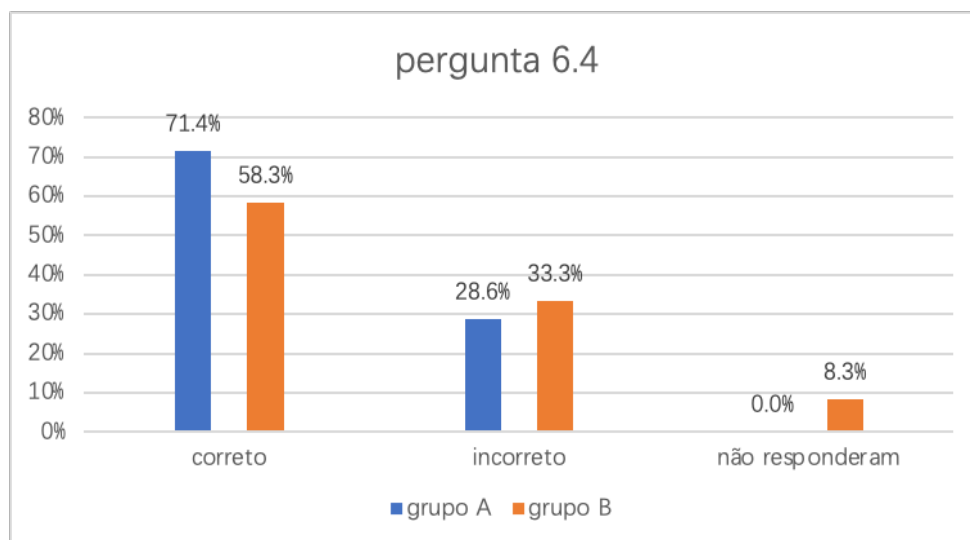


Gráfico 37: Resultados do exercício 6.4

A solução é: *Desde ontem, o gato tem dormido na casa.*

Os dados revelam que o grupo A apresenta melhores resultados do que o grupo B no preenchimento correto. Verifica-se também que no grupo B existem mais dificuldades. Vejam algumas frases erradas entre os dois grupos:

- 1) **Desde ontem, o gato estava a dormir na casa.* (Grupo A)
- 2) **Desde ontem, o gato tem estado a dormir.* (Grupo A)

- 3) **Desde ontem, o gato teve dormido em cada.* (Grupo A)
- 4) **Ontem, o gato dormi na casa.* (Grupo A)
- 5) **Desde de ontem, o gato está dormindo na casa.* (Grupo B)
- 6) **A partir de ontem o gato já estavam dormendo na casa.* (Grupo B)
- 7) **Desde ontem, o gato tinha dormido em casa.* (Grupo B)

Os erros cometidos neste exercício são diversos. Quanto aos alunos do grupo A, alguns usaram o pretérito imperfeito, o pretérito perfeito composto incorretamente conjugado, o presente do indicativo, etc.

Por outro lado, no grupo B, cometeram um erro na grafia do gerúndio (**dormendo*) e, na frase 7, utilizaram o pretérito mais-que-perfeito.

3.4. Análise dos resultados

“A melhoria acontece quando se trabalha nos limites. O avanço, de facto, está fora da famosa zona de conforto. E aí vamos errar, é inevitável. O progresso, no entanto, assenta no avançar até ao erro.” (Ilharco, 2019)

De acordo com Corder (1981, p. 45), a análise de erros tem duas funções principais: uma função teórica e uma função prática. Do ponto de vista teórico, a análise de erros faz parte da metodologia de investigação do processo de aprendizagem de línguas, ou melhor dizendo, em cada processo de aprendizagem de línguas, os aprendentes cometem erros diferentes em momentos diferentes, cujo estudo é importante para percebermos a natureza do processo da aprendizagem. Por outro lado, a função prática da análise de erros auxilia os aprendentes e os professores na correção desses mesmos erros. Os critérios de análise de erros também servem para classificar os erros cometidos pelos aprendentes, a fim de identificar sua origem.

A análise de erros sempre foi um dos meios importantes de pesquisa e desenvolvimento de línguas estrangeiras e segundas línguas. Concentra-se principalmente no resumo, estatísticas e classificação de erros verificados em

amostras de alunos e explora as características do sistema de linguagem e as regras de aquisição de línguas, de acordo com as razões dos erros. O desenvolvimento da teoria da aquisição de uma segunda língua tem um significado positivo para orientar cientificamente as ferramentas de ensino de línguas.

Este trabalho investiga a aprendizagem dos tempos do pretérito do indicativo por aprendentes de língua materna chinesa. Através de um questionário e de métodos de análise observacional, apontaremos as dificuldades, com o intuito de auxiliar os professores a formular estratégias de ensino que respeitem as características dos alunos. A tabela a seguir apresentada resume as taxas de acerto alcançadas em cada pergunta pelos dois grupos de alunos:

Pergunta	Subcapítulo	Grupo A	Grupo B
I.1	3.3.1.1	47.6%	62.5%
I.2	3.3.1.2.	95.2%	91.7%
I.3	3.3.1.3.	81.0%	58.3%
I.4	3.3.1.4.	52.4%	37.5%
II.1	3.3.2.1.	95.2%	83.3%
II.2	3.3.2.2.	76.2%	62.5%
II.3	3.3.2.3.	85.7%	91.7%
II.4	3.3.2.4.	90.5%	79.2%
II.5	3.3.2.5.	85.7%	62.5%
II.6	3.3.2.6.	90.5%	83.3%
II.7	3.3.2.7.	76.2%	62.5%
II.8	3.3.2.8.	76.2%	91.7%
III.1	3.3.3.1.	61.9%	50.0%
III.2	3.3.3.2.	90.4%	70.8%
III.3	3.3.3.3.	95.2%	79.2%
III.4	3.3.3.4.	23.8%	8.3%
III.5	3.3.3.5.	57.1%	41.7%
IV.1	3.3.4.1.	71.4%	62.5%
IV.2	3.3.4.2.	66.7%	50.0%
IV.3	3.3.4.3.	71.4%	66.7%

IV.4	3.3.4.4.	52.4%	62.5%
V.1	3.3.5.1.	90.5%	70.8%
V.2	3.3.5.2.	61.9%	41.7%
V.3	3.3.5.3.	57.1%	37.5%
V.4	3.3.5.4.	90.5%	50%
VI.1	3.3.6.1.	81.0%	79.2%
VI.2	3.3.6.2.	71.4%	66.7%
VI.3	3.3.6.3.	76.2%	70.8%
VI.4	3.3.6.4.	71.4%	58.3%

Quadro: Percentagem de respostas corretas nos grupos A e B

Este resumo das taxas de acerto alcançadas pelos dois grupos de alunos no questionário permite-nos conhecer as principais dificuldades por aqueles encontradas no uso dos diferentes tempos pretéritos e estabelecer uma comparação entre estudar uma segunda língua estrangeira numa universidade portuguesa e aprender a língua lusa na China Continental.

Através do método de inquérito e de observação, analisaremos e explicaremos as baixas taxas de acerto. Na tabela, encontramos um total de 12 questões com uma taxa de acerto relativamente baixa. A área preenchida a verde representa uma taxa de acerto inferior a 60% em ambos os grupos de inquiridos. No início da análise do questionário que serviu de base a este estudo, foi apresentada a classificação obtida nos exercícios. As taxas de acerto constantes da tabela refletem claramente o nível geral do domínio por parte dos estudantes chineses do uso do pretérito do indicativo em Português. Em termos gerais, as taxas de acerto dos exercícios II e VI são melhores do que as dos restantes. Pelo quadro anterior, também podemos ver que os inquiridos não distinguem claramente os valores semânticos dos vários pretéritos do indicativo. Pela nossa experiência pessoal, esse é o motivo pelo qual se costumam concentrar mais na gramática (conjugação) e ignorar o seu real significado, algo que influenciou certamente o seu desempenho na resolução dos exercícios propostos.

A seguir, vamos concentrar-nos na análise dos erros mais comuns cometidos.

Na pergunta 1.1 (*O pretérito perfeito simples do indicativo usa-se para*

_____.), a taxa de precisão dos grupos A e B é, respetivamente, 47.6% e 62.5%. A resposta incorreta mais comum é:

** exprimir uma ação anterior a outra que também é passada.*

Muitos inquiridos confundiram os pretéritos perfeito simples e mais-que-perfeito. Nesta pergunta, viram duas expressões-chave, *ação anterior* e *passada*, por isso, escolheram esta opção sem pensar. Na verdade, é muito simples compreender o valor semântico do pretérito perfeito simples; usa-se para exprimir as ideias de passado e conclusão, simultaneamente. Quando se descreve uma ação plenamente realizada no passado, antes do momento em que se fala, usa-se o pretérito perfeito simples.

Na pergunta I.3 (*O pretérito mais-que-perfeito do indicativo usa-se para _____.*), a taxa de acerto do grupo B é de apenas 58.3%. A resposta incorreta mais comum é:

** denotar uma ação ou comportamento frequente e repetitivo no passado.*

Neste caso, os inquiridos não conseguem entender cabalmente o valor semântico do pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Ao mesmo tempo, ao escolherem aquela opção, revelam desconhecer também o emprego correto do pretérito imperfeito. A função exata do pretérito mais-que-perfeito é indicar uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada.

Na pergunta I.4 (*O pretérito perfeito composto do indicativo forma-se _____.*), a resposta errada mais comum é:

** conjugando o pretérito perfeito do indicativo do verbo auxiliar “ter ou haver + particípio passado do verbo principal”.*

Claramente, os inquiridos não dominam a formação do pretérito perfeito composto. A maioria sabe que as formas verbais conjugadas nesse tempo consistem em duas partes: “*ter* ou *haver* + particípio passado do verbo principal”. No entanto, quando se trata do verbo auxiliar *ter* ou *haver*, não está claro para eles qual é o tempo. A justificação para esse resultado está relacionada com os livros didáticos de Língua Portuguesa mais usados pelos alunos de licenciatura das universidades públicas, que não abordam este tópico, de forma que os alunos não prestam atenção suficiente ao seu estudo. Este aspeto precisa, por isso, de ser claramente memorizado: “*conjugando*

o presente do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver* + *particípio passado* do verbo principal”.

Na pergunta III.1 (*A menina e o pai _____ (sentar-se) no sofá anteontem.*), as respostas erradas mais comuns são:

- * *sentavam-se*
- * *Sentava-se*
- * *sentara-se*
- * *sentou-se*
- * *sentiam-se*
- * *sentiram-se*
- * *tinha se sentado*

Na pergunta V.4 (*Anteontem foi (ser) o dia do meu aniversário.*)

V.4), as respostas erradas mais comuns são:

- * *era*
- * *sermos*
- * *fui*

Este é um exercício típico e simples, mas a taxa de precisão alcançada pelo grupo B não atingiu o valor esperado. Pode-se observar acima que os alunos não conhecem muito bem o uso do pretérito perfeito simples. Confundiram os vários tempos.

Quando os advérbios ou locuções temporais do tipo *ontem*, *anteontem*, *na semana passada*, *no mês passado*, *no ano passado*, etc. aparecem na frase, utiliza-se o pretérito perfeito simples do indicativo.

Além disso, confundiram o singular e o plural na conjugação do tempo verbal. Uma vez mais, recordamos que, quando o sujeito é composto, quanto à concordância em número, o verbo vai para o plural se vier depois do sujeito.

Na pergunta III.4, (*Ele perguntou-me se eu sabia quando é que eles _____ (chegar) a Portugal.*), as respostas erradas mais comuns são:

- * *chegou*
- * *chegariam*
- * *chegaram*

* *tinha chegado*

* *chegarão*

* *chegámos*

A solução é *chegavam*. Pode ver-se pela baixa taxa de acerto que este é um problema difícil. A taxa de precisão nos grupos A e B é de apenas 23.8% e 8.3%, respetivamente. Quando o discurso direto está no presente do indicativo, na conversão para o discurso indireto, temos de usar o pretérito imperfeito.

* *Ele perguntou: - Sabes quando é que eles chegam a Portugal. As duas formas verbais no presente, no discurso indireto, vão para o pretérito imperfeito.*

* *Ele perguntou-me se eu sabia quando é que eles chegavam a Portugal.*

Esta regra é importante. Precisa de ser praticada repetidamente no estudo diário.

Na pergunta III.5 (*O avô _____(dar) um livro à filha no dia de anos.*) As respostas erradas mais comuns são:

* *dava*

* *dou*

* *dá*

Os erros comuns nesta pergunta incluem o tempo e a conjugação incorretos do verbo. Além do uso incorreto do tempo (por exemplo, pretérito imperfeito e presente do indicativo), alguns alunos não conhecem a terceira conjugação de verbo *dar* no pretérito perfeito simples. Por isso, podemos concluir que eles não dominam as regras da flexão verbal. Podemos até acrescentar que os alunos, mesmo ao depararem-se com o pretérito perfeito simples, às vezes, não conseguem ter 100% de certezas. Ora, para referirmos algo feito ou acontecido dentro de um determinado período de tempo, devemos usar o pretérito perfeito.

Na pergunta IV.2 (*A Ana já _____ (preparar) o jantar, quando a irmã chegou a casa.*), as respostas erradas mais comuns são:

* *tinha preparada*

* *preparava*

* *preparou*

* *tem preparado*

* *tinha preparava*

A resposta a esta pergunta é *tinha preparado* ou *preparara*. A função do mais-que-perfeito é exprimir uma ação ou facto que ocorreu no passado, precedendo outra ação ou facto que também ocorreu no passado. As ações ou factos que ocorreram posteriormente são geralmente representados pelo pretérito perfeito simples. Alguém cometeu erro na escolha do tempo, usando o pretérito perfeito simples, o imperfeito ou o pretérito perfeito composto. Aproveitamos também para enfatizar que, quando usamos o pretérito mais-que-perfeito composto, o particípio do verbo principal não deve ser flexionado, como alguns fizeram. O Grupo A apresenta uma taxa de acerto razoável. O problema verifica-se sobretudo no grupo B. No nosso entender, a razão para essa dificuldade é que o material didático sobre o pretérito mais-que-perfeito não aborda de forma completa este conteúdo.

Na pergunta IV.4 (*Quando cheguei para fazer compras, o supermercado _____ (fechar).*) As respostas erradas mais comuns são:

* *tinha fechada*

* *fechou*

* *tenha fechado*

* *fechava*

Esta frase deve ser preenchida com a forma do pretérito mais-que-perfeito *tinha fechado* ou *fechava*. Como na pergunta anterior IV.2, testava-se aqui o mesmo conteúdo gramatical. As formas verbais “*tinha fechado* ou *fechava* ” denotam que a ação que ocorreu no passado precede outra ação (*cheguei*) que também ocorreu no passado. A partir da taxa de acerto, pode-se concluir que esse tipo de questão é um ponto importante e difícil entre os estudantes chineses.

Na pergunta V.2 (*Ele _____ (descansar) bastante nos últimos dias.*), as respostas erradas mais comuns são:

* *tinha descansado*

* *descansou*

* *descansava*

Na pergunta V.3 (*Nos últimos anos a produção de tratores _____*

(*aumentar*).), as respostas erradas mais comuns são:

* *tinha aumentado*

* *tem aumentado*

* *aumentou*

O uso do pretérito perfeito composto é sempre difícil para os alunos chineses. Parece simples, mas, na verdade, é suscetível de ser confundido com outro pretérito. Percebemos claramente, a partir das respostas erradas, que os erros mais comuns são: uso de tempo incorreto e flexão errada do particípio passado.

No nosso entender, os alunos confundem facilmente este tempo verbal com outros pela seguinte razão: apesar de terem aprendido vários tempos do passado na Universidade de Aveiro, na conversação quotidiana, usam essencialmente o pretérito perfeito simples, muito raramente o pretérito perfeito composto; já os alunos da China continental não aprendem esse tempo verbal, o que leva à impossibilidade de o usarem corretamente.

Na pergunta VI.4, “ 自从昨天开始, 猫咪一直在家睡觉。(复合过去完成时) ”.

* *Desde ontem, o gato estava a dormir na casa.*

* *Desde de ontem, o gato está dormindo na casa.*

* *Desde ontem, o gato tinha dormido em casa.*

* *Desde de ontem, o gato está dormindo na casa.*

Tal como nas duas perguntas anteriores (V.2 e V.3), o objetivo desta é analisar o uso do pretérito perfeito composto. Contudo, neste caso, o exercício consistia em traduzir para Português uma frase em Chinês. Comparativamente às questões de múltipla escolha e de preenchimento de lacunas, as questões de tradução refletem melhor, no nosso entender, a competência linguística em Português dos alunos estrangeiros. Esta questão revelou-se difícil para estudantes do grupo B, cuja taxa de acerto é de apenas 58,3%.

3.4.1. Análise comparativa do desempenho dos grupos A e B

De acordo com Pan (2014, p. 25), “a especulação pura que carece de comparação e indução não dará origem a novos conhecimentos. Mesmo para entusiastas

especulativos, o nascimento de novos conhecimentos depende da comparação. A dedução lógica depende da definição precisa de conceitos”.

A partir dos dados acima apresentados, é possível perceber que cada um dos grupos teve mais ou menos facilidade em resolver determinadas questões. Contudo, o grupo A, na globalidade, revelou um melhor desempenho. O gráfico que a seguir se apresenta revela-o claramente e permitir-nos-á resumir os fatores que levaram cada grupo a cometer erros:

comparação da taxa certa dos dois grupos

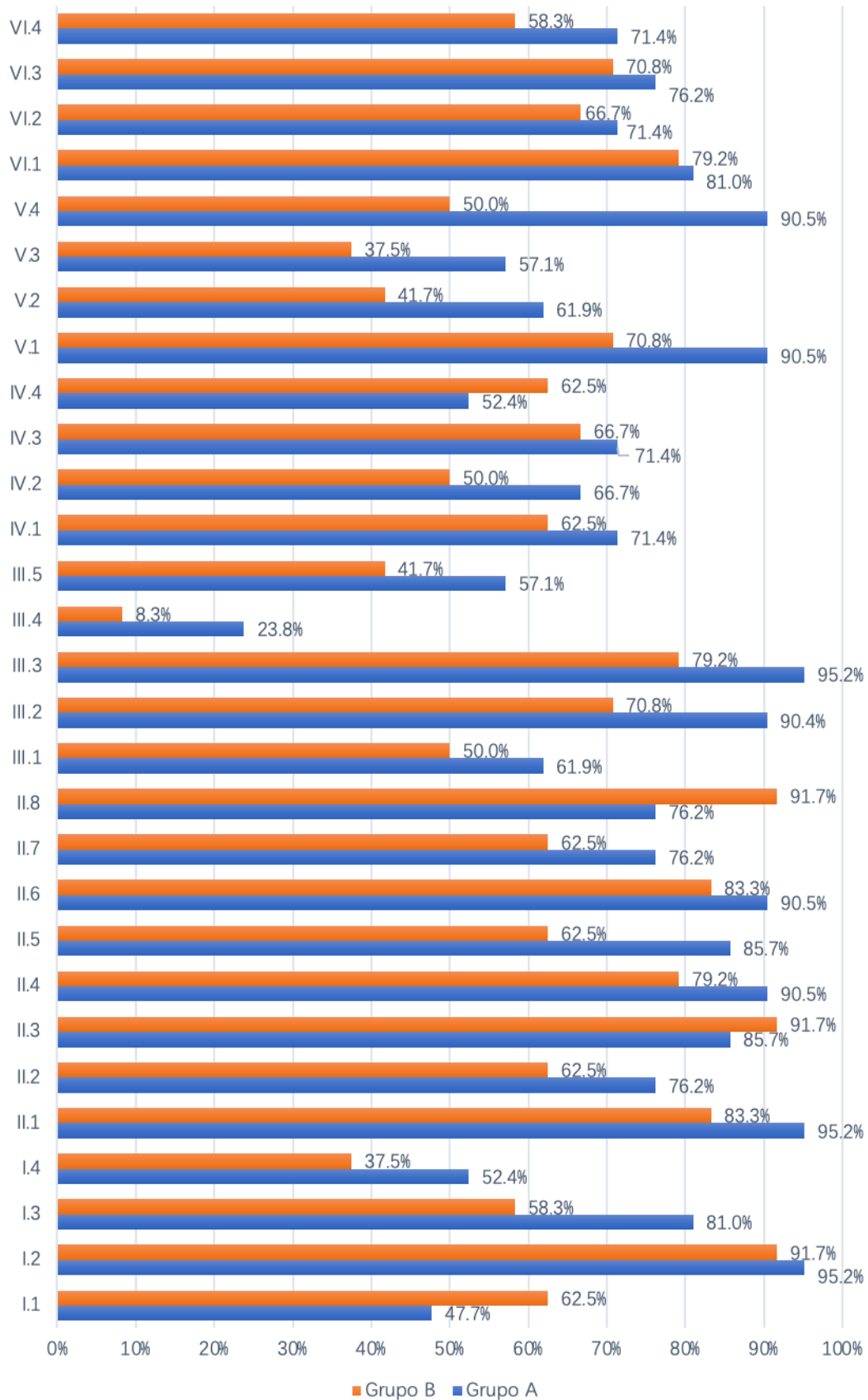


Gráfico 37: Comparação das taxas de acerto obtidas pelos dois grupos

Tal como esperávamos, e observando o gráfico, podemos ver que o Grupo A é melhor do que o Grupo B. Essa vantagem verifica-se em quase todos os tipos de exercícios. No entanto, num número muito reduzido de perguntas, as taxas de acerto do grupo B são mais elevadas do que as do grupo A. Constata-se, ainda, que, em alguns exercícios, os dois grupos revelaram dificuldades acrescidas. A constatação desta realidade permite-nos ter uma visão clara da situação atual do desempenho de aprendizagem dos alunos chineses de Português enquanto Língua Estrangeira. Permite-nos também procurar razões que expliquem os problemas observados e propor soluções correspondentes.

3.4.1.1. Exercícios com taxas de acerto mais díspares

O gráfico já mostrou o contraste entre os dois grupos. Nos exercícios 1.3, 2.2, 2.5, 3.2, 5.1 e 5.4, as taxas de acerto diferem bastante de grupo para grupo. As dificuldades que marcaram a diferença tiveram origem na escolha do tempo verbal, na seleção da pessoa verbal e na grafia de algumas palavras. Os alunos do grupo B confundiram os valores semânticos dos pretéritos e revelaram dificuldades em distinguir rapidamente o tempo, especialmente quando confrontados com vários tempos. Tornou-se mais fácil cometerem erros quando confrontados com a interferência de outros tempos passados, sobretudo no uso do pretérito perfeito.

3.4.1.2. Exercícios com taxas de acerto mais próximas

Noutros exercícios, verificou-se uma diferença mínima entre as taxas de acerto de ambos os grupos, o que acaba por refletir também o bom domínio do tópico gramatical por parte da generalidade dos inquiridos. Os exercícios 1.2, 2.1, 2.2, 2.3, 2.4, 2.6, 2.7, 2.8, 3.1, 4.1, 4.3, 6.1, 6.2 e 6.3 são aqueles em que se verificaram essas diferenças mínimas de desempenho, e envolvem todos os tempos passados do indicativo. Em 1.1, 2.3, 2.8 e 4.4, as taxas de acerto do grupo B são mais elevadas do que as do grupo A. As questões em causa avaliavam o uso dos pretéritos perfeito

simples, imperfeito e mais-que-perfeito.

Este resultado é surpreendente. De um modo geral, os alunos do Grupo A estão inseridos num ambiente linguístico favorável, porque estão em Portugal; os alunos que recebem instrução portuguesa num país de Língua Portuguesa terão sempre vantagens acrescidas no domínio da língua. Além disso, os recursos na China continental ao nível do ensino de Língua Portuguesa são relativamente diminutos. Essa escassez tem que ver sobretudo com o número de professores locais, de professores estrangeiros, com a alta mobilidade dos professores universitários, com a limitação dos materiais de ensino. Todos estes fatores influenciam menos positivamente o ambiente de aprendizagem da Língua Portuguesa na China. O mais marcante é que todos os alunos do grupo B estão em estágio de licenciatura universitária, por isso, é surpreendente que consigam superar os alunos do grupo A nas taxas de acertos alcançadas nessas questões.

3.5. Influência da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira

Além da capacidade de memorização, do ambiente e da proficiência linguística do próprio aluno, outros fatores poderão afetar a aprendizagem de uma língua estrangeira, como a língua materna. Vejamos, pois, em que medida o Mandarim poderá interferir na aprendizagem do Português enquanto língua estrangeira. Através de análise contrastiva, baseada na psicologia behaviorista de imitação, estímulo-resposta, considera a interferência da primeira língua como o fator mais importante e mais interventivo no processo de aquisição / aprendizagem da língua segunda. A este respeito, destacamos as manifestações da transferência (erros de interferência / transferência negativa e transferência positiva).

3.5.1. Fenómenos de interferência do Mandarim

Na aprendizagem de línguas estrangeiras, é difícil os alunos não serem influenciados pela sua língua materna. Este fenómeno é frequentemente referido como transferência de idioma ou transferência linguística. Na verdade, para estudantes universitários chineses que já dominam um nível bastante elevado de

Chinês, é impossível rejeitar completamente o idioma materno na aprendizagem da língua estrangeira, sobretudo quando essa aprendizagem se faz em ambiente absolutamente chinês. A aquisição, aprendizagem ou até mesmo ensino de línguas estrangeiras não pode ser separado da língua materna. Aliás, o ensino de línguas estrangeiras também pode beneficiar do conhecimento prévio da língua materna, permitindo ao professor e, por consequência, aos alunos alcançarem melhores resultados.

O estudo da transferência linguística é indissociável do método de análise comparativa, por outras palavras, a determinação das semelhanças e diferenças entre a língua nativa e a língua de objetivo passa sempre pela comparação entre os dois idiomas. Neste subcapítulo procuraremos fazer essa análise comparativa.

A família de línguas indo-europeias, à qual pertence o Português, é uma família bastante abrangente. As diversas línguas que a integram caracterizam-se por mudanças morfológicas nas palavras, que são, na verdade, o principal meio usado para expressar a relação combinada de vocábulos na construção de enunciados. Já o Chinês é uma língua analítica, em que não se verificam essas alterações ou mudanças morfológicas. Os dois princípios em que assenta a combinação de palavras são a ordem dessas mesmas palavras e o uso de partículas gramaticais. (Bai, 2017, p. 33.)

Neste subcapítulo, partindo da seleção de algumas questões do inquérito mais representativas, refletiremos sobre as diferenças entre o Português e o Chinês na expressão do pretérito. Cada exercício será apresentado em quatro formas: Chinês, pinyin³, tradução literal e tradução para Português.

Segundo Mai, Morais & Pereira (2019, p. 90, 94-95), os substantivos locativos indicam localização. Por exemplo, os substantivos locativos 上 shàng (*cima/passado*) e 前 qián (*frente/antes*) denominam o passado ou um tempo anterior ao momento da enunciação; já 下 xià (*baixo/próximo*) e 后 hòu (*trás/depois*) denominam o futuro ou um tempo posterior ao da enunciação. Aliás, 前 qián (*frente/antes*), 后 hòu (*trás/depois*)

³ O sistema Hanyu Pinyin (汉语拼音 Hànyǔ Pīnyīn) foi aprovado na China em 1958, com o objetivo de registrar graficamente a oralidade do Mandarim, utilizando letras latinas e os quatro sinais para indicar os tons. 《汉语语法》(Mai, Morais & Pereira, 2019, p. 42).

e alguns outros morfemas são usados com 天 tiān (*dia*) e 年 nián (*ano*) para formar tempos do passado e do futuro. Por exemplo: 前天 qiántiān (*anteontem*), 前年 qiánnián (*há dois anos*). Os substantivos locativos 上 shàng (*cima/passado*) e 下 xià (*baixo/próximo*) e outros morfemas são usados com 星期 xīngqī (*semana*), 周末 zhōumò (*fim-de-semana*), 月 yuè (*mês*) e os dias da semana para formar tempos do passado e do futuro. Por exemplo: 上 (个) 星期 shàng (gè) xīngqī (*semana passada*), 上 (个) 周末 shàng (gè) zhōumò (*fim de semana passado*).

Analisemos agora os seguintes exercícios:

Exercício 2.1

CH: 前天我 (去) 出差了。

PY: Qiántiān wǒ (qù) chūchāi le.

TL: Anteontem eu (ir) sair em missão part.asp.con.⁴ (了 le).

PT: Eu saí em missão anteontem.

Em primeiro lugar, quer a Língua Portuguesa quer a Língua Chinesa incluem o advérbio temporal 前天 qiántiān (*anteontem*), que associamos ao pretérito perfeito simples. Assim que vemos o advérbio, sabemos que coisas aconteceram no passado.

Em Mandarim, 了 le pode ser não apenas uma partícula aspetual conclusiva, como também uma partícula modal. Como partícula aspetual conclusiva, é usada para indicar uma ação concluída no passado; como partícula modal, indica confirmação. Cumprindo as regras gramaticais em Chinês, a ordem será: sujeito + predicado V + Part.asp.con.: 了 le

Podemos ver que o verbo 出差 chūchāi (*sair em missão*) não sofre qualquer alteração com a mudança de tempo. No entanto, em Português o verbo *sair* flexiona-se em número, pessoa e tempo. Pela tradução de Chinês para Português, constatamos que não há grande mudança na ordem gramatical; a maior diferença é que o verbo, em Português, para exprimir o passado, é conjugado no pretérito perfeito;

⁴ Abreviatura de partícula aspetual conclusiva 了 le.

em Mandarim, a mudança de tempo verbal faz-se com recurso à adição, após os verbos, de palavras que dão indicação desse mesmo tempo.

Exercício 5.2

CH: 最近他一直在休息。

PY: Zùijìn tā yìzhí zài xiūxi.

TL: Recentemente ele **sempre adv.asp.progress.** descansar.

PT: Ele tem descansado bastante nos últimos dias.

De acordo com a regra gramatical em Chinês, a ordem é: suj.+ ad.adv.: tempo + sempre: 一直 yìzhí+ adv.asp.progress.:在 zài + pred.:V+ (obj.). Mai, Morais & Pereira (2019, p. 261) lembram que “para indicar ações que começaram no passado e que têm ocorrido com frequência e se prolongam até a um determinado momento, usa-se normalmente o adjunto adverbial de tempo 一直 yìzhí (*sempre/em todo o tempo*). O advérbio aspetual do progressivo 在 zài (adv.asp. progress.) pode ser usado antes do verbo, para dar ênfase”.

Em Chinês, com exceção para os advérbios temporais, se quisermos expressar o significado de *recentemente*, *sempre*, deveremos adicionar as palavras 一直 yìzhí (*sempre*) e 在 zài (adv.asp.progress.) antes do verbo 休息 xiūxi (*descansar*). Esses dois elementos são componentes importantes no pretérito perfeito composto. Portanto, podemos concluir que não há necessidade de conjugar o verbo. São, por isso, expectáveis, nos exercícios 2.8, 5.2, 5.3, 6.4, etc., as dificuldades reveladas pelos alunos chineses na escolha e aplicação do tempo adequado.

Exercício 2.7

CH: 去年, 我每个星期六都学习普通话。

PY: qùnián wǒ měigè xīngqīliù dōu xuéxí pǔtōnghuà.

TL: Ano passado, eu todos os sábados estudar Mandarim.

PT: No ano passado, eu estudava Mandarim todos os sábados.

De acordo com Mai, Morais & Pereira (2019, p. 247), “uma ação habitual ou repetitiva no passado, em Chinês, expressa-se através do adjunto adverbial de tempo do passado. Não se usa a partícula 了^{le} (part.asp.con.).”

Ainda segundo os mesmos autores (p. 261), “as ações habituais ou repetidas no passado são indicadas pelo adjunto adverbial de tempo no passado ou pelo contexto que se situa no passado.” Na frase anterior, a locução *todos os sábados* indica uma ação habitual e repetida, e é uma palavra usada para expressar a ideia de frequência. Em Chinês, a regra é: sujeito + adjunto adverbial + predicado V.+ objeto. Tal como no exercício 2.7, o verbo 学习 ^{xuéxí} (*estudar*) não sofre qualquer mudança na sua forma. Em Chinês, expressamos comportamentos habituais e repetitivos adicionando apenas o adjunto adverbial 每个星期六 ^{měigè xīngqīliù} (*todos os sábados*). Portanto, quando os alunos chineses se deparam com a conjugação de verbos portugueses, eles sentem, quase sempre, bastantes dificuldades. Perante tantas variações na morfologia verbal, nem sempre sabem que forma usar. O mesmo se passa noutras questões de preenchimento de lacunas, como as perguntas 3.2, 3.4, 6.3 (pretérito imperfeito).

Exercício 4.2

CH: 当姐姐到家的时候, 我已经准备了晚饭。

PY: Dāng jiějiě dàojiā de shíhòu, wǒ yǐjīng zhǔnbèi le wǎnfàn.

TL: Quando a irmã chegar à casa, eu já preparar **Part.asp.con.** (了^{le}) o jantar.

PT: A Ana já tinha preparado/preparara o jantar, quando a irmã chegou a casa.

As ações concluídas antes de um referencial de tempo, no passado, podem ser indicadas pelo advérbio de tempo 已经 ^{yǐjīng} (*já*). Cumprindo as regras da gramática chinesa, temos: Contexto, Suj.+ advérbio de tempo 已经 ^{yǐjīng} + pred V. + part.asp.con. (了^{le}) + obj.

Na expressão do pretérito mais-que-perfeito quer em Português quer em Mandarim, existe um contexto: 当姐姐到家的时候 *Quando a irmã chegar à casa*. Na verdade, este contexto é um tempo de referência em relação às ações subsequentes. Por isso, este contexto é uma ação passada.

A expressão de uma ação/estado passado/a anterior a outra ação/estado também passado/a é especialmente óbvia na gramática portuguesa, mas não tanto na chinesa. No Português essa expressão faz-se através da conjugação verbal; no Chinês, como sabemos, não. Contudo, em Chinês, a expressão do significado do pretérito mais-que-perfeito pode completar-se através da oração subordinante. Na oração subordinante temos de adicionar o advérbio de tempo 已经 *yǐjīng* (*já*). Aqui, não precisamos de conjugar o verbo no tempo pretendido.

Por conseguinte, em comparação com o pretérito perfeito, as regras que ditam o uso do pretérito mais-que-perfeito são mais complexas. Quer a oração subordinante quer a subordinada exigem a conjugação dos respetivos verbos em tempos diferentes, para que o valor semântico do mais-que-perfeito seja, efetivamente perceptível. Por isso, é bastante expectável que os alunos chineses, também aqui, sintam mais dificuldades (como nas perguntas 2.6, 4.4, 6.2, etc.).

3.6. Semelhanças e diferenças entre o Chinês e o Português

Segundo Schneider & Schmitt (1998, p. 1):

“A comparação, enquanto momento da atividade cognitiva, pode ser considerada como inerente ao processo de construção do conhecimento nas ciências sociais. É lançando mão de um tipo de raciocínio comparativo que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais.”

Somente dominando as semelhanças e diferenças entre as duas línguas poderemos entender melhor as respetivas regras gramaticais e, assim, ter mais referência para o domínio de línguas estrangeiras.

3.6.1. Semelhanças

1. Ambos os idiomas têm a noção de pretérito do indicativo e ambos têm as suas próprias regras gramaticais para expressar o valor semântico dos diferentes pretéritos. O sistema nesta área é muito completo.

2. A ordem da sintaxe é muito clara: Suj.+ pred. V. + obj.

3. Existem alguns adjuntos adverbiais ou advérbios de tempo que reforçam o significado do pretérito, como advérbios de frequência, advérbios de tempo, etc.

3.6.2. Diferenças

1. Se desejarmos expressar em Chinês um tempo verbal, não o faremos por meio da conjugação do verbo, mas através da adição de alguns advérbios ou partículas gramaticais antes e depois do predicado (ou depois do objeto). Por exemplo: part.asp.con.: 了^{le}, 一直^{yìzhí} (*sempre*) e 在^{zài} (adv.asp.progress.), advérbio de tempo 已经^{yǐjīng} (*já*) etc. De acordo com as regras gramaticais do Português, os verbos podem ser conjugados em diferentes tempos, assumindo diferentes formas.

2. Em Chinês, apenas o pronome pessoal com a função de sujeito tem formas diferentes para o singular e o plural. No que respeita a outras palavras, para expressar o significado plural, recorreremos à adição de palavras de medida, numerais ou substantivos coletivos.

3. Em Português temos ainda de atender às regras de concordância, ou seja, as palavras e as categorias gramaticais não funcionam isoladamente, quer na frase, quer no discurso. Há, pois, que atender à concordância entre palavras (ou categorias), que pode dar-se no género, no número e na pessoa. (Borregana, 2004).

3.7. Estratégias facilitadoras da aprendizagem

Depois de termos concluído a licenciatura, levámos connosco tudo o que tínhamos aprendido para uma empresa estatal onde trabalhámos na área da tradução. Durante o período laboral, todo o trabalho de tradução relacionado com a empresa era feito por nós, desde a preparação de reuniões da empresa à tecnologia de projetos de

engenharia. Naquela época, a principal dificuldade era a tradução de correspondência. Comparada com a comunicação oral simples, era a competência mais difícil de atingir. A partir daí, apercebemo-nos das nossas lacunas ao nível do conhecimento da gramática, e a necessidade premente que sentíamos de evoluirmos nesse sentido impeliu-nos a investirmos na nossa formação.

Quando começámos a frequentar o curso de mestrado em Português Língua Estrangeira na Universidade de Aveiro, percebemos que muitas das dúvidas e obstáculos com que nos tínhamos deparado no nosso trabalho anterior poderiam ter sido resolvidas de outro modo. Depois de vários anos de experiência profissional, ao regressarmos à sala de aula para aprender de novo, percebemos que poderíamos melhorar e aperfeiçoar as nossas competências, sobretudo linguísticas.

Tendo refletido muito sobre tudo isto, depois de estudarmos as reais dificuldades dos alunos chineses na aprendizagem e uso correto da Língua Portuguesa, em particular, dos tempos verbais do passado, e baseados na nossa experiência pessoal enquanto aprendentes de Português como língua estrangeira, ocorre-nos, agora, sugerir algumas estratégias que poderão auxiliar outros alunos chineses de Língua Portuguesa:

1) Trabalho autónomo em duas vertentes, de acordo com diferentes ocasiões e ambientes:

i). Aprendizagem autónoma em contexto escolar. Em contexto escolar, a autonomia adquire-se através de um trabalho colaborativo entre professor e aluno. A autonomia deve ser alcançada através do treino e da consciencialização das suas estratégias, assim como da promoção das condições necessárias para a sua realização. A autonomia deve ser integrada no processo de ensino-aprendizagem desde cedo e constituir-se como objeto de práticas e de reflexão constantes. O aluno deve aprender a: organizar-se, desenvolvendo métodos de estudo (tomando notas, consultando materiais de apoio, elaborando dossiês); gerir o seu tempo, definindo prioridades na realização das tarefas e respeitando as instruções dadas pelo professor; procurar e utilizar os materiais disponíveis e fontes diversas de informação; ser capaz de pensar, testando soluções e fazendo escolhas.

ii). Construção de guiões para os professores e para os alunos – estrutura e finalidades. Os guiões para o professor seguem todos a mesma estrutura: identificação da atividade; especificação do público-alvo; competências a desenvolver; materiais e recursos; descrição da atividade; produtos a avaliar e sugestões de articulação com as outras disciplinas. Para os alunos, propõem-se tarefas diversificadas: a apresentação oral de capítulo de livro; pesquisa de informação e resposta a um questionário web; criação de um anúncio; construção de uma história com recurso a uma ferramenta livre da internet, etc. No final de cada guião, o aluno é convidado a pronunciar-se sobre as dificuldades sentidas e a dar a sua opinião sobre as tarefas (Teixeira, Silva, & Santos, 2011, pp. 50-52).

2) Foco na gramática

Os alunos devem fazer anotações nas aulas, prestar atenção ao uso da gramática, em particular, ao uso proficiente dos tempos verbais, e alargar o seu vocabulário.

3) Aprender Português com TIC⁵ e a televisão.

As escolas precisam de flexibilidade e inovação para projetar novos cursos e desenvolver formulários. Deve-se dar prioridade à educação digital e aos materiais televisivos, o que contribui para o sucesso da educação, por exemplo, os jogos interativos livres que permitem praticar, utilizar, expandir conhecimentos e habilidades, e que apresentam uma variedade de exercícios que visam as competências da leitura e da escrita e até o conhecimento explícito da língua. Demais, os alunos devem entrar em contacto com o Português em contexto lusófono e melhorar as suas competências nesta língua estrangeira, ouvindo os noticiários diários na TV, lendo anúncios nos jornais e ouvindo programas de rádio.

4) Estudar, utilizar e descobrir o centro de recursos

A internet disponibilizada nas bibliotecas das escolas permite o acesso a um conjunto imenso de recursos. Destacamos as bibliotecas de livros on-line, que possibilitam a leitura de texto – compreensão escrita – a sua audição – compreensão oral, etc.

5) Contacto com o vocabulário específico do ramo profissional que

⁵ Tecnologias de informação e comunicação.

pretendem seguir

Desse modo, os alunos desenvolvem a sua motivação pessoal, para que possam entrar rapidamente no mercado de trabalho; construção, comércio, educação, empresas de importação e exportação, indústria de comunicações, equipamentos médicos, venda de automóveis e pós-venda, são estas as áreas profissionais mais representadas no mercado em Língua Portuguesa.

6) Leitura de livros práticos na área da tradução Chinês-Português, tais como:

Gramática de língua chinesa para falantes de português, Culturas em diálogo – a tradução Chinês-Português, Curso Prático de Tradução Português-Chinês, Concordância Sino-Portuguesa de provérbios e frases idiomáticas, entre outros. Estes livros poderão ajudar os alunos de Língua Portuguesa a corrigir muitos problemas de tradução, especialmente em algumas áreas do conhecimento que são relativamente impopulares no momento.

Voltar a estudar em Portugal foi a decisão mais correta e significativa que tomámos na nossa vida. Hoje, depois de estudarmos a Língua Portuguesa na Universidade de Aveiro, em ambiente lusófono, portanto, podemos afirmar que aprendemos muitas coisas novas sobre a língua, mais abrangentes e mais úteis do que as que tínhamos aprendido antes, entre outras, o valor semântico do pretérito mais-que-perfeito, a conversão do discurso direto em indireto e vice-versa, expressões idiomáticas, património e cultura portuguesas.

Não obstante a existência de muitas falhas no processo de aprendizagem, aprendemos muito nos últimos dois anos. O conhecimento adquirido veio preencher muitas das nossas lacunas. Estamos, por isso, ansiosos por abraçar ainda mais desafios e seguir novos rumos relacionados com a Língua Portuguesa.

Conclusão

Com a presente dissertação, quisemos estudar as dificuldades que os alunos chineses de Português Língua Estrangeira tendem a sentir no uso dos diferentes tempos pretéritos do indicativo.

Assim, no Capítulo 1, dedicado ao enquadramento teórico do tópico gramatical, com base na bibliografia recolhida e lida sobre o tema, depois de recuperarmos algumas noções de âmbito mais geral relativas à classe morfológica do verbo (flexões; classificação; conjugações; estrutura), descrevemos a formação e o emprego dos vários tempos do pretérito do indicativo (perfeitos simples e composto; imperfeito; mais-que-perfeitos simples e composto). Esta reflexão teórica permitiu-nos completar e aprofundar conhecimentos prévios sobre a flexão verbal, mais concretamente, sobre a flexão e os empregos dos tempos do passado em Português.

Na sequência dessa reflexão, no Capítulo 2, com base na localização temporal da situação descrita pelas formas verbais, estabelecemos a distinção semântica entre os vários tempos do pretérito. Esta análise comparativa permitiu-nos ter uma noção mais clara e mais exata do valor semântico de cada um deles, indispensável ao seu bom uso.

No capítulo 3, após uma caracterização geral do inquérito lançado a aprendentes chineses de Português que serviu de base a este nosso trabalho de investigação, procedemos à apresentação e análise dos dados colhidos. A caracterização sociolinguística dos inquiridos (idade, sexo, língua materna, tempo de aprendizagem do PLE, língua usada em contexto lusófono, grau de ensino e expectativas no campo profissional; proficiência linguística em Língua Portuguesa) era essencial para melhor percebermos as razões que poderão explicar as suas dificuldades. Num segundo momento, a partir dos resultados obtidos pelos inquiridos na resolução dos exercícios propostos na segunda parte do inquérito, comparando os grupos A e B, identificámos os erros mais comuns. Com base nas taxas de acerto alcançadas em cada grupo, percebemos que os alunos que estudam em ambiente lusófono têm uma melhor compreensão do tópico em análise do que os alunos que nunca viveram essa

experiência. A taxa de acerto média dos alunos que aprendem Português em Portugal corresponde a 71,26%, e a taxa de acerto média dos alunos que nunca estiveram ou viveram em ambiente lusófono corresponde a 63,22%. Embora pudessem ser ainda melhores, no que respeita aos alunos chineses em Portugal, os resultados obtidos derivam do ambiente linguístico mais favorável à aprendizagem do Português, da disponibilidade de materiais de ensino mais completos. Foram várias as dificuldades detetadas: a confusão entre os vários tempos do passado e, portanto, o seu uso incorreto; a incapacidade de conjugar corretamente os verbos, o que pode levar a que o tempo verbal usado seja o correto, mas a conjugação, por exemplo, em pessoa, esteja incorreta.

Neste capítulo, identificámos ainda possíveis fenómenos de interferência do Mandarim na aprendizagem do pretérito em Português, tendo em conta as semelhanças e diferenças entre as duas línguas. Comparando a expressão do passado em Chinês e Português, concluímos que, embora as duas línguas apresentem semelhanças na ordem gramatical, (sujeito + predicado V + objeto), está longe de existir uma completa correspondência entre as duas línguas no que respeita à classe morfológica dos verbos. Sabendo que as regras gramaticais do Português são muito distintas das da sua língua materna, os alunos evitam o máximo possível usar a lógica do pensamento gramatical chinês na aprendizagem e uso da língua estrangeira. Por conseguinte, para eles, torna-se muito difícil dominar a conjugação e o valor semântico de todos os tempos do pretérito.

Em resposta aos problemas e ao *status quo* identificados, e com base na nossa própria experiência pessoal enquanto aprendentes de Português, apresentámos algumas estratégias que julgamos poderem vir a descomplicar a aprendizagem do tópico gramatical e auxiliar os professores a compreenderem melhor as dificuldades dos seus alunos, atingindo com mais facilidade o difícil objetivo de combinar a teoria com a prática educacional. Mantemos a esperança de que o objeto de estudo desta dissertação seja, no futuro, alvo de outras e mais profundas reflexões, e acalentamos o desejo de que o ensino do Português se enraíze e floresça na China, como o rigoroso e já maduro ensino do Inglês.

Bibliografia

- Alves, A. C. (2016). *Culturas em diálogo: A tradução Chinês-Português*. Macau: Universidade de Macau.
- Bai, Z. L. (2017) 《新著汉语语法》 (*Gramática Chinesa de Compilação Nova*). 出版社: 商务印书馆 (Beijing: The Commercial Press).
- Carrancho, A. (2005). *Metodologia da Pesquisa Aplicada à Educação*. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora.
- Corder, S. P. (1981). *Error Analysis and Interlanguage*. London/New York: Oxford University Press.
- Coimbra, R. L. (2016). *40739 Gramática e Comunicação II.- apontamentos e folhas de trabalho*.
- Cunha, C. & Cintra, L. (2016). *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora.
- Cunha C. & Cintra, L. (1990). *Nova Gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edição João Sá da Costa.
- Ilharco, F. (2019, maio 9). A vantagem de errar [artigo de opinião]. Retirado de: <https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/fernando-ilharco/detalhe/a-vantagem-de-errar>
- Li, F. (2010). *Grande Gramática Portuguesa Explicada*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Li, Y. W. (2019). *Pretéritos perfeito simples e imperfeito: dificuldades para aprendentes chineses* (Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro). Retirado de: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/26694/1/documento.pdf>
- Teixeira, M., Silva, I. & Santos, L. (2011). *Novos desafios no ensino do português*. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém.
- Mai, R., Morais, C. & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para os Falantes de Português*. Aveiro: UA Editora.
- Malcata, H. (2014) *Português Atual 3*. Lisboa: Lidel.
- Pan, W. (2014). 《比较政治学理论和方法》 (*Teoria e Método da Política Comparada*). 出版社: 北京大学出版社 (Beijing: Peking University Press).

- Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português, Vol. I*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Schneider, S. & Schmitt, C. J. (1998). O uso do método comparativo nas ciências sociais. *Cadernos de Sociologia*, v 9, p1. Retirado de: <https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2018/08/schneider-schmitt-1998-o-uso-do-metodo-comparativo-nas-ciencias-sociais.pdf>
- Wang, S. Y. & Lu, Y. B. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Xangai: Xangai Foreign Language Education Press.
- Wang, S. Y. (2001). *A Língua Portuguesa na China*. Retirado de: http://varialing.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/WANG_PLE1.pdf
- Xu, Y. (2019). *Estudo sobre o uso de pronomes pessoais por alunos chineses e Portugueses* (Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro). Retirado de: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/26700/1/documento.pdf>
- Ye, Z. L. (2008). *Português num Instante*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.

Inquérito

Este inquérito é anónimo e destina-se a um trabalho de investigação no âmbito de uma dissertação de mestrado. Dada a importância da sua resposta, faça o favor de preencher cuidadosamente. Obrigada pela sua colaboração.

此问卷调查采用不记名方式，用于硕士论文研究项目。鉴于研究工作的重要性，请您仔细填写，非常感谢您的合作。

Parte A - Informação sociolinguística

1. Idade: _____
2. Sexo: M F
3. Língua Materna: _____
4. Há quantos anos estuda Português? _____
5. Qual é a língua que mais utiliza no quotidiano? _____
6. Você está a frequentar um curso de licenciatura ou de mestrado? _____
7. Em que área deseja trabalhar após a terminar o curso? (empresa de construção, funcionário público, professor, grande empresa privada, empresa de importação e exportação, etc.) _____
8. Como avalia o seu nível de proficiência da Língua Portuguesa enquanto língua estrangeira? (entre o nível A1 e C2) _____

Parte B - Exercícios

I. Com base nos seus conhecimentos sobre o emprego dos tempos pretéritos do indicativo, escolha a opção correta

1. O pretérito perfeito simples do indicativo usa-se para
 - a) exprimir uma ação anterior a outra que também é passada.
 - b) descrever ou retratar eventos passados e terminados.

2. O **pretérito imperfeito do indicativo** indica
- c. o que vai acontecer.
 - d. uma ação contínua no passado ou que estava a ocorrer quando outra ação passada ocorreu, outra ação em andamento.
3. O **pretérito mais-que-perfeito do indicativo** use-se para
- c. denotar uma ação ou comportamento frequente e repetitivo no passado.
 - d. indicar uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada.
4. O **pretérito perfeito composto do indicativo** forma-se
- c. conjugando o presente do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver* + participípio passado do verbo principal.
 - d. conjugando do pretérito do perfeito do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver* + participípio passado do verbo principal.

II. Complete as frases seguintes, escolhendo a opção correta.

1. Eu ___ em missão anteontem.
- saí saía
2. Antigamente eles _____ muitas vezes ao cinema.
- foram iam
3. Quando ela _____, eu _____ jantar.
- entrou, estive a entrou, estava a
4. A Paula disse-me que _____ minha prenda de Natal.
- tinha recebido recebeu
5. Ele antigamente _____ em Pequim.
- vivia viveu
6. Ele já _____ a porta quando eu cheguei.
- tinha fechado fechou
7. No ano passado, eu _____ Mandarin todos os sábados.
- estudava tenho estudado
8. Ultimamente, o João _____ a partir das 10 horas da manhã.

estudou

tem estudado

III. Complete as frases, usando o pretérito perfeito simples ou o pretérito imperfeito do indicativo.

1. A menina e o pai _____ (sentar-se) no sofá anteontem.
2. Eu _____ (ter) 10 anos quando vim para Portugal com os meus pais.
3. A filha da Maria _____ (nascer) de madrugada.
4. Ele perguntou-me se eu sabia quando é que eles _____ (chegar) a Portugal.
5. O avô _____ (dar) um livro à filha no dia de anos.

IV. Complete as frases, usando o pretérito perfeito simples ou pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

1. Ontem nós _____ (receber) uma carta cheia de erros ortográficos.
2. A Ana já _____ (preparar) o jantar, quando a irmã chegou à casa.
3. A minha prima _____ (arranjar) um trabalho numa empresa de importação e exportação.
4. Quando cheguei para fazer compras, o supermercado _____ (fechar).

V. Complete as frases, usando o pretérito perfeito simples ou pretérito perfeito composto do indicativo.

1. Quando o gato _____ (miar), ela estava a ver televisão.
2. Ele _____ (descansar) bastante nos últimos dias.
3. Nos últimos anos, a produção de tratores _____ (aumentar).
4. Anteontem _____ (ser) o dia do meu aniversário.

VI. Traduza as frases seguintes para Português, usando o pretérito perfeito simples/composto, o pretérito imperfeito ou o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (note o tempo usado entre parênteses).

1. 上周我去图书馆了。（陈述式过去完成时）

2. 当我到达电影院的时候，安娜已经到了。（陈述式先过时）

3.去年，他每个周末都去听演讲。（陈述式过去未完成时）

4.自从昨天开始，猫咪一直在家睡觉。（复合过去完成时）

Soluções

Parte B

I.

I.1 b)

I.2 b)

I.3 b)

I.4 a)

II.

II.1 a)

II.2 b)

II.3 b)

II.4 a)

II.5 a)

II.6 a)

II.7 a)

II.8 b)

III.

III.1 sentaram-se

III.2 tinha

III.3 nasceu

III.4 chegavam

III.5 deu

IV.

IV.1 recebemos

IV.2 tinha preparado / preparara

IV.3 arranjou

IV.4 tinha fechado / fechara

V.

V.1 miou

V.2 tem descansado

V.3 tem aumentado

V.4 foi

VI.

VI.1 Eu fui à biblioteca na semana passada.

VI.2 Quando cheguei ao cinema, a Ana já tinha / havia chegado.

VI.3 No ano passado, ele foi ouvir palestras todos os fins-de-semana.

VI.4 Desde ontem, o gato tem dormido em casa.